



Universidade de Brasília
Instituto de Letras
Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas
Programa de Pós-Graduação em Linguística

José Ronaldo Sousa Kizam da Silva

REPRESENTAÇÕES DISCURSIVAS DO SETOR DE DIVERSÕES SUL NO
JORNAL *CORREIO BRAZILIENSE* (1960-1979):
“noites alegres e sujas” de Brasília

Brasília – DF

2023

José Ronaldo Sousa Kizam da Silva

**REPRESENTAÇÕES DISCURSIVAS DO SETOR DE DIVERSÕES SUL NO
JORNAL *CORREIO BRAZILIENSE* (1960-1979):
“noites alegres e sujas” de Brasília**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Instituto de Letras, Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Linguística, área de concentração *Linguagem e Sociedade*.

Orientadora: Profa. Dra. Viviane Cristina Vieira.

Brasília – DF

2023

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

KK62r Kizam da Silva, José Ronaldo Sousa
Representações discursivas do Setor de Diversões Sul no
Jornal Correio Braziliense (1960-1979): "noites alegres e
sujas" de Brasília / José Ronaldo Sousa Kizam da Silva;
orientador Viviane Cristina Vieira. -- Brasília, 2023.
100 p.

Dissertação (Mestrado em Linguística) -- Universidade de
Brasília, 2023.

1. Análise de Discurso Crítica. 2. Discurso. 3. Setor de
Diversões Sul. 4. Território. 5. Cidades. I. Vieira, Viviane
Cristina, orient. II. Título.

José Ronaldo Sousa Kizam da Silva

**REPRESENTAÇÕES DISCURSIVAS DO SETOR DE DIVERSÕES SUL NO
JORNAL *CORREIO BRAZILIENSE* (1960-1979):
“noites alegres e sujas” de Brasília**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Instituto de Letras, Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Linguística, área de concentração *Linguagem e Sociedade*.

COMISSÃO AVALIADORA:

Profa. Dra. Viviane Cristina Vieira
Universidade de Brasília (UnB-PPGL)
Presidenta da Comissão Examinadora

Profa. Dra. Sinara Bertholdo de Andrade
Secretaria da Educação de Goiás (Seduc-GO)
Membro externo

Profa. Dra. Viviane de Melo Resende
Universidade de Brasília (UnB-PPGL)
Membro interno

Profa. Dra. Sandra Rodrigues Sampaio Campêlo
Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF)
Membro suplente

Dedico este trabalho
aos meus pais, Ronaldo e Tatiana,
ao meu irmão, Ronald,
à minha família,
aos meus amigos e amigas,
à minha orientadora, Viviane,
aos meus professores,
aos moradores do DF e
aos residentes do Conic.

“A cidade expunha seus homens e mulheres da madrugada. E quando é madrugada até um cachorro na praça da República fica mais belo”.

João Antônio

RESUMO

Nesta dissertação, temos como principal objetivo investigar aspectos das ações e relações em textos do jornal Correio Braziliense que representam discursivamente o Setor de Diversões Sul nas décadas de 1960 e 1970. O Setor de Diversões Sul, idealizado por Lúcio Costa (1957), é investigado como um espaço instigante ao imaginário brasiliense e desqualificado por não corresponder às intenções de ocupação e de apropriação manifestadas no seu projeto (Nunes, 2009; Rezende, 2014). A partir dos pressupostos teóricos e metodológicos da Análise de Discurso Crítica (Fairclough, 2003; Vieira; Resende, 2016), investigamos como discursos particulares atuam na dimensão constitutiva social das territorialidades urbanas e das identidades socioculturais que se afastam e se aproximam desses territórios que compõem as cidades. Para tanto, utilizamos, principalmente, as categorias propostas por van Leeuwen (2008) relacionadas aos modos de recontextualização do espaço nos textos jornalísticos, por possibilitarem o estudo das representações do espaço-tempo urbano e de seu uso, que estão ligadas a simbolismos, interesses e práticas de controle de grupos sociais particulares. Para geração de dados, utilizamos o acervo de periódicos da Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional, com enfoque nos textos veiculados pelo Correio Braziliense nas décadas de 1960 e 1970, consideradas os períodos de ascensão e declínio social deste centro comercial. A recontextualização do projeto urbanístico é produzida nos textos jornalísticos de forma a legitimar práticas sociais e modos específicos de ocupação nos espaços da capital federal, com associação a simbolismos de violência e de decadência moral e influência de outros domínios discursivos, em particular, os associados ao discurso urbanístico, com incorporação de elementos sobre planejamento e desenvolvimento urbano.

Palavras-chave: análise de discurso crítica; discurso; setor de diversões sul; território; cidades.

ABSTRACT

In this dissertation, our aim is to investigate aspects of the actions and relations in texts from Newspaper *Correio Braziliense* that represent discursively Setor de Diversões Sul in the decades of 1960s and 1970s. Setor de Diversões Sul, conceived by Lúcio Costa (1957), is investigated as an enticing space to the imaginary of the people of Brasília and dismissed for not corresponding to the occupation and appropriation intentions manifested in its project (Nunes, 2009; Rezende, 2014). Considering the theoretical and methodological bases of Critical Discourse Analysis (Vieira; Resende, 2016), we investigated how particular discourses act in the social constitutive dimension of social urban territorialities and sociocultural identities that move away from and closer to these territories that make up the cities. For this purpose, we mainly used the categories proposed by van Leeuwen (2008) related to the modes of recontextualization of space in journalistic texts, as they enable the study of representations of urban space-time and its usage, which are intertwined with symbolism, interests, and control practices of particular social groups. For data generation, we utilised the collection of periodicals from the Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional, focusing on texts published by the *Correio Braziliense* in the decades of 1960s and 1970s, considered the periods of social ascent and decline of this commercial centre. The recontextualisation of the urbanism project is developed in journalistic texts to legitimise social practices and particular modes of occupation in the spaces of the federal capital, associating them with symbolism of violence and moral decline, and influence from other discursive domains, particularly those related to urban discourse, incorporating elements of urban planning and development.

Keywords: critical discourse analysis; discourse; setor de diversões sul; territory; cities.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Vista do Setor de Diversões Sul	16
Figura 2 – “Como funciona o Conic”	17
Figura 3 – Construção do Setor de Diversões Sul	19
Figura 4 – No centro do centro de Brasília	20
Figura 5 – Inauguração do Cine Teatro Venâncio Jr. e do Cine Atlântida	21
Figura 6 – Onde a cidade cresce	22
Figura 7 – Anúncio Conic	23
Figura 8 – Anúncio Edifício Venâncio IV	25
Figura 9 – Cine Venâncio Jr.	26
Figura 10 – Cine Ritz	26
Figura 11 – Anúncio Bataklan	27
Figura 12 – Setor de Diversões, uma tristeza	28
Figura 13 – A nossa “Boca do Lixo”	29
Figura 14 – Página inicial da BNDigital	35
Figura 15 – Correio Braziliense (DF) - 1960 - 1969	36
Figura 16 – Correio Braziliense (DF) - 1970 - 1979	36

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Catalogação dos textos do Correio Braziliense.....	37
Quadro 2 – Etapas de análise crítico-explanatória.....	38
Quadro 3 – Corpus para análise crítico-explanatória - 1960 - 1969.....	40
Quadro 4 – Corpus para análise crítico-explanatória - 1970 - 1979.....	40
Quadro 5 – Corpus complementar para análise de conjuntura social - 1960 - 1980.....	41
Quadro 6 – Categorias discursivas para análise crítico-explanatória.....	41
Quadro 7 – Gramática do espaço.....	48
Quadro 8 – Estrutura formal da notícia.....	62
Quadro 9 – Dados referentes à macrocategoria intertextualidade.....	64
Quadro 10 – Dados referentes ao recurso discursivo comparação.....	65
Quadro 11 – Dados referentes ao recurso discursivo paráfrase.....	66
Quadro 12 – Dados referentes ao recurso discursivo metáfora.....	68
Quadro 13 – Dados referentes à macrocategoria de representação do espaço (espacialização)	69
Quadro 14 – Dados referentes à macrocategoria de representação do espaço (funções)	72
Quadro 15 – Dados referentes à macrocategoria de representação do espaço (legitimação)	73
Quadro 16 – Dados referentes à macrocategoria de representação do espaço (significados)	76
Quadro 17 – Dados referentes à macrocategoria de representação do espaço (enquadramento)	77
Quadro 18 – Síntese dos resultados da análise crítico-explanatória.....	81

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ADC	Análise de Discurso Crítica
ArPDF	Arquivo Público do Distrito Federal
Conic	Companhia de Construção, Indústria e Comércio
DF	Distrito Federal
ECD	Estudos Críticos do Discurso
FBT	Fundação Brasileira de Teatro
SDS	Setor de Diversões Sul
UnB	Universidade de Brasília

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO.....	12
2 O SETOR DE DIVERSÕES SUL.....	16
2.1 A configuração do centro comercial.....	16
2.2 A construção do centro comercial.....	18
2.3 Diversão às avessas - A (des)ocupação do centro comercial.....	24
3 METODOLOGIA.....	30
3.1 A pesquisa qualitativa.....	30
3.2 O jornal Correio Braziliense.....	31
3.3 Justificativa de pesquisa.....	33
3.4 Coleta e sistematização de dados.....	35
3.5 Objetivos, etapas e categorias de análise crítico-explanatória.....	37
4 APORTE TEÓRICO.....	43
4.1 Textos como instâncias sociodiscursivas.....	43
4.2 A urbanidade do discurso e o discurso da urbanidade.....	46
4.3 A dimensão simbólico-discursiva da territorialidade.....	50
4.4 As relações de poder-ação da prática jornalística.....	55
5 ANÁLISE DE DADOS TEXTUAIS-DISCURSIVOS.....	64
5.1 Representação da fase inicial do Setor de Diversões Sul.....	64
5.2 Representação da fase estigmatizada do Setor de Diversões Sul.....	70
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	80
REFERÊNCIAS.....	84
ANEXO A – Planta do Setor de Diversões Sul.....	88
ANEXO B – Humanização de Brasília.....	89
ANEXO C – Brasília.....	90
ANEXO D – Visto, lido e ouvido.....	91
ANEXO E – Mais cinemas.....	92
ANEXO F – O Setor de Diversão Sul vem aí.....	93
ANEXO G – Obras intermináveis e assaltos ainda marcam o Setor de Diversões Sul	94
ANEXO H – Ratos invadem Setor de Diversões Sul.....	95
ANEXO I - Setor de Diversões continua enfrentando diversos problemas.....	96
ANEXO J – SDS: imagem feia de Brasília.....	97
ANEXO K – As noites alegres (e sujas).....	98
ANEXO L – Crise no Setor de Diversões.....	99

1 APRESENTAÇÃO

O Setor de Diversões Sul (SDS) foi idealizado como uma área de destaque no projeto da capital modernista, aquele que, na concepção de Lúcio Costa, deveria se consolidar como um *boulevard* nos moldes das cidades europeias (Nunes, 2009). Segundo o Relatório do Plano Piloto (1957), ele se concentraria entre o cruzamento dos eixos monumental e rodoviário, na plataforma livre do tráfego, onde seriam instaladas várias casas de espetáculos ligadas entre si, articuladas a pequenos pátios com bares e cafés, e galerias na parte dos fundos, “tudo no propósito de propiciar ambientes adequados ao convívio e à expansão” (Costa, 1957).

Parte considerável dos registros jornalísticos à época relatava a relevância que tinha a construção do centro de diversões para a consolidação do plano de Lúcio Costa e para que a cidade não fosse “sem coração”, “sem alma” (Correio Braziliense, 13 ago. 1969), um dos (vários) motivos que serviam para que aqueles que não gostavam da nova capital atacá-la. Prometia-se e esperava-se que o SDS apresentasse o seco e pueril cerrado com urbanização em seu mais elevado nível de sofisticação, uma releitura singular da boemia carioca e do cosmopolitismo europeu e norte-americano.

A instauração de Brasília prenunciava “a possibilidade de um novo homem naquele espaço novo” (Nunes, 2009), um modelo de sujeito hegemônico padrão/ideal/socialmente desejado, com as condições materiais necessárias para habitá-la. O percurso do Rio de Janeiro até a cidade planejada de Juscelino Kubitschek angariou oponentes por todo o país e, para respondê-los, precisaram que as instituições midiáticas se colocassem a favor e a serviço da publicidade necessária para o sucesso do projeto modernista em desenvolvimento. Assim, a mídia impressa se apresentou como um componente fulcral na transferência da capital político-administrativa do Brasil para o seu território central.

Segundo Nunes (2009), em seus primeiros anos de ocupação, o SDS atraiu órgãos públicos e embaixadas, ainda em fase de implantação na cidade com as suas sedes em construção, as quais inspiraram a presença de restaurantes, bares e lojas sofisticadas, em vias de concretizar a sua proposta original. À medida em que as embaixadas foram sendo transferidas para as suas sedes definitivas, “o Conic¹ experimenta rapidamente um processo de esvaziamento de suas funções e muda devagar o uso de suas instalações” (Nunes, 2009, p. 19). A consolidação de outros centros de diversões somada à queda do valor dos aluguéis e à proibição de vendas na Rodoviária propiciou a instalação de bares no SDS, transferindo também seus frequentadores para o novo endereço (Rezende, 2014).

¹ Companhia de Construção, Indústria e Comércio (Conic).

Do meio para o fim da década de 1970, a situação da área mais privilegiada da cidade era submetida a denúncias e relatos de problemas de conservação e frequência. Tornava-se o espaço de encontro de trabalhadores médios, boêmios, *hippies*, prostitutas, michês, travestis e homossexuais, principalmente ao cair da noite. Ao se depararem com um espaço que dispunha de práticas tão heterogêneas, opostas ao que preconizavam seus valores e filtros sociais, os moradores do Plano Piloto viam ali um submundo em formação. Escritos como “durante o dia quase não há muita coisa, o pior é mesmo à noite quando junta maconheiro, travesti e prostituta: aí a barra pesa” (Correio Braziliense, 10 out. 1982) ou “a partir das 20 horas, isto aqui se transforma em boca de lixo, em submundo” (Correio Braziliense, 28 mar. 1979), publicados pelo jornal *Correio Braziliense*, davam corpo a uma espécie de mito urbano.

A vida no SDS era, então, estigmatizada no imaginário hegemônico brasiliense e justificava a estigmatização de quem ousasse ocupá-la. O coração da cidade se transmutava em um coração doente, um espaço de crise, abominação e insatisfação. Conforme o propósito de discutir o aspecto semiótico-discursivo do histórico de ocupação deste espaço social, delineamos as seguintes questões de pesquisa:

- a) Como a articulação do projeto urbanístico do SDS no discurso midiático contribuiu para a representação discursiva desse território?
- b) Como o espaço-tempo, as práticas e os atores sociais que compõem o SDS são representados no discurso midiático?
- c) Quais as relações causais de poder-ação implicadas nos textos jornalísticos?

O objetivo geral desta dissertação é investigar aspectos das ações e relações em textos do jornal *Correio Braziliense* que representam discursivamente o Setor de Diversões Sul nas décadas de 1960 e 1970.

Os objetivos específicos são:

- a) Identificar os movimentos retóricos situados dos textos jornalísticos e as relações de poder-ação implicadas nessa prática particular;
- b) Analisar a articulação do projeto urbanístico do SDS no discurso midiático e sua contribuição na representação desse território;
- c) Investigar como o espaço-tempo, as práticas sociais e os atores sociais do SDS são representados e identificados nos textos do *Correio Braziliense*.

Por fim, para alcançarmos tais objetivos, este trabalho está organizado da seguinte forma:

Na seção 2, *O Setor de Diversões Sul*, busco contextualizar informações sobre o principal centro comercial e cultural de Brasília: o SDS. Meu objetivo é refletir sobre o seu

plano-diretor, elaborado por Lúcio Costa (1957), sua configuração física e arquitetônica, histórico de venda de lotes, divisão e construção, bem como os processos de ocupação e desocupação de seus espaços, tratando de como, historicamente, a realidade se impôs ao imaginado (Nunes, 2009). Faço, aqui, uma análise da conjuntura político-social da época e de aspectos da prática discursiva do jornal *Correio Braziliense* nas décadas de 1960 e 1970. Na medida das possibilidades de alcance da pesquisa documental predominantemente sincrônica, as análises apoiam-se em *corpus* complementar dos estudos de Souza (1993), Nunes (2009) e Rezende (2014) e de matérias veiculadas pelo *Correio Braziliense*.

Na seção 3, *Metodologia*, descrevo os procedimentos de coleta, sistematização e análise de dados textuais-discursivos, fundamentados pelas concepções teórico-metodológicas da pesquisa qualitativa e da pesquisa em Análise de Discurso Crítica (ADC). Listo, também, os textos veiculados pelo jornal *Correio Braziliense* que incorporam o *corpus* e os movimentos discursivos pertinentes para elucidar as questões de interesse descritas no problema e nos objetivos de pesquisa.

Na seção 4, abordo os pressupostos teóricos-metodológicos da ADC, buscando mapear conexões entre o social e discursivo, tendo em vista seus efeitos sociais. A partir da ADC, foco nas materializações discursivas que explicitam a relação, muitas vezes ideológica, entre os textos, eventos, práticas e estruturas sociais. E também abordo os textos jornalísticos como mediadores dos modos de significar a vida e os espaços das cidades, identificando as relações de poder-ação implicadas nessa prática particular.

Na seção 5, analiso a articulação do projeto urbanístico do SDS no discurso midiático e as representações do espaço-tempo, das práticas e dos atores sociais desse território. A análise textual-discursiva está concentrada em dois períodos: 1) durante toda a década de 1960, considerada a fase inicial do centro comercial, e 2) durante os anos finais da década de 1970, considerados parte de sua fase decadente.

Na última parte, sintetizo os resultados da pesquisa e teço reflexões críticas sobre esta investigação do espaço urbano a partir de sua dimensão discursiva (e o discurso a partir de sua dimensão urbana) para o entendimento do mundo social e das relações de poder, dominação e subordinação.

Este trabalho foi realizado com apoio da Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal (FAP-DF). Vincula-se ao Mestrado do Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade de Brasília (UnB), inserido na área de concentração Linguagem e Sociedade, na linha de pesquisa Discursos e Recursos Sociossemióticos em Perspectiva Crítica e no projeto de pesquisa Discurso e sistema colonial-moderno de gênero: letramentos críticos, coordenado

pela professora Viviane Cristina Vieira, vinculado ao Laboratório de Estudos Críticos do Discurso (LabEC-UnB).

2 O SETOR DE DIVERSÕES SUL

Figura 1 – Vista do Setor de Diversões Sul



Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal (ArPDF)

Na seção 2, *O Setor de Diversões Sul*, busco contextualizar informações sobre o principal centro comercial e cultural de Brasília: o SDS. Meu objetivo é refletir sobre o plano-diretor, elaborado por Lúcio Costa (1957), sua configuração física e arquitetônica, histórico de venda de lotes, divisão e construção, bem como os processos de ocupação e desocupação de seus espaços, tratando de como, historicamente, a realidade se impôs ao imaginado (Nunes, 2009). Faço, aqui, uma análise da conjuntura político-social da época e de aspectos da prática discursiva do jornal *Correio Braziliense* nas décadas de 1960 e 1970. Na medida das possibilidades de alcance da pesquisa documental predominantemente sincrônica, as análises apoiam-se em *corpus* complementar dos estudos de Souza (1993), Nunes (2009) e Rezende (2014).

2.1 A configuração do centro comercial

O SDS é um centro comercial localizado na área central de Brasília, próximo ao Setor Hoteleiro Sul e à Rodoviária do Plano Piloto, projetado para acomodar cinemas, lojas e cafés.

um espaço de frequência e conservação abaixo do esperado. A esse discurso inicial (e seu insucesso) se impregnou a imagem estigmatizada que reverbera até a atualidade (Nunes, 2009).

Desta forma, parto das constatações de Nunes (2009) sobre a influência da dimensão cultural e das diferentes modalidades da existência social na indução de ambientes heterogêneos, ainda que eles tenham sido pensados para aparência, uso e frequência homogêneos:

Essa centralidade física e social polariza os seus arredores e deve, portanto, garantir espaços de sociabilidades que escapam àquela hegemônica oriunda da cultura burocrática de uma cidade-Estado. Na verdade, ela cumpre assim seu papel de metrópole, na medida em que garante a existência de tipos urbanos peculiares da grande cidade: em outras palavras, o ‘estrangeiro’ tem seu território de existência garantido no Conic (Nunes, 2009, p. 30).

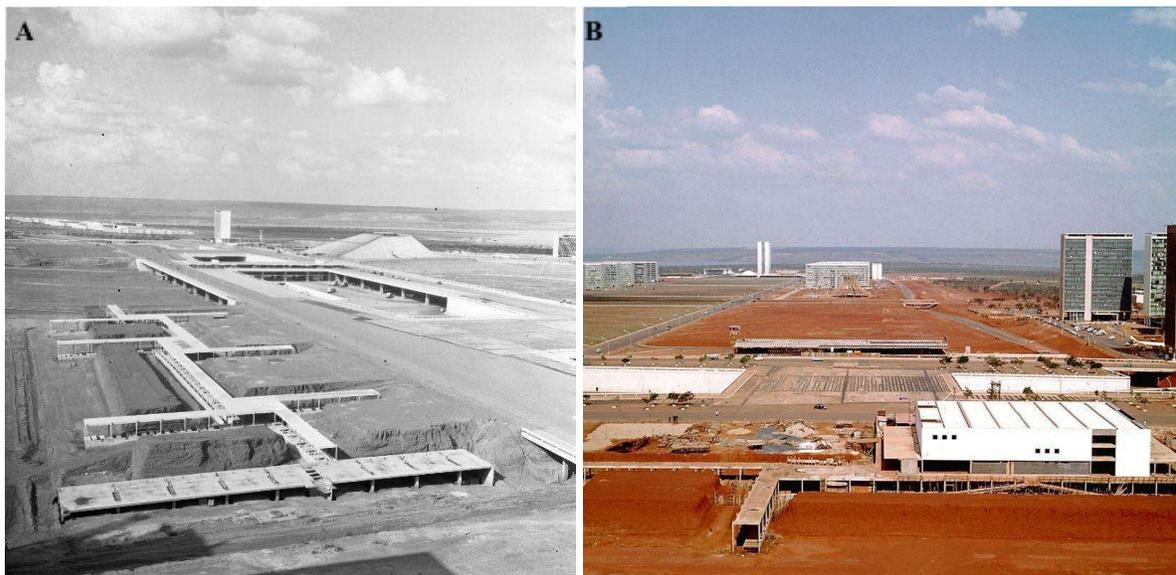
2.2 A construção do centro comercial

O SDS foi planejado como uma área de destaque na capital modernista, aquele que, na concepção de Lúcio Costa², deveria se consolidar como um *boulevard* nos moldes das cidades europeias (Nunes, 2009). Conforme o Relatório do Plano Piloto (Costa, 1957, p. 32), na plataforma livre do tráfego, entre o cruzamento do eixo monumental e do eixo rodoviário, “se concentrou logicamente o centro de diversões da cidade”, com várias casas de espetáculos ligadas entre si, articuladas a pequenos pátios com bares e cafês, e galerias na parte dos fundos, tudo no propósito de propiciar um ambiente adequado ao convívio e à expansão:

Nesta plataforma onde, como se via anteriormente, o tráfego é apenas local, situou-se então o centro de diversões da cidade (mistura em termos adequados de Piccadilly Circus, Times Square e Champs Elysées). A face da plataforma debruçada sobre o setor cultural e a esplanada dos ministérios não foi edificada, com exceção de uma eventual casa de chá e da Ópera, cujo acesso tanto se faz pelo próprio setor de diversões, como pelo setor cultural contíguo, em plano inferior. Na face fronteira foram concentrados os cinemas e teatros, cujo gabarito se fez baixo e uniforme, constituindo assim o conjunto deles um corpo arquitetônico contínuo, com galeria, amplas calçadas, terraços e cafês, servindo as respectivas fachadas em toda a altura de campo livre para a instalação de painéis luminosos de reclame. As várias casas de espetáculo estarão ligadas entre si por travessas no gênero tradicional da rua do Ouvidor, das vielas venezianas ou de galerias cobertas (arcades) e articuladas a pequenos pátios com bares e cafês, e ‘loggias’ na parte dos fundos com vista para o parque, tudo no propósito de propiciar ambiente adequado ao convívio e à expansão (Costa, 1957, p. 32).

² Urbanista responsável pelo projeto urbanístico do Plano Piloto de Brasília.

Figura 3 – Construção do Setor de Diversões Sul



Fonte: ArPDF.

Segundo Rezende (2014, p. 42), tanto o projeto original, como o novo projeto do SDS, elaborado por Lúcio Costa em 1962 e desenvolvido por sua filha, Maria Elisa Costa, buscavam permeabilidade física desse espaço com seu entorno imediato. Justamente porque fora projetado, em ambas as ocasiões, como elemento agregador, “um local para encontros, um papo, uma ‘conversa fiada’, enfim, o ponto ideal para o devaneio, o convívio, a especulação” (Correio Braziliense, 21 jan. 1968). A essa expectativa de fluxo intenso se deve a sua proximidade à rodoviária, uma forma de garantir o amplo e livre acesso da população, para, assim, conferir a esse centro a vitalidade urbana desejada (Rezende, 2014).

No novo projeto, apontava-se um parcelamento do solo em 18 lotes, que conformariam, pela composição, um quarteirão (Rezende, 2014). Dispostos em uma área retangular, seriam dez internos e os outros oito, externos, no perímetro da área, dando o aspecto de uma edificação única (Souza, 1993). Mantinha-se, como no plano original, o acesso ao SDS por meio de galerias e arcadas, onde se concentrariam atividades voltadas ao comércio e ao entretenimento, como casas de espetáculos, bares, cafês e restaurantes. Tal disposição propunha o resgate das vivências cotidianas de tradição carioca e da sofisticação da vida urbana das capitais cosmopolitas mundo afora (Rezende, 2014).

Em 1961, o Conselho de Administração da Novacap³ aprovou os preços de venda fixos dos lotes do SDS, destinados exclusivamente à construção de cinemas, teatros e lojas. Somente eram objeto de apreciação propostas de firmas que comprovassem tradição no ramo.

³ Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil, foi criada pelo então presidente do Brasil, Juscelino Kubitschek, com a finalidade de gerenciar e coordenar a construção de Brasília.

De modo a estimular a agilidade das construções, foi estipulada uma política de descontos proporcionais ao seu tempo de entrega. O primeiro edifício do qual se teve notícia, em propaganda de venda, foi o Edifício 21 de Abril, de Otto Meinberg. O engenheiro iniciou o prédio e morreu antes de finalizá-lo. Quem deu continuidade ao seu trabalho foi o Escritório de Onísio Ludovico⁴, que o adquiriu e prosseguiu com as obras, “para dar lojas e escritórios à cidade” (Correio Braziliense, 17 mar. 1968).

Figura 4 – No centro do centro de Brasília



Fonte: Correio Braziliense.

De forma a incentivar a execução do Setor, os espaços públicos entre os lotes começaram a ser construídos pela Novacap em 1962 (Rezende, 2014), medida que não logrou imediatamente. Segundo o *Correio Braziliense*, as vielas e galerias, em pouco tempo, já estavam todas prontas, mas as demais construções, que lhes dariam sequência, não tinham continuidade, por irresponsabilidade do empresariado e por impasses nas vendas dos lotes (Correio Braziliense, 22 maio 1963). Diferentemente da mídia, Antônio Venâncio da Silva, pioneiro na construção do SDS e adquirente da maior parte de suas projeções, afirmou que “a Novacap não poupou esforços para a consolidação do setor, facilitando a aprovação e fazendo ‘vista grossa’ durante a fiscalização das obras”, visto que “os projetos individuais de cada edifício seriam de responsabilidade de seus construtores, havendo apenas os gabaritos com definição dos lotes, das alturas e números de pavimentos” (Rezende, 2014, p. 45).

⁴ Deputado Federal (1976-1978 e 1983) e Comodoro do Iate Clube de Brasília, ao qual Juscelino se referia como a “sala de visitas” de Brasília (a casa).

Durante a década de 1960, circulavam, nas colunas sociais, notas sobre a negligência com as construções do Setor de Diversões e de cinemas e teatros na capital. Parte considerável de seus novos moradores vinha do Rio de Janeiro e de São Paulo, pólos representativos de lazer e de cultura no país onde já se incorporava tais programas à vida cotidiana. Por quase dois séculos, a antiga capital foi o centro político e cultural do Brasil e, até a ascensão de São Paulo, o principal polo econômico. Nessa condição, ditava o que era ser cosmopolita e tal movimento refletia nas demandas que ressoavam na construção de Brasília. A primeira obra a ser iniciada no local foi o Cine Atlântida, considerada pelo então prefeito, Plínio Cantanhede⁵, uma das duas obras mais importantes de Brasília, junto ao Palácio Itamaraty. Anos depois, a Companhia Luís Severiano Ribeiro, proprietária da área, não havia tomado as medidas necessárias para a sua conclusão. A inauguração aconteceu em dezembro de 1969 (Correio Braziliense, 12 dez. 1969), no mês seguinte à entrega do Cine Teatro Venâncio Jr. e ao início do mandato de Hélio Prates da Silveira⁶.

Figura 5 – Inauguração do Cine Teatro Venâncio Jr. e do Cine Atlântida



Fonte: Correio Braziliense.

⁵ Prefeito do Distrito Federal de 1964 a 1967, nomeado pelo presidente Humberto de Alencar Castelo Branco, o primeiro da Ditadura Militar.

⁶ Tenente-coronel e primeiro governador do Distrito Federal, de 1969 a 1974.

Aos poucos, o centro de diversões ia se adensando e a maior parcela de seus prédios era erguida ao mesmo tempo. “Naquela época, tudo aquilo era conhecido como ‘Conjunto Venâncio’, devido ao fato de seis edifícios pertencerem ao construtor Antônio Venâncio da Silva⁷ e levarem todos o seu nome” (Souza, 1994, p. 4). A ele também era creditado o fortalecimento da consolidação de Brasília, “quando ninguém punha fé naquele buraco que hoje é o SDS ele comprou tantos terrenos quanto pôde e encheu o logradouro de prédios, inclusive um cinema, o Venâncio Júnior” (Correio Braziliense, 29 nov. 1969). Seguindo o Cine Atlântida e o Cine Venâncio Jr., vieram os edifícios Venâncio II, III, IV, V e VI e, posteriormente, os edifícios Baracat, Conic, Eldorado, Acropol, Venâncio Júnior e Miguel Badya (Rezende, 2014).

Figura 6 – Onde a cidade cresce



Fonte: Correio Braziliense.

A popular alcunha, Conic, só aconteceu com a inauguração de um edifício no SDS que, virado para a Esplanada dos Ministérios, levava em letras garrafais o nome da construtora pernambucana que o ergueu: “Centro Comercial CONIC” (Nunes, 2009, p. 19), a

⁷ Empresário atuante no ramo imobiliário responsável pela construção dos Edifícios Venâncios II, III, IV, V e VI e de outros imóveis da cidade, como o Venâncio 2000 e Venâncio 3000. O Edifício Venâncio I está localizado no Rio de Janeiro, em Copacabana.

representação do “melhor investimento imobiliário de Brasília”, “a última palavra em ‘status’ para o comércio” (Correio Braziliense, 1º abr. 1975). O Centro Comercial Conic foi entregue à população no dia 31 de outubro de 1975. Era vendido e divulgado como o edifício comercial mais bem acabado de Brasília e o mais bem localizado, o lugar ideal para todos os tipos de negócios. No dia da inauguração, a maior parte de suas salas já havia sido vendida, “também, do jeito que a Conic caprichou, não era para menos” (Correio Braziliense, 31 out. 1975).

Figura 7 – Anúncio Conic



Fonte: Correio Braziliense.

Simultaneamente, o número de boates e restaurantes crescia, e, embora sua qualidade melhorasse, a grande lacuna ainda era o espetáculo. Além dos cinemas, o teatro era uma demanda da capital e, conseqüentemente, do seu centro de diversões. A Fundação Brasileira de Teatro (FBT), sob direção de Dulcina de Moraes⁸, que “tomou-se de amores por Brasília” (Correio Braziliense, 13 fev. 1976), resolveu aqui edificar a Escola Nacional de Teatro, ao lado do Cinema Xavantes, no SDS. A FBT teve seu terreno doado, mas ficou sem funcionar por anos por falta de recursos. A Faculdade foi inaugurada em 1980 e, neste ano, o seu Teatro já estava com a pauta preenchida por produções do Rio de Janeiro, de São Paulo e Portugal.

⁸ Atriz, diretora, produtora, professora, idealizadora e fundadora da FBT, uma das mais antigas fundações da área artística, instituída no Rio de Janeiro e, posteriormente, sediada em Brasília. Tinha como objetivos promover a formação e a especialização da cultura teatral brasileira, em todas as suas modalidades.

“Foi só em princípios de 1978 em que se deu o preenchimento dos últimos lotes vagos pela TERRACAP, o que ocasionou a conclusão definitiva do Setor de Diversões” (Souza, 1993, p. 5). Também foram construídos o estacionamento da parte traseira do SDS, a passarela de pedestres e a praça sobre a plataforma rodoviária, juntamente com a larga calçada em frente à face leste do Setor, em 1977. Estes eram alguns dos elementos que buscavam promover a integração com outros setores da área central.

De acordo com Souza (1993), tudo que se encontrava no Conic quando seu estudo fora publicado em 1993 seguiu rigorosamente o plano original, com exceções dos lotes que passaram a compor um só edifício (o Conic e o Baracat) e onde se tentou criar um conjunto de dois restaurantes e uma praça. Em conclusão, a avaliação invalidaria o argumento de que o SDS teria desvirtuado de sua ideia original e não teria sido planejado, em termos estruturais. Já para Rezende (2014, p. 51), a atual conformação do SDS “não é apenas resultado das decisões de projeto, mas de ações conjuntas entre os diversos agentes que atuaram e atuam na construção do espaço”, uma trama de interesses, vias e entes públicos e particulares distintos. Exemplo disso é a evolução dos níveis de subsolo, a princípio inexistentes, posteriormente destinados a áreas de cocção e serviços de restaurantes, e, por fim, inteiramente ocupados.

2.3 Diversão às avessas - A (des)ocupação do centro comercial

Em seus primeiros anos de ocupação, o SDS atraiu órgãos públicos e embaixadas, ainda em fase de implantação na cidade com as suas sedes em construção (Nunes, 2009). O privilégio da localização, no centro da cidade, próximo aos setores hoteleiro e comercial, e de sediar funcionários públicos, representantes de estados e embaixadores inspirava a presença de restaurantes, bares e lojas mais sofisticadas, em vias de concretizar a sua proposta original. Exemplo disso eram os estabelecimentos do Edifício Venâncio: Bar-Restaurante Panorama, Boite Buraco e Sobrado Bar, “recanto aprazível e de refinado bom gosto, ideal para os momentos de diversão da família brasiliense” (Correio Braziliense, 1º jan. 1970).

Figura 8 – Anúncio Edifício Venâncio IV



"Bar-Restaurante"
ideal para os momentos de
diversão da família brasiliense

"Boite Baraco"
animada pelo conjunto
"Brasília Som 70"

"Sobrado Bar"
A mais nova lanchonete
de Brasília feita
especialmente para você.

Setor de Diversões Sul
Organização
Antônio Venâncio da Silva

Fonte: Correio Braziliense.

Nos edifícios centrais, concentravam-se os cinemas e teatros (Rezende, 2014). O Setor contava com três cinemas: o Cine Atlântida, Cine Teatro Venâncio Jr. e Cine Superama, especializado na exibição de filmes de arte e o último a ser inaugurado dentre eles, em 1972 (Rezende, 2014). Posteriormente foram inauguradas outras casas cinematográficas, seriam oito ao todo: Venâncio Jr., Atlântida, Superama, Karin, Acropol, Xavante, SBACEM e Espacial, e 22 em Brasília. Poucos anos depois, a maior parte dos cinemas já se encontrava em condições precárias e neles o espectador podia “encontrar de tudo, menos os esperados momentos de lazer e recreação” (Correio Braziliense, 23 set. 1979). Eram descritos, pelos frequentadores, como sujos, mal aparelhados, desconfortáveis e carentes de matérias-primas fundamentais.

Figura 9 – Cine Venâncio Jr.



Fonte: Aduato Cruz/DAPress Multimídia.

Figura 10 – Cine Ritz



Fonte: Histórias de Brasília.

Ali também havia casas de cultura diversas: em 1980, foi inaugurada a Faculdade de Artes e Teatro Dulcina de Moraes e logo depois o Café Belas Artes, no mesmo edifício. Outro exemplo foi o movimento Jegue Elétrico, do artista Ary Pararaios, iniciado em 1978. Conhecido nacionalmente, consistia em uma loja de discos e produtos naturais, que foi responsável por trazer para Brasília discos independentes e valiosos do país inteiro. O SDS também concentrou as mais importantes livrarias da cidade, como A Casa do Livro, Galilei e a Livraria Presença (Souza, 1993). Em frente à Livraria Galilei, aos sábados, acontecia o “Calçadão Cultural”, ponto de lazer onde escritores e poetas podiam divulgar as suas obras. Todas essas iniciativas culturais passaram a preencher os espaços do Setor e alçá-lo como ponto de encontro de estudantes, artistas, bailarinos, atores, músicos, pintores e intelectuais.

À medida em que as embaixadas foram sendo transferidas para as suas sedes definitivas, num setor específico, “o Conic experimenta rapidamente um processo de

esvaziamento de suas funções e muda devagar o uso de suas instalações” (Nunes, 2009, p. 19). A consolidação de outros centros de entretenimento, como o comércio das superquadras sul, da avenida W3, do Centro Comercial Gilberto Salomão no Lago Sul e do Conjunto Nacional, no Setor de Diversões Norte, também contribuíram para o enfraquecimento do SDS (Rezende, 2014). Essa dispersão da diversão pela cidade somada à queda do valor dos aluguéis e à proibição de vendas na Rodoviária propiciou a instalação de muitos bares no Conic, transferindo também seus frequentadores para o novo endereço (Rezende, 2014).

Figura 11 – Anúncio Bataklan



Fonte: Correio Braziliense.

Começam, assim, a aparecer clubes noturnos e bares pouco sofisticados, “dando início à degradação da área, na medida em que afasta a classe média do Plano e é esquecido pelas autoridades locais” (Nunes, 2009, p. 19). Na década de 1970, enquanto o térreo, durante o dia, abrigava um comércio que dava suporte aos trabalhadores da região, agora trabalhadores médios; nos seus subsolos, à noite, concentravam-se atividades de entretenimento adulto. “A subutilização das lojas no subsolo do setor, associada à sua proximidade com os setores hoteleiro e comercial sul, tradicionais pontos de prostituição, favoreceram a instalação de bares, boates e prostíbulos”, dentre eles: Bataklan, Panther Night, Boate Dance Girl, Skorpiu’s, La Boheme, Sunset, Boate Buraco, Casa Blanca, Le Bateau e New Aquarius, a primeira boate voltada para o público gay na cidade (Rezende, 2014, p. 58). Posteriormente, foi criada a The Fox, sua grande concorrente.

Figura 13 – A nossa “Boca do Lixo”



Fonte: Correio Braziliense.

O centro comercial assumiu funções em simbiose com a consolidação da nova capital, “em cada momento funcionando de forma integrada à vida da cidade” (Nunes, 2009, p. 19). Do meio para o fim da década de 1970, passou a ser conhecido como “Boca do Lixo”, “Buraco do Rato” etc., principalmente pelos seus subsolos, considerados os pontos mais negativos e de mais críticas para os que ali desempenhavam atividades. Além disso, críticas quanto à conservação, à sujeira, à violência, à ineficiência na gestão da urbanização e à afluência ao local de trabalhadores médios, boêmios, *hippies*, prostitutas, michês, travestis e homossexuais fizeram dali um verdadeiro “submundo” aos olhos da população brasileira. No entanto, era um local dinâmico, onde, tanto de dia quanto de noite, podia-se encontrar atividades comerciais. Benquistou ou não, atingia o seu objetivo de centro de diversões, principalmente em sua vida noturna (Souza, 1993).

Neste capítulo, teci reflexões sobre a incorporação do plano-diretor do SDS, elaborado por Lúcio Costa (1957) na vida da capital federal, bem como sobre os processos de ocupação e desocupação de seus espaços, tratando de como, historicamente, a realidade se impôs ao imaginado (Nunes, 2009). Esta análise de conjuntura político-social da época será determinante para descrição e interpretação entre aspectos semióticos e não-semióticos da prática particular investigada, como discutirei no próximo capítulo, ao tratar dos procedimentos metodológicos e das etapas de análise crítico-explanatória desta pesquisa.

3 METODOLOGIA

Neste capítulo, descrevo os procedimentos de coleta, sistematização e análise de dados textuais-discursivos, fundamentados pelas concepções teórico-metodológicas da pesquisa qualitativa e da pesquisa em ADC. Listo, também, os textos veiculados pelo jornal *Correio Braziliense* que incorporam o *corpus* e os movimentos discursivos pertinentes para elucidar as questões de interesse descritas no problema e nos objetivos de pesquisa.

3.1 A pesquisa qualitativa

A pesquisa qualitativa, conforme Vieira e Resende (2016), “abarca vários tipos de práticas interpretativas que permitem transformar os aspectos do mundo em representações por meio das quais podemos entendê-los, descrevê-los e interpretá-los”. Nesse sentido, “a proposta de abordagem teórico-metodológica da ADC fornece subsídios para a realização de pesquisas qualitativas cujo principal material empírico são textos” (Vieira; Resende, 2016). A partir da ADC, foco, neste trabalho, nas materializações linguísticas que explicitam os desdobramentos problemáticos que os textos jornalísticos como forma de ação e interação têm nas representações do SDS de Brasília.

Os Estudos Críticos do Discurso (ECD), como elucidam Tavares e Resende (2021, p. 84), “são uma perspectiva heterogênea constituída por várias versões que se identificam sob esse termo ‘guarda-chuva’”, o que não implica referir-se a uma teoria ou método de investigação único, mas a uma “perspectiva compartilhada de como fazer análise semiótica com foco em questões problemáticas que afligem atores sociais e perpetuam relações injustas social e moralmente” (Tavares; Resende, 2021, p. 84).

Desta forma, ao referir-me à ADC como campo de estudos críticos do discurso, faço referência às proposições de Fairclough (2003) e de Vieira e Resende (2016), lançando mão, também, de van Leeuwen (2008), em concatenação a outras disciplinas das ciências humanas.

Este trabalho demandou abordagem documental, cujos dados são compostos por documentos formais da mídia impressa, elaborados e veiculados pelo jornal *Correio Braziliense*. O estudo do discurso midiático leva em consideração não apenas o conteúdo, mas a forma, a organização, a apresentação e os modos de consumo dos textos, em diferentes níveis, organizados a partir dos valores de uma determinada instituição (Richardson, 2007). A instituição em questão foi escolhida em razão de ter sido, desde a sua fundação, o principal

veículo de notícias do Distrito Federal (DF), “o primeiro grande diário da nascente capital federal a sobreviver empresarialmente” (Morelli, 2002, p. 12).

“O mundo, como o conhecemos e o experienciamos, isto é, o mundo representado e não o mundo em si mesmo, é constituído através de processos de comunicação” (Allum; Bauer; Gaskell, 2008), desta forma, a pesquisa social se apoia em dados sobre o mundo social que são construídos nos processos de interação, aqui, em meios formais e produzidos conforme as regras e convenções pré-estabelecidas pela lógica do mercado. Os dados formais reconstróem as maneiras pelas quais a realidade social é representada por determinado grupo social, visto que um jornal representa uma visão de mundo e, por consequência, utiliza de representações em proveito da visão de mundo do grupo social de seus compradores (Allum; Bauer; Gaskell, 2008).

Sob o interesse crítico-emancipatório da ADC, analiso o material textual com o propósito de compreender os “modos como o momento discursivo trabalha na prática social, especificamente no que refere a seus efeitos em lutas hegemônicas e relações de dominação” (Vieira; Resende, 2016). Os textos jornalísticos, como práticas discursivas institucionalizadas, ocorrem em contextos específicos de produção, distribuição e consumo, tais como a compreensão de público do veículo, seus valores, preferências e demandas, e a construção do discurso está relacionada, inevitavelmente, a essas circunstâncias (Richardson, 2007), como discuto a seguir e na seção 4, sobre as relações de poder-ação da prática jornalística.

3.2 O jornal *Correio Braziliense*

Em *Correio Braziliense: 40 anos - Do pioneirismo à consolidação*, Ana Morelli (2002) demonstra que a cobertura inicial do *Correio Braziliense* era voltada “para a fixação de Brasília no Planalto Central e regularmente os editoriais do jornal tratavam de assuntos referentes às necessidades da cidade”. Durante a década de 1960, o jornal circulava com doze páginas em média e dois cadernos, os quais contemplavam notícias internacionais, notícias policiais, política, assuntos dos três poderes (Executivo, Legislativo e Judiciário), anúncios, editais, avisos, balanços e “matérias de repercussão ou de interesse da cidade” (Morelli, 2002, p. 51). Em 1967, passou a contar com colunas voltadas para a programação cultural de Brasília e do eixo Rio-São Paulo e, em 1968, com publicações de poemas, artigos e matérias de entretenimento.

Segundo Morelli (2002), o *Correio Braziliense* teve tiragem de 20.000 exemplares em seu primeiro dia de circulação e, nos demais dias do primeiro mês, de 500 exemplares, os

quais circulavam, principalmente, pelos órgãos da administração federal sediados na cidade. Em 1965, segundo Ari Cunha, “o jornal tinha uma tiragem de cerca de 5.000 exemplares, compreendendo 90% do público leitor de jornais da cidade [...] foram necessários alguns anos para que os moradores de Brasília adquirissem o hábito de ler o *Correio*, ao invés dos jornais de suas localidades de origem” (Morelli, 2002, p. 54).

Na década de 1960, a estrutura editorial do jornal reforçava a sua atenção para os assuntos de Brasília, “uma espécie de porta-voz dos habitantes locais” (Morelli, 2002, p. 58). O *Correio* era pautado pelos próprios leitores, que ligavam ou compareciam pessoalmente para dar sugestões de temas ou para relatar problemas da vida na nascente capital. Havia um grande destaque para os assuntos relacionados ao funcionalismo público: moradia, transporte, educação, lazer e salário. No âmbito nacional, o enfoque era a política federal. “Sem uma economia local forte, a saída inicial para a manutenção do jornal era a publicidade oficial, tanto federal quanto local” (Morelli, 2002, p. 56), visto que o número de vendas era baixo e o de assinaturas, era assegurado pelos poucos órgãos públicos instalados na capital.

Durante a década de 1970, o jornal manteve a cobertura de caráter geral sobre assuntos como política, economia e cidades, com ênfase no que acontecia no Plano Piloto. Como na década anterior, publicava editoriais em defesa da fixação da capital e da transferência de órgãos públicos para a cidade. O seu público-alvo ainda eram os funcionários públicos. Segundo Morelli (2002), a nova direção, no entanto, promoveu reformas internas que aumentaram a credibilidade do jornal e a capacidade de repercutir nacionalmente o que nele era publicado, bem como de aumentar sua circulação e faturamento. “As matérias passaram a ser mais interpretativas que simplesmente factuais, muito em função de uma maior especialização na cobertura jornalística” (Morelli, 2002, p. 61).

“Acompanhando a tendência da mídia impressa nacional no período, foram implantadas por ele as retrancas por assunto nas páginas, momento em que o tema Cidade ganha sua própria página” (Morelli, 2002, p. 72). Apesar do volume populacional das “cidades-satélites” ser superior ao do Plano Piloto, o jornal continuava a priorizar a cobertura de notícias sobre a área central de Brasília. Antes da criação da página de Cidade, o jornal criou as colunas “Mesa da Cidade” e “Voz do Povo”, nas quais “os leitores podiam enviar notícias sobre a sua quadra, clube, escola, enfim, assuntos que diziam respeito especialmente aos que liam o jornal” e “onde os anônimos das ruas eram chamados a dar opiniões sobre temas do momento” respectivamente (Morelli, 2002, p. 72).

Apesar das mudanças gráficas e internas, O *Correio* “não abandonou o seu perfil ‘chapa branca’, até porque aqueles eram os anos ‘de chumbo’ da ditadura, onde a censura era

rígida e o alinhamento com o regime militar, compulsório” (Morelli, 2002, p. 68). No que se refere à circulação na década de 1970, o jornal tinha, no primeiro ano, tiragem diária de 11.000 exemplares, passando para 27.500 exemplares nos anos finais, “entretanto, a população também cresceu, passando de 500 mil habitantes para 1 milhão no mesmo período, o que não aponta um aumento real de circulação” (Morelli, 2002, p. 73).

Para Morelli (2002, p. 145), “sua vocação foi desde o início a prestação de serviço aos seus leitores e à população em geral, um dos motivos pelos quais criou vínculos com a cidade”. Segundo a autora, “o Correio não tem só a cara da cidade, ele criou laços com seus habitantes [...] ele se identifica com Brasília, porque reflete as contradições desta cidade tão diferente” (Morelli, 2002, p. 145).

3.3 Justificativa de pesquisa

A problemática social das representações discursivas do SDS foi delineada pela relevância desse centro comercial na constituição da sociabilidade brasiliense e pelos possíveis impactos da crítica discursiva realizada na pesquisa com base na ADC. Como em outras correntes de análise de discurso, a ADC tem se voltado aos estudos relacionados ao urbano, que, cada vez mais, se apresenta como um componente relevante para o entendimento do mundo social e das relações de poder, dominação e subordinação. Assim sendo, considero pertinente ressaltar alguns trabalhos desenvolvidos por pesquisadores da UnB que fundamentam a realização desta pesquisa, a saber:

- a) Resende (2012) sobre a situação de rua no Lago Norte;
- b) Tatagiba e Silva (2013) sobre discursos da exclusão na geografia de Brasília;
- c) Andrade (2017) sobre os protestos de rodoviários no DF;
- d) Campêlo (2020) sobre o fortalecimento das identidades de jovens em Ceilândia; e
- e) Kizam da Silva e Silva (2022) sobre a contribuição da mídia no processo de marginalização e decadência do SDS, ao qual aqui dou continuidade.

No artigo “Setor de Diversões, uma tristeza: O papel construtivo da mídia no processo de marginalização e decadência do Setor de Diversões Sul” (2022), resultado do meu trabalho de conclusão de curso para formação no curso Letras na UnB, tratamos do alcance e dos recursos da mídia em fornecer uma forma institucionalizada de circular códigos e normas culturais capazes de reverberar no desenvolvimento de espaços marginalizados. O título da reportagem, “Setor de Diversões, uma tristeza”, é uma frase declarativa sobre a situação física e de ocupação do SDS, na qual, com a disposição dicotômica de significados “diversão” e

“tristeza”, é declarado o desapontamento do autor com o estado em que se encontrava esse centro comercial, o qual é justificado por uma sequência de registros situacionais usuais no gênero discursivo reportagem.

O interesse de investigar o espaço urbano a partir da palavra é fruto da inspiração de autores que encontraram “dentro de si a linguagem nova para representar-se e para representar a sua cidade” (Lafetá, 2004, p. 351), tais como Mário de Andrade, João Antônio e Carolina Maria de Jesus, “entendendo que não se compreende a cidade sem as deformações do eu e também não se compreende o eu sem as deformações nele provocadas pela cidade” (Lafetá, 2004, p. 362). A partir daí, iniciei a coleta documental desta pesquisa em 2020, ainda na graduação, sob orientação da professora Francisca Cordelia Oliveira da Silva, pesquisadora de ADC, com foco em pesquisas no aspecto discursivo da raça e do racismo no Brasil. Caminhando para a investigação da mediação do discurso na construção do **urbano**, parti, inicialmente, de Orlandi (2004). Para a pesquisadora, todas as determinações que definem um espaço, um sujeito, uma vida cruzam-se no espaço da cidade. E a cidade, no seu estudo, pode ser compreendida pelo discurso: “Através do modo de funcionamento do discurso da e na cidade pudemos compreender tanto a constituição do sujeito urbano com seus modos de manifestação e a maneira com que vive, resiste, transforma, irrompe com novas formas de sociabilidade e de ‘comunicação’” (Orlandi, 2004, p. 14).

Partindo de estudos sobre significações de um território estigmatizado, é possível mapear como a percepção de espaços físicos e simbólicos, práticas e atores sociais se dá nas representações discursivas produzidas e disseminadas pela mídia. Sem o equívoco de considerar os registros jornalísticos unicamente como instrumentos de reprodução da estrutura social e das formas de sociabilidade já estruturadas, este trabalho baseia-se na perspectiva dialética de discurso, entendendo-os como elementos constituintes da vida em sociedade, como práticas sociais, que tomam, não só a posição de narração dos eventos, mas de mediação deles. Assim, a mídia pode ser vista como uma peça-chave na garantia dos interesses das classes dominantes e na manutenção desses indivíduos em posições de dominação em relação aos demais, como também nas práticas organizativas das territorialidades urbanas e das cidades contemporâneas.

O universo temático em questão foi investigado, principalmente, por estudiosos de Arquitetura e Urbanismo, Sociologia e Antropologia Urbana. De certo, parte desses trabalhos contribui e traz à luz de análise a questão do discurso, no entanto não são seus objetos centrais de estudo e são tidos, em sua grande maioria, com certa superficialidade: sempre em avaliação dos discursos particulares como exemplificações de um comportamento/um

determinado fato e não como práticas. A abordagem da ADC permite possibilidades ainda inexploradas e que podem render frutos aos estudos linguístico-discursivos e para a relação com a questão urbana em Brasília, da exclusão social e da vida na cidade.

Além disso, o modo de coleta, sistematização e análise de dados propicia novas leituras sobre a estigmatização e a marginalidade em Brasília, visto que os textos jornalísticos do veículo revelam aspectos importantes da memória e do imaginário brasilienses, dada sua participação no conglomerado midiático à frente das narrativas que começavam a compor a história local e sua capacidade de circular códigos e normas culturais de forma institucionalizada.

3.4 Coleta e sistematização de dados

Para coleta dos dados de pesquisa, utilizei o termo de busca “Setor de Diversões Sul” no acervo de periódicos da Hemeroteca Digital da BNDigital - Fundação Biblioteca Nacional, com enfoque nos textos produzidos e veiculados pelo jornal *Correio Braziliense* (DF) nas décadas de 1960 e 1970.

Figura 14 – Página inicial da BNDigital

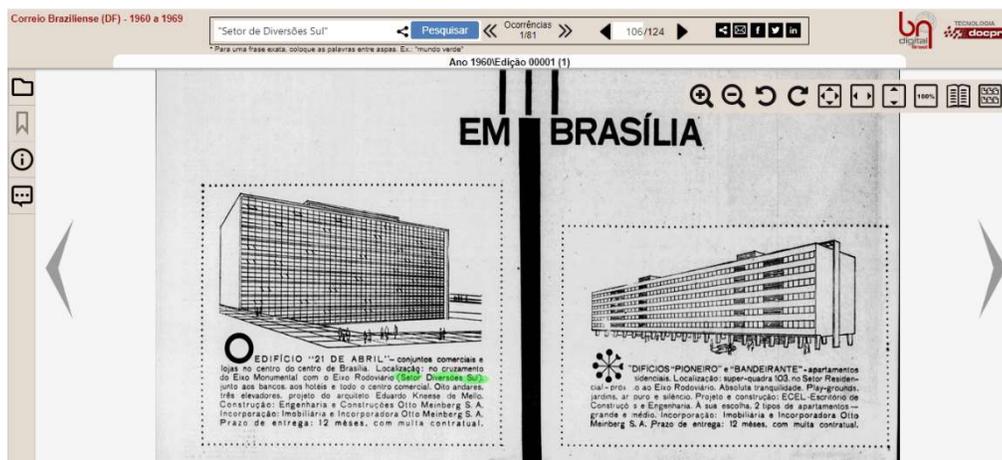
A imagem mostra a interface de busca da Hemeroteca Digital Brasileira. No topo, há o logotipo 'bn digital Brasil' e o nome 'BIBLIOTECA NACIONAL'. Abaixo, o título 'HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA' é seguido por três abas: 'Periódico' (ativa), 'Período' e 'Local'. O formulário de busca possui dois menus suspensos: 'Periódico' com 'Correio Braziliense (DF)' selecionado e 'Período' com '1960 - 1969' selecionado. Abaixo, há um campo de texto com o texto de busca '"Setor de Diversões Sul"' e um botão azul 'Pesquisar'.

Fonte: BNDigital.

Com o filtro de busca de período “1960 - 1969”, encontrei 81 ocorrências, produzidas nos dez primeiros anos de existência da capital federal. Dentre elas, circulares sobre a aprovação dos preços de venda dos lotes, publicações de licitações, anúncios e reportagens sobre o processo de urbanização do SDS. Esse primeiro período é marcado não pela ocupação, mas pelos relatos de construção das dependências físicas e do “espírito” que se

pretendia para a área, uma vez que os seus primeiros prédios, Cine Teatro Venâncio Jr. e Cine Atlântida, foram inaugurados em 29 de novembro e 12 de dezembro de 1969 respectivamente.

Figura 15 – Correio Braziliense (DF) - 1960 - 1969



Fonte: BND Digital.

Com o segundo filtro de busca de período, “1970 - 1979”, encontrei 2.902 ocorrências, sendo 1.285 delas dos anos de 1977, 1978 e 1979. Nesse período, circulavam anúncios e notícias sobre a construção do restaurante popular e da praça no SDS, anúncios de boates e restaurantes, programações de cinemas, bem como reportagens sobre a situação de conservação e de frequência do local, agora ocupado. Completam-se dez anos de inauguração, intervalo de tempo que utilizarei como base comparativa para o discurso de expectativa e de “realização inicial”.

Figura 16 – Correio Braziliense (DF) - 1970 - 1979



Fonte: BNDigital.

No processo de sistematização de dados, cataloguei 100 das ocorrências encontradas em tabela, por período, data de publicação, tipo textual, tema, título, grau de relevância e trecho explicativo. Depois de sistematizados, os dados documentais deram origem a um *corpus* principal composto inicialmente por 27 textos de relevância média e alta e, posteriormente, por 12 textos, apenas de relevância alta.

Quadro 1 – Catalogação dos textos do Correio Braziliense

Período	Ano	Tipo	Tema	Título	Relevância	Link	Trecho
1960 - 1969	1961	Notícia	Ano 1961\Edição 00489 (1)	Planta do Setor de Diversões Sul	Alta	http://memoria.bn.br/doc	O tráfego é apenas local (mistura em termos adequados de Piccadilly Circus, Times Square e Champs Elyssées). (...) As várias casas de espetáculos estarão ligadas entre si, articuladas a pequenos pátios com bares e cafés, e galerias na parte dos fundos, tudo no propósito de propiciar ambiente adequado ao convívio e à expansão.
1960 - 1969	1963	Notícia	Ano 1963\Edição 00942 (1)	Humanização de Brasília	Alta	http://memoria.bn.br/Doc	O urbanista Lúcio Costa lamentou, em recente depoimento, que Brasília estivesse capenga, em face da não execução de medidas destinadas à humanização da cidade. (...) O SDS, por exemplo, foi traçado tendo em vista a edificação de 10 casas de espetáculos. Até hoje, no entanto, nada se fez neste aspecto.

Fonte: o autor.

Considerei de relevância alta para análise crítico-explanatória os textos que abordavam a situação física e de ocupação do SDS em dois períodos: 1) durante toda a década de 1960 e 2) durante os anos finais da década de 1970. Segundo Nunes (2009), na primeira fase, o local era frequentado pela alta burocracia do Estado e tinha estabelecimentos condizentes com os seus frequentadores - um retrato que se aproximava do imaginado por Lúcio Costa. Enquanto a segunda fase é definida por ambientar o momento de esvaziamento do centro comercial e o início de seu estigma, com a reapropriação do espaço por grupos lidados socialmente como transgressores. De acordo com o *Correio Braziliense*, “a crise do SDS atingiu o seu auge no ano de 1977, quando grupos organizados promoviam bagunças quase diariamente” (*Correio Braziliense*, 28 mar. 1977).

3.5 Objetivos, etapas e categorias de análise crítico-explanatória

A análise para explanação crítica de problemas sociais engloba cinco principais etapas que relacionam a microanálise dos textos à macroanálise de maneiras como relações de poder operam por meio de redes de práticas e estruturas (Vieira; Resende, 2016, p. 108), a saber:

Quadro 2 – Etapas de análise crítico-explanatória

Percepção de um problema com aspectos semióticos.
Identificação de obstáculos para superação do problema social: a) análise de conjuntura social; b) análise da prática social particular; e c) análise do discurso.
Investigação da função do problema na prática.
Investigação de possíveis modos de ultrapassar os obstáculos.
Reflexão sobre a análise.

Fonte: adaptado de Vieira (2022) com base em Chouliaraki e Fairclough (1999).

Conforme o propósito de discutir o aspecto semiótico-discursivo do histórico de ocupação do SDS, nesta pesquisa, no âmbito da **análise conjuntural**, faço reflexões sobre seu plano-diretor, elaborado por Lúcio Costa (1957), sua configuração física e arquitetônica, histórico de venda de lotes, divisão e construção, bem como os processos de ocupação e desocupação de seus espaços, tratando de como, historicamente, a realidade se impôs ao imaginado (Nunes, 2009). No âmbito da **prática particular**, analiso a prática discursiva do jornal *Correio Braziliense* nas décadas de 1960 e 1970. As análises apoiam-se em *corpus* complementar dos estudos de Souza (1993), Nunes (2009) e Rezende (2014) e de matérias veiculadas pelo *Correio Braziliense*, listadas no Quadro 5, na medida das possibilidades de alcance da pesquisa documental predominantemente sincrônica.

Parto, então, da premissa de Vieira (2019), a partir de Fairclough (2003), que textos materializam e têm efeitos nos modos de interagir, de representar e de identificar em práticas sociais e de que a análise textual, para dar conta disso, contempla simultaneamente relações sociais e discursivas, dialeticamente. Como propõe a pesquisadora, em termos estruturais, investigamos discursos, gêneros, estilos de um discurso particular em relação às redes de ordens do discurso, e traços semânticos, gramaticais, lexicais e sua relação com a prática social, na interface entre o social e o discursivo (Vieira, 2019). Aqui, os aproximamos de outras áreas de estudos, tais como o Urbanismo, a Sociologia Urbana e a Geografia, relacionando as categorias de análise discursivas às discussões propostas no âmbito de constituição das cidades, das territorialidades urbanas e das práticas que acontecem no contexto urbano (Haesbaert, 2007; Nunes, 2009; Souza, 1995).

A abordagem relacional-dialética permite novas descobertas associadas a processos discursivos e ideológicos associadas à prática jornalística e a discursos particulares, como busco ilustrar. “Ressalvando que a abordagem é relacional-dialética, certos significados e

formas textuais podem nos dizer mais sobre um aspecto específico na relação entre o discursivo e o não essencialmente discursivo na prática social” (Vieira, 2019, p. 100). Em princípio, a categorização dos movimentos discursivos às ordens do discurso particulares não prenuncia que determinada categoria fique limitada a uma ordem do discurso (Vieira, 2019). As etapas seguintes à análise estrutural e textual do discurso - identificação de mecanismos que sustentam o aspecto problemático da prática particular e sua contribuição para emancipação social - serão discutidas ao longo dos capítulos de aporte teórico, de análise textual-discursiva e, principalmente, de considerações finais.

Nesta pesquisa, tenho como objetivo geral investigar aspectos das ações e relações em textos do jornal *Correio Braziliense* que representam discursivamente o Setor de Diversões Sul nas décadas de 1960 e 1970. Os documentos utilizados para a contextualização da pesquisa reiteram a importância que o centro comercial tinha para a implementação da capital federal, bem como a expectativa de apropriação hegemônica que circundava a recontextualização do projeto urbanístico e dos artigos jornalísticos que o recontextualizava.

Apresentado o traço semiótico do problema em questão, o *corpus* é analisado para alcançar os seguintes objetivos específicos e responder às seguintes perguntas:

Objetivos específicos:

- a) Identificar os movimentos retóricos situados dos textos jornalísticos e as relações de poder-ação implicadas nessa prática particular.
- b) Analisar a articulação do projeto urbanístico do SDS no discurso midiático e sua contribuição na representação desse território.
- c) Investigar como o espaço-tempo, as práticas sociais e os atores sociais do SDS são representados e identificados nos textos do *Correio Braziliense*.

Questões de pesquisa:

- a) Como a articulação do projeto urbanístico do SDS no discurso midiático contribui para a representação discursiva desse território?
- b) Como o espaço-tempo, as práticas e os atores sociais que compõem o SDS são representados no discurso midiático?
- c) Quais as relações causais de poder-ação implicadas nos textos jornalísticos?

Para alcançar tais resultados, identifiquei alguns movimentos discursivos associados a maneiras particulares de representar, agir, relacionar-se e identificar na prática jornalística, as quais denominarei de “macrocategorias discursivas” e “recursos discursivos”. Por meio deles, mapeei conexões entre o discursivo e o social. Farei esta distinção entre categorias analíticas em “macrocategorias” e “recursos discursivos” (Pardo Abril, 2016), estratégias de

materialização de determinado movimento discursivo para fins representativos da análise, vide Intertextualidade (macrocategoria), Paráfrase e Metáfora (recursos discursivos).

Abaixo, além da listagem do *corpus* (Quadros 3, 4 e 5), listo as categorias analíticas pertinentes para as questões de interesse descritas no problema e nos objetivos da pesquisa (Quadro 6).

Quadro 3 – Corpus para análise crítico-explanatória - 1960 - 1969

Título	Data de publicação	Link
Planta do Setor de Diversões Sul	02/12/1961	http://memoria.bn.br/docreader/028274_01/5840
Humanização de Brasília	13/06/1963	http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/10805
Brasília	21/01/1968	http://memoria.bn.br/docreader/028274_01/31736
Visto, lido e ouvido	12/03/1968	http://memoria.bn.br/docreader/028274_01/32494
Mais Cinemas	27/03/1968	http://memoria.bn.br/docreader/028274_01/32739
O setor de diversão Sul vem aí	13/11/1969	http://memoria.bn.br/docreader/028274_01/46198

Fonte: o autor.

Quadro 4 – Corpus para análise crítico-explanatória - 1970 - 1979

Título	Data de publicação	Link
Obras intermináveis e assaltos ainda marcam o Setor de Diversões Sul	06/03/1977	http://memoria.bn.br/docreader/028274_02/85468
Ratos invadem Setor de Diversões Sul	06/05/1977	http://memoria.bn.br/docreader/028274_02/87758
Setor de Diversões continua enfrentando diversos problemas	23/06/1977	http://memoria.bn.br/docreader/028274_02/89873
SDS: Imagem feia de Brasília	30/12/1977	http://memoria.bn.br/docreader/028274_02/98352
As noites alegres (e sujas)	13/12/1978	http://memoria.bn.br/docreader/028274_02/114356
Crise no Setor de Diversões	28/03/1979	http://memoria.bn.br/docreader/028274_02/119160

Fonte: o autor.

Quadro 5 – Corpus complementar para análise de conjuntura social - 1960 - 1980

Título	Data de publicação	Link
Antônio Venâncio fortalece a consolidação de Brasília	29/11/1969	http://memoria.bn.br/docreader/028274_01/46706
Cinema	12/12/1969	http://memoria.bn.br/docreader/028274_01/47012
Alegria	01/01/1970	http://memoria.bn.br/docreader/028274_02/19
Carta dos leitores - Iluminação	06/01/1970	http://memoria.bn.br/DocReader/028274_02/122
Em fase de acabamento, o melhor lugar para se ganhar dinheiro	01/04/1975	http://memoria.bn.br/docreader/028274_02/59307
Missão cumprida	31/10/1975	http://memoria.bn.br/docreader/028274_02/67420
Opção de emergência para o DF: Conclusão do Teatro da FBT	13/02/1976	http://memoria.bn.br/docreader/028274_02/71775
A situação dos nossos cinemas	23/09/1979	http://memoria.bn.br/docreader/028274_02/127373
A nossa “Boca do Lixo”	10/10/1982	http://memoria.bn.br/docreader/028274_03/35286

Quadro 6 – Categorias discursivas para análise crítico-explanatória

(continua)

Objetivo geral	
Investigar aspectos das ações e relações em textos do jornal Correio Braziliense que representam discursivamente o Setor de Diversões Sul nas décadas de 1960 e 1970.	
Objetivos específicos	Categorias discursivas para análise do <i>corpus</i>
Identificar os movimentos retóricos situados dos textos jornalísticos e as relações de poder-ação implicadas nessa prática particular.	Macrocategoria discursiva: Movimentos retóricos (Fairclough 2003), (Vieira; Resende, 2016). Recursos discursivos: Intergenericidade (Marcuschi, 2005), (Vieira; Resende, 2016).
Analisar a articulação do projeto urbanístico do SDS no discurso midiático e sua contribuição na representação desse território.	Macrocategoria discursiva: Intertextualidade (Fairclough, 2003), (Vieira; Resende, 2016); Modos de articulação entre vozes e textos. Recursos discursivos: Comparação e Metáfora (Lakoff; Johnson, 2002). Paráfrase (Ilari, 2009), (Ilari e Geraldi, 1990), (Fuchs, 2012).

Fonte: o autor.

Quadro 6 – Categorias discursivas para análise crítico-explanatória

(conclusão)

Objetivos específicos	Categorias discursivas para análise do <i>corpus</i>
Investigar como o espaço-tempo, as práticas sociais e os atores sociais do SDS são representados e identificados nos textos do <i>Correio Braziliense</i> .	<p>Macrocategoria discursiva: Representação do espaço (van Leeuwen, 2008); Recontextualização do espaço, por função ou por significação. Ligação a práticas e identidades específicas.</p> <p>Recursos discursivos: Avaliação (Fairclough, 2003), (Vieira; Resende, 2016).</p> <p>Metáfora (Lakoff; Johnson, 2002).</p> <p>Representação de ações/eventos sociais (van Leeuwen, 2008).</p> <p>Representação de atores sociais (van Leeuwen, 2008).</p>

Fonte: o autor.

Neste capítulo, descrevi os procedimentos de coleta, sistematização e análise de dados textuais-discursivos e as etapas de explanação crítica de problemas sociais vinculada à ADC. Também listei os textos veiculados pelo jornal *Correio Braziliense* que incorporam o *corpus* e os movimentos discursivos pertinentes para elucidar as questões de interesse descritas no problema e nos objetivos de pesquisa. Esta descrição metodológica sustentará a investigação das materializações discursivas potencialmente ideológicas analisadas nos próximos capítulos.

4 APORTE TEÓRICO

Neste capítulo, abordo os pressupostos teóricos-metodológicos da ADC, buscando mapear conexões entre o social e discursivo, tendo em vista seus efeitos sociais. A partir da ADC, foco nas materializações discursivas que explicitam a relação, muitas vezes ideológica, entre os textos, eventos, práticas e estruturas sociais. E também abordo os textos jornalísticos como mediadores dos modos de significar a vida e os espaços das cidades, identificando as relações de poder-ação implicadas nessa prática particular.

4.1 Textos como instâncias sociodiscursivas

Neste trabalho, à luz dos estudos discursivos, busco investigar os efeitos constitutivos dialéticos do discurso nas cidades. Conforme Fairclough (2003), os textos, como instâncias sociodiscursivas, têm potencial contributivo sobre nossos conhecimentos, crenças, atitudes, valores, ações, relações sociais e sobre o mundo material, inclusive no que diz respeito ao desenho e planejamento das cidades. Isso não implica dizer que esse potencial se dá de forma arbitrária, mas por uma sequência de fatores nos processos de produção, distribuição e consumo, como a posição de poder que ocupam os participantes da situação interacional, por exemplo. Desta forma, parto de uma análise textual que é parte essencial da análise discursiva, ainda que a análise discursiva não se resume ao texto, uma vez que a ADC está preocupada com problemáticas sociais em seu nível mais estrutural e abstrato, como também na forma em que elas se materializam em textos particulares.

A ADC é uma abordagem teórico-metodológica transdisciplinar, engajada e política que “objetiva oferecer suporte para estudos sobre o papel do discurso na instauração/manutenção/superação de problemas sociais” (Vieira; Resende, 2016, p. 77). Nela, parte-se da perspectiva de linguagem como parte irreduzível da vida social, o que se pressupõe “relação interna e dialética entre linguagem e sociedade, pois questões sociais são também questões discursivas, e vice-versa” (Vieira; Resende, 2016, p. 13) e que essas questões podem utilizar do uso de linguagem (ou do discurso) como recurso investigativo, principalmente naquelas em que ele opera como parte fundamental da naturalização de perspectivas hegemônicas e de relações de dominação.

A ADC, como campo de estudos aberto e interdisciplinar, investiga a linguagem como parte da prática social, e essa concepção é central para guiar os modos de investigação que nela se baseiam, pois a ênfase é dada tanto para o sistema quanto para o seu uso

contextualizado. De acordo com Vieira e Resende (2016, p. 16), “é precisamente isso o que justifica o fato de a ADC não pesquisar a linguagem como sistema semiótico nem como textos isolados, mas sim, o discurso”. E “discurso”, nesse sentido, pode ter dois significados:

- a) linguagem como momento integrante e irreduzível da prática social, em articulação com os demais elementos dela: fenômeno mental, relações sociais e mundo material; e
- b) modo particular de representar parte do mundo que revela modos também particulares de ver e entender o mundo, as pessoas, as relações sociais, as lutas de poder (Vieira; Resende, 2016).

De acordo com Fairclough (2003), as práticas sociais estão

[...] entre a estrutura, em que a linguagem figura como sistema semiótico (com as opções lexicais, gramaticais, semânticas, e outras, que ela oferece), e os eventos, em que a linguagem se manifesta como textos particulares (produzidos em contextos e situações específicas, por indivíduos particulares) (Fairclough, 2003).

O foco de investigação nelas busca equilibrar as instâncias em que a linguagem ocupa enquanto sistema de sentidos/signos, dentre outros, que, juntos, constituem cultura (como estrutura social) (Halliday, 1989) e na concretização dos mecanismos dessas estruturas abstratas e suas possibilidades de escolha/realização.

A prática em questão é a representação da ocupação do SDS, em termos comparativos com a diretriz deste espaço social, e como a realidade realizou ou se impôs ao imaginado. A recontextualização do projeto urbanístico e dos eventos associados a este espaço é produzida nos textos jornalísticos de forma a legitimar modos específicos de construção e ocupação nos espaços da nova capital. Além de suas bases arquitetônicas - a previsão morfológica dos prédios e da organização do centro comercial -, o projeto possui elementos discursivos que orientam as funcionalidades e as significações ideais para esse território (espaço a ser construído e ocupado por práticas e indivíduos), as quais são difundidas à população pela mídia. Daí podemos avaliar os modos pelos quais a ideologia atravessa os corpos textuais e as representações de uma determinada prática ou evento social e como tal efeito pode ser produzido com tamanha sutileza.

Segundo Fairclough (2003), a principal preocupação desta área de estudos são os efeitos ideológicos, ou seja, os efeitos potenciais dos textos para sustentar ou mudar ideologias hegemônicas, como um processo social. Sendo ideologia, nessa acepção, construções e repertórios de sentido que representam aspectos do mundo de forma a legitimar

relações de poder, dominação e exploração. Para a ADC, a desconstrução ideológica de sentidos de textos que integram práticas sociais pode intervir na sociedade para superar essas relações, isso quando a análise textual é aliada à análise social e a ela é dada uma dimensão crítica que objetiva tal superação. Para o autor, não podemos presumir que os textos se tornem transparentes por meio da explanação e categorias discursivas pré-existentes, e sim que a realidade social de um texto possa ser observada por meio de questões, teorias e métodos de análise direcionados (Fairclough, 2003, p. 15).

A partir da ADC, focamos nas materializações discursivas sobre a ocupação do SDS, que explicitam a relação entre os textos, eventos, práticas e estruturas sociais hegemônicas. Relações essas materializadas no material textual e nas possibilidades que determinados gêneros discursivos, notícias e reportagens, como forma de ação e interação - seus processos de produção, distribuição e consumo - permitem. Como já tratava Fairclough (2001), a mídia constitui um equipamento comunicacional complexo, estruturado, capaz de antecipar processos interpretativos e ressoar determinadas compreensões e suas implicações ideológicas a um nível elevado de leitores/interlocutores. O que permite, por exemplo, que outros gêneros textuais sejam incorporados à forma do fazer jornalístico e divulgados como tal, quando eles têm implicações outras, latentes, que não só as consideradas “informadoras” da vida cotidiana, como usualmente se é declarado.

Para Andrade (2017, p. 60), “os discursos encontram nos jornais suportes essenciais para a construção de relações sociais que se tornam hegemônicas pela estrutura social vigente baseada em um modo de produção capitalista”. Portanto, compreendermos os textos noticiosos e seu “norte semântico” como parte do aparato de governança contribui para a revelação dos preconceitos e dos sentidos pejorativos em relação a quem, a que e **onde** está sendo representado. “A mídia não substitui a realidade, mas a incorpora, tornando-se sua parte irreduzível [...] na medida em que ela se torna conteúdo das relações e interações sociais” (Andrade, 2017, p. 32). Ela se torna cenário discursivo dos diversos problemas sociais, reificando sentidos e interesses que não servem aos interesses coletivos, mas à manutenção de hierarquias e de projetos das elites.

Nas sociedades do sistema mundo colonial-moderno⁹, as ações e as interações são também processos de mediação. Para Fairclough (2003), na dinâmica do novo capitalismo, os gêneros midiáticos recontextualizam e transformam outras práticas sociais, como a política e a

⁹ Sistema no qual figuram estratégias e práticas discursivas de colonização que sustentam relações de dominação, marcadas pela combinação entre raça, gênero, sexualidade e classe (Gonçalves; Ribeiro, 2018, Vieira, 2019).

de governança, e, por sua vez, são recontextualizados em textos e em interações de diferentes níveis, incluindo, especialmente, a vida cotidiana, onde contribuem para moldar como nós vivemos e como significamos as nossas vidas. Assim, podemos dizer que representações particulares podem ser disseminadas em gêneros e internalizadas em estilos e, ainda, que tais gêneros e estilos pressupõem representações particulares, as quais se baseiam em discursos particulares (Fairclough, 2003).

4.2 A urbanidade do discurso e o discurso da urbanidade

Sirvo-me da concepção de cidade de Park (1976), observando-a como produto da natureza humana ou, ainda, como “um estado de espírito, um corpo de costumes e tradições e dos sentimentos e atitudes organizados, inerentes a esses costumes e transmitidos por essa tradição”. Na cidade moderna, junto à organização física dos espaços, há uma dimensão baseada nos hábitos e costumes das pessoas que a habitam, que mutuamente se moldam e modificam uma à outra. Assim, a planta da cidade impõe limites para as autoridades públicas e para a iniciativa privada e suas construções, delimitando de que forma as edificações e o espaço serão organizados, porém, características socioculturais, interesses vocacionais e econômicos, gostos e conveniências pessoais têm um papel igualmente importante nesse processo organizativo, segregando e acomodando as populações em regiões específicas e remodelando as plantas urbanas.

De acordo com o autor, os meios de comunicação modernos mudaram a organização social e industrial das cidades e, por consequência, os hábitos, sentimentos e caráter de suas respectivas populações, fazendo com que o crescimento dos centros urbanos fosse acompanhado pela substituição de relações diretas, face a face, por relações indiretas, mediadas por instituições e associações de indivíduos na comunidade. Nesse sentido, a cidade, “onde mais do que em qualquer outro lugar as relações humanas tendem a ser impessoais e racionais, definidas em termos de interesse e em termos de dinheiro é num sentido bem real um laboratório para a investigação do comportamento coletivo” (Park, 1976, p. 44). E a mídia, sua técnica e sua produção - textos formais produzidos conforme convenções pré-estabelecidas pela lógica de mercado - são evidências da publicização da opinião pública e do desdobramento da propaganda como a força dominante do controle social.

Consideremos, então, o jornal como o principal meio de comunicação na conjuntura investigada, visto que é na base da informação fornecida por ele que se baseia a opinião

pública na/da cidade (Park, 1976, p. 60). Com base na ADC, podemos observar que determinadas perspectivas de mundo, ligadas a projetos particulares, das elites, facilmente são disseminadas pelos jornais de monopólio local como universais e dão uma compreensão do social pelo consenso, o hegemônico, e implicam diretamente nas cidades: representações de entidades, identidades e relações sociais podem circular com base em valores, crenças e interesses que indicarão a marginalização ou a valorização de determinados *habitats* urbanos (Kizam da Silva; Silva, 2022). Em estudo sobre a Ceilândia, Região Administrativa do DF, Campêlo (2020) observou que o discurso da mídia apresentado “de dentro da cidade” revelou-se mais próximo da realidade descrita pelos adolescentes moradores da Região Administrativa, enquanto o discurso “de fora” desconsiderava as condições sociais e financeiras da comunidade e contribuía para criar uma narrativa preconceituosa sobre seus moradores.

Para tratar especificamente da questão do espaço nos estudos discursivos, me baseio na acepção de van Leeuwen (2008) de que nossa compreensão do espaço está ligada diretamente à ação que ali acontece, ao modo como o recontextualizamos na representação das práticas sociais. Assim sendo, discursos fornecem entendimentos normativos dos espaços e de seus usos e estão ligados a simbolismos, interesses e práticas de controle específicas. A construção discursiva do espaço não apenas informa onde estão localizadas as coisas, mas também prescreve potencialmente onde e como elas devem estar. Ao atribuir funções e significações para os espaços, portanto, os preenchemos de diretrizes potencialmente autoritárias.

O autor explora o ponto de vista de “que nossos entendimentos sobre o espaço derivam de e podem ser diretamente vinculados à ação social, à forma como usamos o espaço nas práticas sociais” (van Leeuwen, 2008, p. 88) e à forma como posicionamos corpos no espaço (Oliveira; Almeida, 2020). O seu enfoque, portanto, está na construção do espaço no discurso, na pressuposição de que discursos particulares sobre o espaço fornecem legitimações e perspectivas hegemônicas sobre o uso do espaço mediante as práticas sociais. Para a compreensão dessa construção, ele propõe uma “gramática do espaço”, baseada nos seguintes modos de recontextualização do espaço:

Quadro 7 – Gramática do espaço

Posições	Arranjo espacial de uma prática social ou de parte dela por circunstâncias de localização.
Transições	Transição do espaço de uma prática social ou de parte dela para o espaço da próxima por circunstâncias de localização (movimento).
Enquadramento	Posições, transições e descrições podem ser detalhados por enquadramento, isto é, a recontextualização pode relacionar uma ação/evento social a um espaço adjacente ou ao todo do qual faz parte. Nos textos, enquadramento é realizado por duplas circunstâncias de localização ou por processos de ancoragem espacial.
Funções	Modo de interpretação do espaço por meio de atribuição de função por construções de propósito ou por processos visuais.
Significados	Modo de interpretação do espaço por meio de atribuição de significado por processos de significação ou por processos que projetam significação.
Desangencialização/ Espacialização	Ocultação do ator social que atribui significados e funções aos espaços e arranjos espaciais. Representação de significados e funções como inerentes ao espaço, de modo que o próprio espaço é facilitador das ações sociais e interpretativas.
Descrição/ Legitimação	Descrições dos arranjos especiais e da localização das ações/eventos sociais. Não fornecem a descrição por si só, mas sugerem motivos e legitimações onde as coisas devem ou não estar.

Fonte: o autor, com base em van Leeuwen (2008).

Em suma, a recontextualização do espaço não seleciona apenas espacialidades, arranjos e elementos espaciais “não apenas para ligá-los a ações específicas e para enfatizar a sua funcionalidade, ou para ‘interpretar o espaço’” (van Leeuwen, 2008, p. 101), mas também para enfatizar hierarquia e avaliação moral, para acionar conceitos que possam legitimar os espaços e as práticas e as identidades que integram os arranjos espaciais que estão sendo descritos. A avaliação é um aspecto de destaque na construção discursiva do espaço, moldado por estilos, os quais dizem respeito a apreciações e perspectivas do seu produtor, mais ou menos explícitas, sobre aspectos do mundo, sobre o que considera bom ou ruim, ou o que deseja ou não, e assim por diante (Fairclough, 2003 *apud* Vieira; Resende, 2016).

Como maneiras particulares de representar e se posicionar diante de aspectos do mundo, “avaliações são sempre parciais, subjetivas e, por isso, ligadas a processos de identificação particulares” e tais processos, envolvendo posicionamentos ideológicos, “podem atuar em favor de projetos de dominação” (Vieira; Resende, 2016, p. 121). É pertinente, para esta pesquisa, não só tratar da construção dos espaços no discurso, sua representação, mas das práticas, identidades e ideologias que fazem deles espaços sociais, territórios.

Similarmente, Pardo (2015) discute como a categoria de lugar, gramaticalmente, sempre foi considerada como um termo complementar/acessório nas orações, indicadora de

uma circunstância da ação. Que como complemento, ocupar-se-ia do lugar onde ocorre a ação, uma das circunstâncias do fato narrado. Acontece que esta função orientadora pode ser alargada nos textos, sendo refuncionalizada à proporção de assumir-se como tópico textual. Nesse caso, a categoria de lugar passaria de puramente gramaticalizada para se tornar semântico-discursiva. Ou seja, os vocábulos relativos aos lugares-espacos-territórios podem ser enriquecidos semanticamente, investidos de sentido, até se tornarem parte de maior relevância nos textos, como no *corpus* deste trabalho, no qual eles adquirem evidência na representação discursiva.

Tatagiba e Silva (2013) apontam que, assim como o discurso pode apontar significações no espaço, num movimento dialético, a organização das pessoas no espaço pode revelar significados discursivos e de suas respectivas práticas sociais. No mesmo estudo, os autores consideram o espaço geográfico como um palco de lutas e relações de dominação de um grupo sobre outro, concepção similar à que traz Resende (2020, p. 571) sobre as dimensões territoriais das cidades: verdadeiros cenários de reconhecimento, de negação, pertencimentos, “autorizações de trânsito e permanência, e sobretudo, talvez, das negações que se lhe opõem”. E especialmente no caso do DF, as práticas sociais relacionadas à organização do espaço geográfico não se deram de forma aleatória e isenta de significados, pelo contrário, se deram por meio de planejadas lutas e relações de dominação (também discursivas) de um grupo sobre outro (Tatagiba; Silva, 2013).

Já as representações, como preconiza Charaudeau (2006, p. 47), “se baseiam na observação empírica das trocas sociais e fabricam um discurso de justificativa dessas trocas, produzindo-se um sistema de valores que se erige em norma de referência”. Consequentemente, de acordo com o autor, as representações não apenas refletem, mas também influenciam os anseios sociais, estabelecendo normas e desvelando valores à medida que dão forma a uma estrutura organizativa da realidade por meio de imagens mentais expressas nos discursos, assim como uma categorização social dessa realidade (Charaudeau, 2006).

A concepção e a organização de Brasília, por exemplo, partiam de uma premissa essencialmente utópica: de transformação da sociedade brasileira. Para Holston (1993), Brasília foi idealizada não apenas como uma antítese da estratificação social predominante no Brasil, mas como um antídoto, uma incubadora de uma nova ordem social. Os planejadores da cidade não supunham que a igualdade já era um valor arraigado na sociedade, mas sim que poderiam inspirar esse valor entre seus habitantes, especialmente entre as crianças. Ao presumir que funcionários públicos de diferentes níveis desfrutariam de uma convivência

comum, os idealizadores da capital federal não estavam apenas refletindo uma realidade existente, mas, mais significativamente, estavam modelando um valor que gostariam de engendrar neste espaço novo (Holston, 1993).

Essencialmente, para Charaudeau (2006), as representações têm três funções sociais, intimamente ligadas umas às outras:

- a) a de organização coletiva do sistema de valores;
- b) a de exibição das características comportamentais do grupo (rituais e lugares-comuns) diante da própria coletividade, “pois os membros do grupo têm necessidade de conhecer o que compartilham e o que os diferencia dos outros grupos, para construir sua identidade” (Charaudeau, 2006, p. 117); e
- c) a de encarnação dos valores dominantes do grupo em figuras (indivíduo, instituição, objeto simbólico) que desempenham o papel de representantes da identidade coletiva.

Ao considerarmos o conceito de “discurso circulante” (Charaudeau, 2006, p. 118), que compreende a soma empírica de enunciados pelos quais os membros de uma comunidade se reconhecem, observamos que ele desempenha funções adicionais que se relacionam com o domínio das representações e constituem a dinâmica de exclusões e, portanto “os territórios e fronteiras de um espaço ao redor do qual é percebido como o mesmo ou o outro” (Charaudeau, 2006, p. 117), a saber:

- a) a de regulação do cotidiano social, garantida por meio de discursos que não apenas determinam, mas também justificam os comportamentos da coletividade. Esses discursos servem para normatizar as relações sociais e estabelecer o que é considerado como ordem ou desordem, bem como orientam o que é aceitável ou inaceitável, o que é considerado moral ou imoral;
- b) a de dramatização, que é alcançada por meio de movimentos e discursos de socialização e publicização, tais como narrativas históricas, relatos ficcionais e mitos. Eles desempenham um papel fundamental na documentação do destino humano, na comunicação e perpetuação das histórias que moldam a compreensão coletiva da vida e da existência humana.

4.3 A dimensão simbólico-discursiva da territorialidade

Para explorar o conceito de território, recorro à teorização de Haesbaert (2007), que o define em dupla conotação, uma dimensão material e outra simbólica. O território é concebido

como um espaço físico, mas também como um “espaço-processo”, ou seja, um processo socialmente construído que é, necessariamente, entrecortado no tempo por relações de poder. Essa perspectiva se assemelha às observações de Rezende (2014) no que diz respeito ao SDS, um espaço que resulta da interação complexa de ações, agentes e interesses públicos e privados, que ora convergem, ora conflituam. Dentro dessa concepção, o território está intimamente vinculado à dominação jurídico-política de um determinado espaço e, conseqüentemente, à exclusão de outros - os “alijados” - que são impedidos de acessá-lo e, vale a pena acrescentar, de se identificar com ele. É possível afirmar que “para aqueles que têm o privilégio de plenamente usufruí-lo, o território pode inspirar a identificação (positiva) e a efetiva ‘apropriação’” (Haesbaert, 2007, p. 20).

Segundo Haesbaert, para os subalternizados ou hegemonzados “o território adquire muitas vezes tamanha força que combina com igual intensidade funcionalidade e identidade [...] não diz respeito à função ou ao ter, mas ao ser” (Haesbaert, 2007, p. 23). A territorialidade, além de incorporar uma dimensão mais estritamente política, diz respeito também às relações econômicas e culturais, pois está “intimamente ligada ao modo como as pessoas utilizam a terra, como elas próprias se organizam no espaço e como elas dão significado ao lugar” (Haesbaert, 2007, p. 23). Aproximar-nos da territorialidade a partir da abordagem relacional-dialética nos permite observá-la em seu ponto de união entre o social e o discursivo, entre formas de apego a “territorialismos” (Haesbaert, 2007, p. 23) e formas discursivas, de significação do território.

A territorialidade não é apenas algo abstrato, num sentido de abstração epistemológica, mas ontologicamente enquanto “‘imagem’ ou símbolo de um território existe e pode inserir-se eficazmente como uma estratégia político-cultural” (Haesbaert, 2007, p. 25). Haesbaert ilustra essa abordagem com um exemplo fornecido por Bonnemaïson, sobre os habitantes de Tuva. Esses indivíduos, embora não detenham o controle efetivo do território, estabelecem profunda identificação com ele, fundamentando suas narrativas na mitologia local e nas práticas que permeiam o espaço. Esse fenômeno é uma manifestação de uma espécie de ideologia territorial, que ressoa nos dias atuais, tornando-se particularmente relevante nas sociedades do sistema colonial-moderno. Há um retorno crescente dessas ideologias territorialistas nas sociedades do sistema colonial-moderno, “impondo-se como argumento para a construção efetiva do território - ou o território tornando-se, provavelmente, o mais eficaz de todos os construtores de identidade” (Haesbaert, 2007, p. 25).

Ademais, é relevante a concepção de Souza (1995), a respeito de como os aspectos políticos e culturais interferem na composição das territorialidades (propriedades gerais dos

territórios) e, por consequência, influenciam na constituição das identidades associadas a elas. O território é um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder, que para além de suas características geológicas, tem “ligações afetivas e de identidades entre um grupo social e seu espaço” (Souza, 1995, p. 78). Segundo o autor, o termo normalmente evoca a acepção de “território nacional” e de “Estado”, no entanto, essa escala não deve ser redutiva, visto que os territórios são construídos e desconstruídos dentro de escalas temporais e espaciais as mais diferentes (Souza, 1995, p. 78).

O território é um campo de forças, que “define, ao mesmo tempo, um limite, uma alteridade: a diferença entre ‘nós’ (o grupo, os membros da coletividade ou ‘comunidade’, os *insiders*) e os ‘outros’ (os de fora, os estranhos, os *outsiders*)” (Souza, 1995). Para o autor, uma forma mais crítica de se abordar a territorialidade “pressupõe não propriamente um descolamento entre as dimensões política e cultural da sociedade, mas uma flexibilização da visão do que seja o território” (Souza, 1995, p. 86). Essa dimensão simbólica está relacionada à identidade cultural, às relações, rivalidades e práticas que se materializam nos territórios e definem os limites entre grupos e a divisão entre espaços. Nas cidades, há uma simultaneidade de influências e de interferências territoriais, difusas e contraditórias, que se delimitam, que se desafiam, que se sobrepõem (Almeida, 2005).

Há territórios que são, principalmente, relações sociais projetadas no espaço que espaços concretos, territorialidades mais flexíveis, que se formam e se dissolvem com maior facilidade. A constituição delas pode se dar pela apropriação de grupos específicos ou pela sua existência cíclica, como os centros urbanos que são frequentados por trabalhadores “normais” e “decentes” de dia e por prostitutas, travestis e rapazes de programa à noite (Souza, 1995). Perlongher (1986) desenvolve a ideia de transmutação dos centros urbanos e de territorialização marginal com a chegada da noite na categoria de “região moral”: “local do poder e do dinheiro durante o dia” e “local de vício durante à noite: passaria a ser tomado por certa marginalidade ‘boêmia’” (Perlongher, 1986, p. 64).

No SDS, na década de 1970, durante o dia, o térreo abrigava o comércio que dava suporte aos trabalhadores da região e, à noite, nos subsolos, concentravam-se atividades de entretenimento adulto. Segundo Rezende (2014, p. 58), “a subutilização das lojas no subsolo do setor, associada à sua proximidade com os setores hoteleiro e comercial sul, tradicionais pontos de prostituição, favoreceram a instalação de bares, boates e prostíbulos”. No *Correio Braziliense*, o uso do espaço era acompanhado por escritos como “a partir das 20 horas, isto aqui se transforma em boca de lixo, em submundo [...] a situação do Setor de Diversões Sul é um pandemônio à noite” (Correio Braziliense, 28 mar. 1979).

Desta forma, como Bretas e Saraiva (2013), compreendo a cidade como um conjunto de espaços vividos e ocupados, onde se produz e se reflete significados, cuja organização forma uma base material passível de reflexão. Partindo do princípio de que a construção da cidade não é exclusiva do poder público e a vida nela é também regida por regras morais, negociações, jogos de poder e de controle, como os atores sociais configuram as práticas organizativas no espaço urbano? A cidade é disputada e organizada por instâncias e fatores territorializantes diversos, a mídia, por exemplo, detém recursos necessários para circular, de forma institucional, códigos e normas culturais com potenciais efeitos na constituição dos espaços urbanos. Sendo assim, seus lugares-espacos-territórios estão em constante disputa, seja por quem o defende ou por quem deseja conquistá-lo (Bretas; Saraiva, 2013).

Para além da organização dos espaços na cidade e dos grupos nesses espaços, segundo Almeida (2005), a cidade atua de forma determinante na formação das identidades. Nossos hábitos, identificações, aderências fazem parte de um determinado estilo de vida, que é propriamente urbano. E nesse sentido, as identidades que são construídas e reconstruídas por significações e vinculações dos atores sociais têm grande influência da dimensão territorial, por isso é “coerente uma investigação acerca das relações que os indivíduos estabelecem uns com os outros, mas também com os lugares que habitam” (Almeida, 2005, p. 22). Podemos, assim, compreender a dimensão subjetiva e cultural dos espaços, os modos de vida e as relações que ali se constituem, os valores simbólicos que lhes são atribuídos, bem como as intenções políticas e econômicas que regem todos esses elementos e a construção das cidades contemporâneas (Almeida, 2005).

A partir de Almeida (2005), cito como pertinente, para este estudo, atentarmos-nos aos seguintes pontos:

- a) A relação que é estabelecida entre as cidades e as identidades.
- b) A proximidade entre a cidade e as territorialidades que a compõem, que são elementos que contribuem para a constituição das identidades e das relações sociais.
- c) A visão não dicotômica da realidade, na qual indivíduos e espaços são componentes de uma mesma totalidade e se relacionam/interagem.
- d) A indissociabilidade dos territórios de seus componentes: pessoas, identidades, práticas sociais, relações, conflitos, crenças, valores e ideologias.
- f) As relações de pertencimento, posse, conflito e identificação com os territórios.
- g) Os agentes atuantes e os interesses envolvidos na disseminação de significações e funcionalidades potencialmente ideológicas.

De acordo com Nunes (2009, p. 26), “o espaço urbano é a concretização do imaginário social que se constrói no histórico cotidiano e o Conic permanece ainda como lugar pouco nobre”, no qual há uma lógica de fixação de pré-conceitos no imaginário dos habitantes da cidade que se enraízaram e se espacializaram. Esta colocação nos permite compreender imaginário social como “composto por um conjunto de relações imagéticas que atuam como memória afetivo-social de uma cultura, um substrato ideológico mantido pela comunidade” (Moraes, 1997, p. 94) e como “o fenômeno discursivo serve à construção de ideais que tem a potencialidade de legitimar práticas e posições sociais”, que dotadas de objetividade e credibilidade, se instalam no lugar do consenso sociocultural (Pardo Abril, 2016, p. 176).

Trata-se, portanto, de uma produção coletiva de diferentes percepções dos atores em relação a si mesmos e aos outros, de referências simbólicas que definem, para os indivíduos de uma mesma comunidade, os meios inteligíveis de seus intercâmbios com as instituições, a vida e o cotidiano (Moraes, 1997). Bronislaw Baczko assinala que é por meio do imaginário que se podem atingir as aspirações, os medos e as esperanças de um povo e, ainda, que é nele que as sociedades esboçam suas identidades e objetivos e detectam seus inimigos (Moraes, 1997). O imaginário social se expressa por ideologias, utopias, símbolos, alegorias, rituais e mitos, elementos esses que modelam condutas e naturalizam ou transformam a ordem vigente. Portanto, os símbolos “não são neutros, uma vez que os indivíduos atribuem sentidos à linguagem, embora a liberdade de fazê-lo seja limitada pelas normas sociais” (Moraes, 1997, p. 96). Os sistemas simbólicos unificam o imaginário social e arquitetam as finalidades e a funcionalidade das instituições e dos processos sociais, constituindo uma dimensão simbólica, que não é única, mas complementar, legitimando-a por significação e investido-a de sentido.

Os mundos imaginários funcionam como matéria espiritual para se alcançar um consenso reordenador das relações sociais, consequentemente orientado para a transformação. Uma vez que eles não são neutros, o conceito de Hegemonia de Gramsci trata de formas históricas variáveis de liderança cultural-ideológica de uma classe sobre as outras. Para ele, enquanto a sociedade política opera pela coerção por meios dos aparelhos do Estado, a sociedade civil opera por aparelhos privados de hegemonia, como a imprensa, os partidos políticos, os sindicatos, as associações e a Igreja. Tais aparelhos, gerados pelas lutas de massa, rescindidos da força e da violência visível do Estado, estão empenhados em obter o consenso e a legitimidade como condições indispensáveis de dominação (Moraes, 1997).

Para Gramsci, em um contexto de hegemonia, a burguesia estabelece uma aliança sólida entre o Estado e as instituições encarregadas de preservar e perpetuar os valores sociais, formando o que ele chama de “Estado ampliado”. Essas instituições desempenham o papel de

aparelhos ideológicos de Estado, como concebido por Althusser, mas com uma distinção notável: nessa perspectiva, a estrutura é vista como flexível, ou seja, as classes subalternas têm a capacidade de almejar, como parte de seu projeto político, a desvinculação de certos aparelhos ideológicos do domínio estatal, transformando-os em agências independentes de hegemonia sob sua própria orientação (Moraes, 1997).

Nesse contexto, diferentemente de outras teorias que concebem o poder como uma força coercitiva unilateral exercida pela estrutura sobre o indivíduo, da qual este não consegue se libertar, para a ADC o poder é temporário, com equilíbrio apenas instável (Vieira; Resende, 2016). Assim, as relações de poder assimétricas se apresentam como passíveis de transformação e superação. O conceito de poder como hegemonia, no qual sua conquista se dá mais por meio do consenso do que pelo uso da força bruta, reforça a importância das ideologias, veiculadas por meio do discurso. Uma parte das lutas hegemônicas envolve a luta pela instauração, sustentação, universalização de discursos particulares e de perspectivas ideológicas que favorecem algumas poucas pessoas em detrimento de outras (Vieira; Resende, 2016). Isso realça a conexão intrínseca entre a linguagem, o poder e a construção de representações que moldam as relações sociais e influenciam a distribuição do poder na sociedade.

4.4 As relações de poder-ação da prática jornalística

Para a ADC, gêneros constituem um momento das ordens de discurso, junto a discursos e estilos, vinculado ao significado acional-relacional do discurso (Fairclough, 2003), ou seja, aos modos relativamente estáveis de se agir, interagir, representar e identificar discursivamente nas práticas sociais. Vieira e Resende (2016) enfatizam que os gêneros não se limitam à organização e à função textual, mas, fundamentalmente, dizem respeito à maneira como as mensagens contribuem para a negociação das ações e relações sociais potenciais entre os participantes do discurso.

Nesse contexto, os gêneros discursivos não pressupõem apenas formas estruturadas de interação, mas relações com outras pessoas, assim como ação sobre outras pessoas. Eles estão intrinsecamente ligados à distribuição assimétrica de poder na medida em que possibilitam e constroem as dinâmicas de interação e as hierarquias de autoridade entre os diferentes participantes do discurso. Portanto, a compreensão dos gêneros discursivos exige uma análise que vá além das características textuais, explorando sua função na negociação das relações sociais e no exercício do poder dentro e a partir do discurso.

Para Fairclough (2003), os gêneros discursivos situados representam modos relativamente estáveis de agir e de se relacionar nas práticas sociais, em que atividade, pessoas e linguagem estão interconectados. Pressupõe-se, desta forma, para a análise discursiva, uma macroanálise social e textual, considerando:

- a) a atividade em que o gênero é produzido e circula;
- b) as relações sociais implicadas na atividade; e
- c) as tecnologias de comunicação da atividade.

Em sua primeira dimensão, “gêneros implicam atividades específicas, ligadas a práticas particulares e com propósitos específicos [...] o que as pessoas estão fazendo discursivamente” e com quais propósitos (Silva; Ramalho, 2008, p. 32). Fairclough (2003) sugere que a análise dos “propósitos da atividade” deve ser comedida para evitar a trivialização dos gêneros. Isso ocorre porque os propósitos podem ser complexos, combinados hierarquicamente, mesclados e implícitos, tornando a fronteira entre eles menos clara. A mesma prudência vale para a investigação da macroestrutura ou estrutura genérica, pois essa materialização pode variar entre gêneros, sendo mais fixa e previsível em alguns e mais plástica em outros (Silva; Ramalho, 2008).

Enquanto manifestações semióticas da atividade social, os gêneros discursivos situados desempenham papel crucial no desenrolar das combinações que podem ocorrer entre organizações, grupos e indivíduos (Fairclough, 2003). De particular interesse contemporâneo é a relação entre instituições e grupos ou indivíduos e o que ela pode sugerir sobre hierarquia e distância social, características dos “gêneros de governança”, por meio dos quais organizações se comunicam com indivíduos e exercem poder sobre eles e dissimulam por tecnologias discursivas assimetrias explícitas e relações de dominação (Silva; Ramalho, 2008, p. 32). Como discutido na seção anterior, Andrade (2017) afirma que os jornais, como parte do aparato de governança, dão suporte para a construção de relações hegemônicas e para a incorporação da realidade no discurso midiático, na medida em que ele se torna conteúdo das relações e das interações sociais.

Para Richardson (2007, p. 114), “a sociedade influencia o trabalho dos jornalistas de diversas maneiras, desde os efeitos constitutivos da ideologia, estruturas sociais, poder, outras agências e instituições até os valores e preferências do público” e, da mesma maneira, “os jornalistas agem sobre o mundo, produzindo e reproduzindo realidades sociais ao manter ou transformar crenças sociais” (Richardson, 2007, p. 114). Então, segundo o autor, o estudo da prática jornalística presume uma relação dialética entre a sociedade e o jornalismo, na qual ambos se influenciam mutuamente: o mundo social influencia os jornalistas e os jornalistas

influenciam o mundo social. Também são de vasta importância, dentre as diversas forças concorrentes que circundam a prática jornalística, o público: “sem uma compreensão do público não pode haver seleção do que apresentar como notícia” (Richardson, 2007, p. 89).

O *Correio Braziliense*, primeiro veículo de notícias do DF, por exemplo, em seus anos iniciais, reforçava a sua atenção para os assuntos de Brasília, “uma espécie de porta-voz dos habitantes locais” (Morelli, 2002, p. 58). O jornal era pautado pelos próprios leitores, que ligavam ou compareciam pessoalmente para dar sugestões de temas ou para relatar problemas da vida na nascente capital. Apesar do volume populacional das “cidades-satélites” ao longo dos anos ir se adensando, o jornal continuava a priorizar a cobertura de notícias sobre a área central da cidade, o Plano Piloto. Nessa época, “os leitores podiam enviar notícias sobre a sua quadra, clube, escola, enfim, assuntos que diziam respeito especialmente aos que liam o jornal” (Morelli, 2002, p. 72).

A terceira dimensão, as tecnologias de comunicação de que a atividade pode depender, deve considerar se há ou não mediação na comunicação e se ela acontece em uma ou em duas vias (Silva; Ramalho, 2008). Uma conversa face-a-face, por exemplo, é comunicação não-mediada em duas vias, enquanto a rádio, a televisão e a imprensa são comunicações medidas em uma via. Fato é que a extensa disponibilidade de informação e o fluxo da comunicação em sentido único acarretam aumento significativo da capacidade de transmitir mensagens potencialmente ideológicas em escala global, visto que este último tipo de comunicação é produzido para um número indefinido de receptores potenciais (Silva; Ramalho, 2008).

Charaudeau (2006) argumenta que as mídias desempenham um papel fundamental na publicização da informação midiática, contribuindo para a constituição e transformação do espaço público. Essa influência não implica uma apropriação direta do espaço público com o intuito de modificá-lo, mas sim uma influência indireta, mediada pela assimetria entre a instância de produção e a instância de recepção, que não é diretamente acessível. A instância de produção, sendo uma máquina midiática, possui considerável poder, mas, nesse contexto, o poder não opera de forma isolada; ele requer uma relação de ressonância na qual representações são compartilhadas e disseminadas através do discurso, circulando entre os membros de uma comunidade cultural específica.

Poderíamos falar, então, a partir de uma noção múltipla de espaço geográfico (Haesbaert, 2007), do potencial constitutivo do discurso midiático na composição das territorialidades urbanas e nas práticas que acontecem na cidade. A partir da imbricação de múltiplas relações de poder que concebem um território, este é constantemente invadido e

refeito em relação à sua funcionalidade, que não advém do espaço vivido pela maioria, mas de suas constantes refeições identitárias e discursivas, produzidas, em sua maioria, por interesses e para atores hegemônicos. Desta forma, o discurso midiático tem grande contribuição na formação dos espaços e na constituição de pessoas, fenômenos e relacionamentos que neles acontecem ao ressoar essas referências simbólicas e incorporá-las ao contexto cotidiano, como no caso do SDS.

Os gêneros não são estáticos ou puros, mas maleáveis, plásticos e híbridos, como Marcuschi (2006) ressalta. Fairclough (2003) enfatiza a importância de reconhecer diferentes níveis de abstração em gêneros e várias hierarquias de organização de gêneros em textos. Silva e Ramalho (2008) sugerem que, no nível mais abstrato, existem os pré-gêneros (Swales, 1990), também chamados de tipos textuais por Marcuschi (2005) e de gêneros primários por Bakhtin (1997), que se originam espontaneamente na vida cotidiana e em situações de comunicação simples, como narração e argumentação, e são utilizados na criação de gêneros secundários mais complexos, os gêneros textuais.

Para Marcuschi, os tipos textuais referem-se a “cerca de seis sequências linguísticas que compõem gêneros, como narração, argumentação, exposição, descrição, injunção, diálogo” (Silva; Ramalho, 2008, p. 29). A mistura ou o hibridismo de tipos em gêneros é definida pelo autor como “heterogeneidade tipológica”. Já os gêneros textuais, referem-se a realizações linguísticas definidas por propriedades sociocomunicativas, incluindo conteúdo, função, estilo e estrutura típica. Eles são textos empíricos que desempenham funções em contextos de comunicação. “Ao contrário dos tipos textuais, que se limitam a alguns poucos, os gêneros textuais são inúmeros, e nem todos têm nomes estabelecidos” (Silva; Ramalho, 2008, p. 29).

Por fim, segundo Vieira e Resende (2016), podemos falar dos gêneros situados, os quais correspondem aos gêneros textuais de Marcuschi (2008) e aos gêneros secundários/complexos de Bakhtin (1997), aqueles que “são característicos de uma (rede de) prática particular, como a do jornalismo” (Vieira; Resende, 2016, p. 66). O conceito de gênero associa-se à faceta regulatória do discurso, aos processos de permissibilidade e constrangimento nos processos situados de significação. Por este mesmo motivo, uma vez que estão diretamente associados ao significado inter-acional da linguagem, gêneros implicam ação humana, mutabilidade, plasticidade, hibridismo. Uma interação ou gênero particular “frequentemente envolve uma combinação de diferentes gêneros” (Vieira; Resende, 2016, p. 64), como veremos a seguir.

O primeiro conjunto de textos que integram o *corpus* deste trabalho, veiculados na década de 1960, apresenta uma característica notável, a intergenericidade. Essa intergenericidade implica que os textos dentro deste conjunto exibem uma notável fusão de características e elementos que são característicos de outros gêneros discursivos, o que resulta na “subversão do modelo global genérico” (Marcuschi, 2005, p. 31 *apud* Vieira; Resende, 2016). Visto que se trata predominantemente de notícias e reportagens, é evidente a presença de influências de outros domínios discursivos, em particular, os associados ao discurso urbanístico, incorporando elementos linguístico-discursivos sobre planejamento e desenvolvimento urbano.

Segundo Rezende (2014), o projeto do SDS foi apresentado na forma de uma planta urbanística e um memorial descritivo conhecido como Relatório do Plano Piloto. No documento constavam justificativas e diretrizes do cruzamento de dois eixos, assim como a setorização funcional, a circulação, tipologia e morfologia dos edifícios que compunham a cidade (Rezende, 2014). O projeto, em suas definições como documento especializado à atuação das entidades urbanizadoras e à ocupação dos espaços da capital, foi compartilhado e disseminado por meio do discurso midiático, como podemos conferir nos textos:

- a) Planta do Setor de Diversões Sul (1961);
- b) Humanização de Brasília (1963);
- c) Brasília (1968);
- d) Visto, lido e ouvido (1968);
- e) Mais cinemas (1968); e
- f) O setor de diversão Sul vem aí (1969).

Os modos de articulação do discurso urbanístico no discurso midiático e sua contribuição na representação são destrinchados no próximo capítulo, a partir da categoria de Intertextualidade. Fairclough (2003) sugere que esta categoria constitui traços de textos ou aspectos da organização textual que são, de maneira geral, moldados por gêneros.

Além disso, há também a inclusão de aspectos do discurso imobiliário, sendo possível identificar técnicas de persuasão e promoção de vendas de propriedades e imóveis. Essa configuração híbrida dos gêneros discursivos pode estar associada à mescla e à incorporação de funções e formas de outros gêneros, como nos textos analisados que integram o *corpus*, que não apenas narram ou fazem a reconstituição de um determinado evento social, mas incorporam dramatizações com propósitos de sedução de potenciais compradores e frequentadores para o centro comercial e de identificação de um morador ideal para a cidade.

Almeida (2005) analisa a influência da cidade na promoção da cultura do consumo, onde antigos hábitos e costumes são apropriados pelo mercado, que, por sua vez, passa a comercializá-los como bens exclusivos e de valor social. No estilo de vida urbano, “o que é posto em questão é a estilização da vida, a materialização do tal ‘consumidor mais-que-perfeito’” (Almeida, 2005, p. 135). Nesse contexto, a mídia desempenha um papel crucial, tornando-se elo estratégico para disseminar eficazmente mensagens publicitárias que incitam a criação de novas necessidades e novos significados que remetem a posturas e hábitos a serem aderidos, a tipos de atividades de lazer que conferem certo prestígio, “dentre tantas escolhas que determinarão outras tantas referências a elas ligadas: o que é bom, saudável, correto, chic, descolado, inteligente e por aí vai” (Almeida, 2005, p. 136).

O “consumidor mais-que-perfeito” de Milton Santos (2007) advém do “cidadão imperfeito”, expropriado de sua cidadania e alienado ao consumo, “a alienação da moda, a especulação imobiliária e a construção de templos modernos” (Raposos; Senhoras, 2015). Similarmente, Lins e Melo (2020) discutem, sobre as práticas discursivas da publicidade imobiliária no Recife, como os meios de comunicação são “responsáveis por projetar imagens e evocar afetos, ao passo que agenciam (trazem adiante, convidam e produzem) determinadas formas de existência a partir do repertório possível da sociedade” e, ciente disso, “o marketing imobiliário atua justamente objetivando atender aos desejos e demandas de moradia de cada perfil consumidor” (Lins; Melo, 2020).

Esse é o aspecto chamado por Fairclough (2003) de interdiscursividade, isto é, da heterogeneidade de textos em termos da articulação de diferentes discursos. Para Vieira e Resende (2016, p. 68), significa que podem servir para fins ideológicos, não necessariamente apenas em questões semióticas, mas também em questões relacionadas ao poder é a ideologia. De acordo com Fairclough (2003), a promoção dos governos nacionais e a mudança na relação entre cidades, países, governos e corporações empresariais envolve hibridismos entre discurso político, empresarial e publicitário. Partimos de uma premissa similar em que o processo de implementação da capital federal e de seus equipamentos envolve hibridismos entre discurso urbanístico, imobiliário e midiático.

Ao adentrarmos a análise de um gênero situado, a primeira abordagem significativa consiste em questionar: “o que as pessoas estão fazendo discursivamente” (Vieira; Resende, 2016, p. 66) e qual é o propósito subjacente a essas ações. É importante notar que diversos objetivos podem se interligar de maneira hierárquica. Um exemplo ilustrativo desse fenômeno é encontrado no potencial dos gêneros jornalísticos que, a princípio, têm a finalidade de informar, mas pode também abrigar um propósito mais estratégico, em textos como eventos

sociais, que materializam gêneros situados. Nesse contexto, ela pode ser direcionada a promover uma ideia, transmitir valores, comercializar um produto ou propagar uma concepção particular de mundo. Vieira e Silva (2008) abordam a interdiscursividade da seguinte forma:

Hibridismos de gêneros podem servir, nessa perspectiva, para fins ideológicos. Podem implicar não apenas questões linguísticas, mas também questões relacionadas a poder e ideologia. Como exemplo, podemos apontar os anúncios publicitários que se ‘mascaram’ de notícia para alcançar o/a consumidor/a potencial como se fossem pura informação. (Vieira; Silva, 2008, p. 30).

Em termos de composicionalidade, a materialização de propósitos nos textos, ligada a práticas particulares, se dá a partir da estrutura genérica, “um aspecto textual moldado por gêneros discursivos” (Vieira; Resende, 2016, p. 129). Essa estrutura pode variar em sua uniformidade, apresentando em certos gêneros elementos textuais previsíveis, ordenados e facilmente identificáveis, enquanto em outros, pode ser mais flexível, heterogênea e de difícil identificação. Nesse caso, é possível identificar uma macro-organização ou organização retórica do gênero, composta por “movimentos discursivos, com um propósito particular pontual, que servem aos propósitos globais do gênero e que se distribuem de maneira não sequencial e não obrigatória” (Miller, 1994; Swales, 1990 *apud* Vieira; Resende, 2016, p. 129).

O segundo conjunto de textos que integram o *corpus* deste trabalho, veiculados na década de 1970, combinam aspectos discursivos usuais aos gêneros notícia e reportagem e elementos característicos à estratégia de diferenciação, pela qual se enfatiza “o expurgo do outro, em que indivíduos ou grupos que possam constituir obstáculo ao poder hegemônico são representados como inimigo que devem ser combatidos” (Ramalho, 2005; Resende 2009b *apud* Vieira; Resende, 2016, p. 32). Também são identificáveis os movimentos por tropo, “uso figurado da linguagem voltado para ocultar, negar, obscurecer relações assimétricas de poder” (Vieira; Resende, 2016, p. 31). Discutirei, no capítulo seguinte, como o critério de representação de atores sociais define a legitimidade da permanência de determinadas identidades e práticas nos espaços urbanos.

No *lead* dos seis textos, faz-se referência ao estado da estrutura física e da frequência do SDS e ao distanciamento da sua situação atual do projeto urbanístico de Lúcio Costa. Os aspectos de planejamento do texto visam apresentar aos leitores do *Correio Braziliense* em que situação se encontra o centro comercial e quem são seus “atuais frequentadores”, com efeito motivador capaz de propiciar insatisfação. Para isso, além do resumo do fato noticiado,

são apresentadas informações que fornecem contexto e a mudança de condições por trás desses eventos, bem como expectativas e outras informações antes mesmo de se apresentar o evento principal, a notícia propriamente dita.

De acordo com Silva (2009), van Dijk (2002) esclarece que as regras que regem a estrutura das notícias podem variar em termos de rigidez e aplicação, algumas delas seguidas de maneira consistente, enquanto outras são de natureza mais flexível, sendo a organização estrutural formal dividida em:

Quadro 8 – Estrutura formal da notícia

Sumário	Formado por manchete e <i>lead</i> , informa de modo geral sobre o fato noticioso.
Background	Composto por porções de texto que informam sobre eventos que não são parte do evento noticioso atual, mas fornecem o contexto social, político ou histórico geral ou as condições desses eventos.
Evento principal	A notícia propriamente dita.
Eventos prévios	Fatos narrados para lembrar ao leitor o que aconteceu antes do fato noticioso.
Consequências	Parte do texto que organiza todos os eventos descritos como decorrentes do evento principal.
Comentário	Parte que contém conclusões, expectativas, especulações e outras informações sobre o evento principal.

Fonte: o autor, com base em van Dijk (2002) e Silva (2009).

Van Dijk (2002) destaca o papel desempenhado pelas manchetes e *leads*, tamanha a sua importância para delinear o perfil do leitor, seus interesses e formas de compreensão antes mesmo de se chegar ao fato noticiado. Eles têm a função de exprimir a macroestrutura hipotética da notícia, “porque o leitor constrói hipóteses antes da conclusão da leitura, apoiado nos conhecimentos sobre o tema, o contexto ou o tipo de texto” (Silva, 2009, p. 106). Uma vez que a produção e a circulação dos textos jornalísticos, como práticas discursivas institucionalizadas, são pensadas com no seu repertório de público consumidor, escolhas são feitas sobre o que se apresenta como notícia e de que forma. Portanto, o texto jornalístico não

segue uma estrutura imparcial, mas de esquemas retóricos, argumentativos (Richardson, 2007), organizado de acordo com uma hierarquia de propriedades e interesses.

Observando os textos que integram o *corpus*, a partir de seus movimentos retóricos situados, observa-se que eles possuem organização mais flexível e heterogênea, com propósitos particulares, “que visa persuadir a audiência de que sua descrição e interpretação são racionais e apropriadas” (Kieran, 1998 *apud* Richardson, 2007). No *lead*, são extrapoladas as convenções de sumário, incorporando, além da abertura da matéria, contexto geral (*background*), conclusões e especulações sobre os eventos noticiados (comentário). As demais partes do texto e suas informações são inseridas em ordem decrescente de importância. Tal enfoque faz-se visto que “atuam como pistas valiosas, auxiliando os leitores a fazer previsões precisas sobre o conteúdo mais crucial do texto” (Silva, 2009, p. 133) e que, por serem as estruturas de maior visibilidade “podem chamar a atenção e, portanto, enfatizar indiretamente significados específicos” (van Dijk, 1991 *apud* Richardson, 2007).

Neste capítulo, buscando mapear conexões entre o social e discursivo, discuti os pressupostos teóricos-metodológicos da ADC em concatenação com a prática investigada. A discussão foi feita a partir de revisão bibliográfica associada ao discurso e ao espaço e da análise de movimentos retóricos e da prática jornalística como mediadores da vida na cidade. Além da análise aqui iniciada, dos modos de poder-ação das matérias jornalísticas, no próximo capítulo dou continuidade à análise, com enfoque nas representações particulares disseminadas e internalizadas em estilos.

5 ANÁLISE DE DADOS TEXTUAIS-DISCURSIVOS

Neste capítulo, analiso a articulação do projeto urbanístico do SDS no discurso midiático, análise iniciada na seção 2, e as representações do espaço-tempo, das práticas e dos atores sociais desse território. A análise textual-discursiva está concentrada em dois períodos: 1) durante toda a década de 1960, considerada a fase inicial do centro comercial, e 2) durante os anos finais da década de 1970, considerados parte de sua fase decadente.

5.1 Representação da fase inicial do Setor de Diversões Sul

Quadro 9 – Dados referentes à macrocategoria intertextualidade

Relatório do Plano Piloto	Excertos do CB
<p>Nesta plataforma onde, como se via anteriormente, o tráfego é apenas local, situou-se então o centro de diversões da cidade (mistura em termos adequados de Piccadilly Circus, Times Square e Champs Elysées). A face da plataforma debruçada sobre o setor cultural e a esplanada dos ministérios, não foi edificada com exceção de uma eventual casa de chá e da ópera, cujo acesso tanto se faz pelo próprio setor de diversões, como pelo setor cultural contíguo, em plano inferior. Na face fronteira foram concentrados os cinemas e teatros, cujo gabarito se fez baixo e uniforme, constituindo assim o conjunto deles um corpo arquitetônico contínuo com galeria, amplas calçadas, terraços e cafés, servindo as respectivas fachadas em toda a altura de campo livre para a instalação de painéis luminosos de reclame. As várias casas de espetáculo estarão ligadas entre si por travessas no gênero tradicional da rua do Ouvidor, das vielas venezianas ou de galerias cobertas (arcades) e articuladas a pequenos pátios com bares e cafés, e "loggias" na parte dos fundos com vista para o parque, tudo no propósito de propiciar um ambiente adequado ao convívio e à expansão.</p>	<p>O tráfego é apenas local (mistura em termos adequados de Piccadilly Circus, Times Square e Champs Elyssées). [...] As várias casas de espetáculos estarão ligadas entre si, articuladas a pequenos pátios com bares e cafés, e galerias na parte dos fundos, tudo no propósito de propiciar ambiente adequado ao convívio e à expansão.</p>

Fonte: o autor, com base em Correio Braziliense (2 dez. 1961).

Com o intuito de abordar os dados veiculados na década de 1960, farei uso da **intertextualidade**, dimensão central na ADC, definida por Fairclough (2001) como “a propriedade que têm os textos de serem cheios de fragmentos de outros textos”. De acordo com o autor, a produção de um texto a partir de fragmentos de outro toma os textos historicamente, “transformando o passado - convenções existentes e textos prévios - no presente”. Os fragmentos, no novo texto, podem ser delimitados explicitamente (citação direta

de outras vozes) ou mesclados (paráfrase e/ou reformulação), assimilando o anteriormente dito, contradizendo, ironizando etc.

O primeiro registro é a transcrição de trechos da seção correspondente ao projeto do centro comercial no Relatório do Plano Piloto de Lúcio Costa (1957). Os trechos em questão são tecidos na matéria “Planta do Setor de Diversões Sul” (1961) de forma a resumir/sumarizar as informações contidas no Relatório, em especial as diretrizes sobre a disposição do espaço e seus usos. Trata-se, portanto, do que convencionalmente denominamos como “discurso direto”, aqui, sem atribuição de autoria ou sinalização gráfica para delimitar a citação.

Segundo Fairclough (2003), a **intertextualidade** dispõe de possibilidades diversas de incorporação de elementos de um determinado texto-base em outros textos, inclusive sem atribuição de autoria, o que sugere alto grau de adesão ao que está sendo enunciado e à prática onde se ele insere. Quando a autoria não é posta com evidência, as vozes se mesclam a ponto de se tornarem uma só. Neste caso, o discurso midiático assimila o discurso urbanístico - suas sugestões sobre a forma, estrutura e identidade da futura cidade - e o difunde ao nível das massas, não só em termos de planejamento para a cidade, mas para a sociedade.

Quadro 10 – Dados referentes ao recurso discursivo comparação

Relatório do Plano Piloto	Excertos do CB
Nesta plataforma onde, como se via anteriormente, o tráfego é apenas local, situou-se então o centro de diversões da cidade (mistura em termos adequados de Piccadilly Circus, Times Square e Champs Elysées).	<p>Piccadilly Circus</p> <p>Times Square</p> <p>Champs Elysées</p> <p>Cinelândia</p> <p>Copacabana</p>

Fonte: o autor, com base em Correio Braziliense (2 dez. 1961, 12 mar. 1968, 27 mar. 1968, 13 nov. 1969).

Nos registros seguintes, há maior destaque para as referências arquitetônicas, culturais e urbanísticas que tinha Lúcio Costa para o SDS. No Relatório, o centro comercial era imaginado como uma mistura de Piccadilly Circus (Londres), Times Square (Nova Iorque) e Champs Elysées (Paris), lugares de grande circulação, conhecidos mundo afora por serem o espírito de suas respectivas metrópoles e epicentros de atividade, cultura e entretenimento.

Encontravam-se lá, painéis luminosos, lojas, restaurantes, cinemas, teatros, museus, etc., estabelecimentos de “boa frequência” e sofisticação.

Ao recontextualizar a comparação feita por Costa, em seu contexto original e em contextos jornalísticos/publicitários, como modo de referenciar o SDS, transferem-se os sentidos desses locais de prestígio para o centro comercial que viria a ser construído na capital federal. Como prática discursiva, com a utilização desse recurso, o jornal delimita seu público-leitor, antecipando seus processos interpretativos e desenhando os seus potenciais consumidores, visto que é necessário determinado repertório extra-linguístico para decodificar as referências listadas. Esse recurso familiariza os consumidores do jornal e também os aproxima do argumento que está sendo levantado. A base comparativa com as praças e avenidas símbolos do cosmopolitismo europeu e norte-americano prenunciava os mesmos atributos para o SDS, em termos de função, frequência e simbolismo.

Este centro comercial, ainda não construído, nem ocupado, não possuía concretude, mas expectativa e investimento (financeiro e simbólico), permeado discursivamente por equivalências renomadas em favor da sua propaganda, tais como as em destaque. O SDS, além de se consolidar como um *boulevard* nos moldes das cidades europeias (Nunes, 2009), deveria emular o espírito da boemia carioca. Desta forma, são reescritas as bases comparativas como Copacabana e Cinelândia, regiões da cidade do Rio de Janeiro, antiga capital do Brasil, visto que refletiam a influência cultural do estilo europeu e a consolidação do lazer e da cultura em território nacional.

Quadro 11 – Dados referentes ao recurso discursivo paráfrase

Relatório do Plano Piloto	Excertos do CB
As várias casas de espetáculo estarão ligadas entre si por travessas no gênero tradicional da rua do Ouvidor, das vielas venezianas ou de galerias cobertas (arcades) e articuladas a pequenos pátios com bares e cafés, e "loggias" na parte dos fundos com vista para o parque, tudo no propósito de propiciar um ambiente adequado ao convívio e à expansão.	<p>ponto ideal para o devaneio, o convívio, a especulação</p> <p>medida destinada à humanização da cidade</p>

Fonte: o autor, com base em Correio Braziliense (13 jun. 1963, 21 jan. 1968).

O uso da **intertextualidade** pode ocorrer criativamente, com novas configurações e novos modos de referência manifestos. É onde está a aproximação com a **paráfrase**, recurso que descreve de maneira equivalente um mesmo acontecimento ou um mesmo estado das coisas, seja no nível sintático ou lexical (Ilari, 2009). De modo geral, a definição que

encontramos é que paráfrases são sentenças que “dizem a mesma coisa”, mas podem ser, segundo Ilari e Geraldi (1990), sentenças que “são paráfrases não porque as palavras significam a mesma coisa, ou porque a construção sintática seja semelhante, mas porque, na situação de uso, traduzem a mesma intenção do locutor e visam obter os mesmos resultados”.

Ou ainda da **paráfrase** no nível da reformulação, objeto da “relação entre um enunciado ou texto-fonte e sua(s) reformulação(ões) efetiva(s) numa situação dada, mas também uma relação entre todos os enunciados virtualmente equivalentes na língua” (Fuchs, 2012). Lembremos que os processos interpretativos são variáveis, múltiplos, e que, portanto, desembocam em restaurações textuais diferentes. Visando um alcançar determinado resultado ou acessar virtualmente enunciados equivalentes na língua, essas restaurações textuais podem valer-se de reformulações a partir de relações semânticas, vocabulário, metáfora e marcadores avaliativos.

Na primeira sentença, as formas-base do texto, “convívio” e “expansão”, são substituídas pelos vocábulos “devaneio”, “convívio” e “especulação”. A substituição de “expansão” por “devaneio” e “especulação” se demonstra expressiva uma vez que a primeira seleção lexical faz referência à expansão do centro urbano em termos físicos, do seu planejamento arquitetônico que permitiria que os transeuntes circulassem pelos diferentes lados dos prédios, enquanto os outros dois vocábulos são restaurados da introdução do Relatório, onde se trata dos sentidos e do planejamento da capital em sua totalidade:

Cidade planejada para o trabalho ordenado e eficiente, mas ao mesmo tempo cidade viva e aprazível, **própria ao devaneio e à especulação intelectual**, capaz de tornar-se, com o tempo, além de centro de governo e administração, num foco de cultura dos mais lúcidos e sensíveis do país (Costa, 1957).

A reformulação lexical e do modo de empregar as metáforas utilizadas por Costa reproduzem os sentidos do texto original enquanto o reescrevem com o seu próprio repertório para outros fins. Ao mesclar diferentes partes, o todo e o particular, de um mesmo projeto no texto jornalístico, evidencia-se o valor que tinha o SDS para o sucesso da nova capital político-administrativa e a importância que as construções, principalmente dos cinemas e dos teatros, tivessem agilidade, visto que parte considerável de seus novos moradores vinha do Rio de Janeiro e de São Paulo, pólos representativos de lazer e de cultura no país onde já se incorporava tais programas à vida cotidiana.

Movimento similar acontece na segunda sentença, em que “ambiente” é substituído por “medida”, também em um nível panorâmico do projeto urbanístico. Em seu contexto

original no documento, “medida” é empregada por Lúcio Costa como solução capaz de conferir um determinado caráter a um conjunto projetado. No caso de Brasília, como atitude de ordenação do espaço e de realização monumental, “não no sentido de ostentação, mas no sentido da expressão palpável, por assim dizer, consciente, daquilo que vale e significa” (Costa, 1957). Desta forma, o SDS é equiparado à cidade como um todo, não um setor independente, mas como parte integrante e indispensável para a implementação dela.

Quadro 12 – Dados referentes ao recurso discursivo metáfora

Relatório do Plano Piloto	Excertos do CB
Nesta plataforma onde, como se via anteriormente, o tráfego é apenas local, situou-se então o centro de diversões da cidade (mistura em termos adequados de Piccadilly Circus, Times Square e Champs Elysées).	Coração Alma

Fonte: o autor, com base em Correio Braziliense (13 nov. 1969).

A relevância social do SDS é alargada nos textos com o passar do tempo e esse alargamento se apresenta na mudança dos vocábulos utilizados para se referir ao status que possuía na cidade, por meio de **metáfora**: “centro de diversões” passa a “coração”, “alma” [da cidade]. Com veiculação contínua, o discurso sobre a importância desse espaço sedimentou no imaginário hegemônico brasiliense e criou uma expectativa sobre as práticas, estabelecimentos e identidades que poderiam e deveriam se instalar ali.

De acordo com Lakoff e Johnson (2002), as **metáforas** são modos de compreender e experienciar uma coisa em outra, seja na linguagem, no pensamento ou na ação. Ainda, para van Leeuwen (2022), a construção de significados experienciais no domínio da vida pública não é necessariamente baseada em gêneros estáveis, formais e convencionais, “mas compreendida e praticada como, até certo ponto, um ato criativo, como algo novo”, por isso, o autor enfatiza “o poder criativo da metáfora, metáfora não como uma estrutura, mas como um processo, um processo de criação de significado” (van Leeuwen, 2022), que só se torna significado em contextos específicos, cujo entendimento baseia-se em experiências físicas concretas. Elas são regidas pela coerência com valores fundamentais de uma determinada cultura (a cultura dominante), pelo que se é definido como prioridade, como bom e virtuoso pelos indivíduos que a compõem.

Em seus primeiros anos de ocupação, o SDS atraiu órgãos públicos e embaixadas, ainda em fase de implantação na cidade com as suas sedes em construção (Nunes, 2009). O

privilégio da localização, no centro da cidade, próximo aos setores hoteleiro e comercial, e de sediar funcionários públicos, representantes de estados e embaixadores inspirava a presença de restaurantes, bares e lojas mais sofisticadas, em vias de concretizar a sua proposta original.

Os modos pelos quais se recontextualiza e se representa um espaço implicam em entendimentos normativos de como esse espaço deve ser ocupado e quem deve ocupá-lo, a partir do entendimento de que essas interpretações/representações estão ligadas a simbolismos e práticas de controle específicas (van Leeuwen, 2008), institucionalizados pelos projetos urbanísticos, por exemplo. E que as diretrizes desses projetos disseminadas ao nível das massas têm implicações diretas no modo que o espaço será assimilado na opinião pública e nas suas representações a longo prazo.

Este primeiro período, de 1960 a 1969, é marcado não pela ocupação, mas pelos relatos de construção das dependências físicas e do “espírito” que se pretendia para a área, uma vez que os seus primeiros prédios foram inaugurados apenas no fim da década. A ocupação de um espaço, no entanto, não se restringe à dimensão material, mas por processos sociais, discursivos, ideológicos, associados à territorialidade, a como as pessoas significam um espaço e fazem dele um território.

Os modos de representação e rotulação têm implicações que vão além da correspondência palavra-coisa, como aqui observamos. Na produção, na disseminação e na incorporação desse discurso inicial (e de seu insucesso) ao contexto cotidiano se impregnou a imagem socialmente estigmatizada do SDS, na qual há uma lógica de fixação de pré-conceitos no imaginário hegemônico dos habitantes da cidade que se enraizaram e se espacializaram (Nunes, 2009), como discutirei a seguir.

5.2 Representação da fase estigmatizada do Setor de Diversões Sul

Quadro 13 — Dados referentes à macrocategoria de representação do espaço (espacialização)

O Setor de Diversões Sul, apesar de ser o mais antigo da cidade, ainda espera o término de sua urbanização.

O Setor de Diversões Sul continua com uma situação higiênica precária, conforme a opinião de comerciantes e profissionais liberais ali estabelecidos.

O Setor de Diversões Sul continua a apresentar vários pontos negativos e conta com muitas lojas ainda fechadas.

O Setor de Diversões Norte e **o Setor de Diversões Sul** têm mais de dez anos de existência e, ainda, não alcançaram o seu verdadeiro objetivo: proporcionar entretenimento amplo e sadio ao brasileiro.

Fonte: o autor, com base em Correio Braziliense (6 mar. 1977, 6 maio 1977, 23 jun. 1977, 28 mar. 1979).

Nos trechos em destaque, há exclusão das entidades, públicas e privadas, responsáveis pela conservação e pelo término da urbanização do SDS. Desta forma, podemos observar que o espaço é recontextualizado como ator incumbido e motivador de sua própria situação física por meio dos recursos discursivos de **exclusão**, nos termos da representação de atores sociais, e de **espacialização**, nos da representação do espaço.

Van Leeuwen (2008) propõe que os modos de representação de atores sociais nos textos estão relacionados a escolhas socio-semânticas, “daí o conceito de ‘ator social’”, a discursos particulares e ao significado representacional do discurso (Vieira; Resende, 2016, p. 151). Os discursos podem incluir ou excluir atores sociais, nos casos de exclusão, duas são as interpretações possíveis para excluí-los na recontextualização discursiva: “evita a redundância ao apagar as informações tidas como dadas ou sabidas; bloqueia o acesso a informações que não se quer tornar públicas” (Silva, 2009, p. 158).

De acordo com van Leeuwen (2008), a recontextualização do espaço em discursos particulares não necessariamente contempla a inclusão de quem atribui significados e funções aos espaços, nem a seus arranjos espaciais, de modo que os processos têm o próprio espaço como ator. Assim, ao elevá-lo à condição de ator social e ao excluir os agentes responsáveis pela manutenção das condições físicas dele, neste caso, o governo do DF e a iniciativa privada proprietária dos prédios e salas que compunham o SDS, os problemas descritos são representados como inerentes ao espaço, facilitados ou controlados por ele próprio (van Leeuwen, 2008).

No SDS, os edifícios são privados, enquanto as praças, galerias e corredores que completam a área são públicos. De forma a incentivar o término da urbanização do SDS, os

espaços públicos entre os lotes começaram a ser construídos pela Novacap em 1962 e as vielas e galerias, segundo o *Correio Braziliense*, em pouco tempo, já estavam todas prontas, mas as demais construções, que lhes dariam sequência, não tinham continuidade, por irresponsabilidade do empresariado e por impasses nas vendas dos lotes (*Correio Braziliense*, 22 maio 1963). “Foi só em princípios de 1978 em que se deu o preenchimento dos últimos lotes vagos pela TERRACAP, o que ocasionou a conclusão definitiva do Setor de Diversões” (Souza, 1993, p. 5), um ano após a veiculação das matérias analisadas.

O movimento de **especialização** é reforçado no primeiro trecho com o uso do processo mental ou de **reação**, nos termos da representação de ações/eventos sociais, “espera” o qual exprime desejo, vontade, interesse em algo, e do objeto de desejo do participante, “o término de sua urbanização”. A oração “apesar de ser o mais antigo da cidade” e a circunstância de tempo “ainda” reforçam a frustração em relação à questão do atraso das obras.

De acordo com van Leeuwen (2008, p. 57), o participante do processo mental, quem pensa, teme, deseja etc. deve ser humano, ou, mais precisamente, é tratado como humano, como capaz de desempenhar processos mentais humanos. Para Fuzer e Cabral (2014), similarmente, nos processos mentais, os participantes são tipicamente humanos, mas podem ser entidades inanimadas, desde que criadas pela mente humana, como é o caso do centro comercial representado.

Repete-se, nos trechos seguintes, o recurso de **especialização** com a omissão dos atores responsáveis pela situação do SDS e a sua recontextualização como ator social do processo. O espaço é recontextualizado como participante do processo “alcançar”, no evento-ação social associado à sua própria funcionalidade, seu “verdadeiro” objetivo. Neste trecho, o uso de elementos avaliativos com percepção negativa ocorre de forma explícita, em relação às formas de entretenimento que ocupam o SDS, as quais não são percebidas como “amplas” e “sadias” para a população brasileira.

Por fim, o emprego do processo existencial “contínua”, com traço circunstancial de tempo, evoca a aceção de estagnação em uma determinada situação, nesse caso, de higiene precária e de apresentação de “vários pontos negativos”. O circunstancial de modo qualitativo “situação higiênica precária” rememora, mais uma vez, a personificação do espaço, associada ao desencontro com hábitos e práticas de saúde e preservação corporal típica aos seres humanos.

Van Leeuwen (2022) remonta a teoria da metáfora de Lakoff e Johnson (1980), considerando-a “um mecanismo fundamental de criatividade semiótica, cujo entendimento está baseado em nossas experiências físicas concretas com nossos corpos, com o espaço e

com a interação no mundo e com o mundo” (Imaculada; Silva, 2022, p. 336). A preocupação com as experiências sensoriais e com os processos criativos e sua ancoragem no texto destacam a importância da materialidade na construção de sentido e de elementos que são comunicados tanto verbal quanto visualmente (van Leeuwen, 2008), na recontextualização do espaço, como nos Anexos G e H, imagens as quais acompanham o texto e remontam as obras intermináveis e a higiene precária, respectivamente.

Quadro 14 – Dados referentes à macrocategoria de representação do espaço (funções)

O Setor de Diversões Sul, apesar de ser o mais antigo da cidade, ainda espera o término de sua urbanização e tem mais: calçadas esburacadas que ficam empoçadas d'água quando chove **assaltantes encontram boa guarida nas suas vielas escuras e não concluídas: alguns de seus recantos, verdadeiros bas-fond, constituem o paraíso de “mariposas” e marginais.**

Fonte: o autor, com base em Correio Braziliense (6 mar. 1977).

Seguindo o mesmo esquema do título, “obras intermináveis e assaltos”, o trecho em destaque trata da temática referente à situação precária do espaço, física, como verificamos em “calçadas esburacadas que ficam empoçadas d'água quando chove”, e à situação de ocupação, associada à violência, à criminalidade e à prostituição. Nos últimos dois trechos, o espaço é ora representado como circunstância de localização de determinada prática (nas suas vielas escuras e não concluídas) e ora como participante (alguns de seus recantos), ambas com o mesmo efeito semântico de representar o espaço como cenário ideal para a transgressão.

A ação social pode ser representada como ação material ou ação semiótica, tendo efeito material, aquele associado à realização de ação e conquista de objetivo, ou efeito “semiotizado”, respectivamente (van Leeuwen, 2008, p. 60). No primeiro trecho (assaltantes encontram boa guarida nas suas vielas escuras e não concluídas), a **distribuição de papéis** é realizada a dar agência para “assaltantes” como participante da ação social material de “encontrar” “boa guarida nas suas vielas escuras e não concluídas”. Aqui, “assaltantes” são representados como forças ativas e dinâmicas na atividade, equivalentes hierarquicamente ao espaço que a cénariza, “suas vielas escuras e não concluídas”.

No segundo trecho, “alguns de seus recantos” é o participante da **descrivização**, por meio do processo relacional atributivo “constituir” o “paraíso de ‘mariposas’ e marginais”. A descrivização acontece por ações e reações representadas de forma desativada, como se fossem entidades ou qualidades, e não processos dinâmicos (van Leeuwen, 2008), similar à distinção entre processos relacionais, utilizadas para atribuir características a uma entidade, e

materiais, para estabelecer uma quantidade de mudança no fluxo de eventos (Fuzer; Cabral, 2014).

Van Leeuwen (2008) argumenta que as descrições dos espaços não dizem respeito apenas à função que eles desempenham (de abrigar e/ou possibilitar determinadas práticas), como cenários de ações/eventos sociais específicos, mas para enfatizar hierarquia e **avaliação** por parte de quem os descreve. Além disso, o uso de elementos avaliativos, tais como “escuras” e “não concluídas” ou “*bas-fond*”, ambiente ou grupo considerado inferior ou marginal, por definição, para referir-se às dependências do SDS, contribuem para processos ideológicos hegemônicos, visto que apresentam juízos de valor e legitimam determinados práticas e arranjos espaciais.

Do meio para o fim da década de 1970, circulavam críticas constantes quanto à conservação, à sujeira, à violência e à afluência ao local de trabalhadores médios, boêmios, *hippies*, prostitutas, michês, travestis e homossexuais, grupos sociais lidos socialmente como transgressores pela população brasileira hegemônica. Portanto, a descrição deste espaço, agora ocupado, está relacionada à identidade cultural, às relações, rivalidades e práticas que se materializam nos territórios e definem os limites entre grupos e a divisão entre espaços na cidade.

Quadro 15 – Dados referentes à macrocategoria de representação do espaço (legitimação)

Alguns de seus recantos, verdadeiros *bas-fond*, constituem o paraíso de “**mariposas**” e **marginais**.

O Setor de Diversões Sul continua com uma situação higiênica precária, conforme a opinião de **comerciantes e profissionais liberais** ali estabelecidos.

Os comerciantes lá estabelecidos acham que alguns melhoramentos podem ser realizados com maior brevidade.

É o Setor de Diversões Sul, onde têm convivência forçada **o comércio legal e os “hippies”, os funcionários de escritórios e a grande marginalidade**.

Outro problema apresentado pelos que ali trabalham é a grande afluência ao local, de **pivetes, mendigos e prostitutas**. Sendo assim, o que poderia ser um aprazível local de lazer e um agradável centro comercial tem as suas funções prejudicadas pela falta de higiene e pela má fiscalização. Os **consumidores** então procuram outros locais onde comprar e se divertir, e os **comerciantes** têm as suas vendas reduzidas.

A culpa dessa situação, para alguns, cabe à polícia que não reprime, como se faz necessário, as centenas de **marginais, prostitutas e outros desocupados** que frequentam diariamente os bares dos dois setores. E, assim, as brigas, agressões e assaltos são fatos do cotidiano.

Fonte: o autor, com base em Correio Braziliense (6 mar. 1977, 6 maio 1977, 23 jun. 1977, 13 dez. 1978, 28 mar. 1979).

Conforme Vieira e Resende (2016, p. 69), “além de ser um modo de representar o mundo e de (inter)agir nele, a linguagem como discurso também é um modo de identificar a si mesmo/e a outrem”. Aproximando-a da concepção de Charaudeau (2006) sobre as funções sociais das representações, vemos como o discurso está ligado à organização coletiva de valores, à construção da identidade a partir de aspectos distintivos entre grupos e à encarnação de valores hegemônicos do grupo em simbolismos específicos.

Silva (2009) justifica a relevância da aplicação das categorias de representação de atores sociais de van Leeuwen (1997, 2008) a partir do entendimento que “as formas como objetos, sujeitos ou grupos sociais são representados mostram a organização de crenças e de valores de uma comunidade” (Silva, 2009, p. 103). E de acordo com Nunes (2009, p. 26), “o espaço urbano é a concretização do imaginário social que se constrói no histórico cotidiano”, e o SDS representa essa lógica de fixação de pré-conceitos no imaginário brasileiro que se enraizaram e se espacializaram.

No primeiro exemplo, os atores são mencionados de forma agrupada e despersonalizada. Na **impersonalização**, os indivíduos são representados por meios não humanos, seja por substantivos abstratos ou termos concretos que não carregam o traço humano. Acontecendo por **abstração**, a representação do ator social se dá por meio de uma qualidade que lhes é atribuída: “mariposa” e marginal. O autor utiliza a metáfora “mariposa” para se referir às prostitutas ali estabelecidas, cuja atividade acontecia principalmente durante à noite, como a das mariposas, conhecidas como borboletas noturnas. O termo rememora também a interferência do tempo nas territorialidades, no desenrolar das atividades particulares ao cair da noite. Local frequentado por trabalhadores “normais” e “decentes” de dia e por prostitutas, travestis e rapazes de programa à noite (Souza, 1995).

No SDS, na década de 1970, durante o dia, o térreo abrigava o comércio que dava suporte aos trabalhadores da região e, à noite, nos subsolos, concentravam-se atividades de entretenimento adulto. Segundo Rezende (2014, p. 58), “a subutilização das lojas no subsolo do setor, associada à sua proximidade com os setores hoteleiro e comercial sul, tradicionais pontos de prostituição, favoreceram a instalação de bares, boates e prostíbulos”. No *Correio Braziliense*, o uso do espaço era acompanhado por escritos como “a partir das 20 horas, isto aqui se transforma em boca de lixo, em submundo [...] a situação do Setor de Diversões Sul é um pandemônio à noite” (Correio Braziliense, 28 mar. 1979).

Além do modo de representação propriamente dito, ressalta-se o movimento retórico ao intercalar grupos por **abstração** (representação por qualidade) e **funcionalização** (representação por funcionalidade), de acordo com a atividade que desenvolvem no local,

principalmente quando associada ao comércio de atividade diurna. Podemos exemplificá-lo com o emprego de “o comércio legal” e “a grande marginalidade” (o comércio ilegal) e “os funcionários de escritórios” e “os *hippies*”, com os quais, no quadro composto discursivamente, cria-se o efeito de que as primeiras categorias são obrigadas a conviver com os demais grupos presentes no local.

Movimento similar é feito nos últimos trechos, nos quais, em um se coloca, de um lado “pivetes”, “mendigos” e “prostitutas” apresentados como problema da situação de conservação do comercial e associados diretamente à “falta de higiene” e à “má fiscalização”, e de outro, os “consumidores” e “comerciantes”, que têm seu trabalho e lazer prejudicados por tais indivíduos. E no último, “marginais”, “prostitutas” e “outros desocupados”, que não têm presença legitimada no Setor, causam brigas, agressões e assaltos cotidianamente por frequentarem as suas dependências.

“Por serem relacionadas a discursos particulares, as maneiras como atores sociais são representados em textos podem ter implicações ideológicas” (Vieira; Resende, 2016, p. 151). Assim, podemos afirmar que o critério de categorização, como também de definir quem deve frequentar o espaço parte de uma perspectiva social, de como essas identidades e práticas são percebidas pela sociedade e que aparato político, cultural e social garante a efetividade da sua estadia nos espaços. Repete-se, em outros trechos, a representação por funcionalização com os vocábulos “comerciantes” e “profissionais liberais”, sucedidos de circunstâncias de lugar que reiteram o seu pertencimento, como “ali estabelecidos” e “lá estabelecidos”, ou precedidos de circunstância de ângulo-fonte, como “conforme”, garantindo também abertura à voz, ainda que de forma indireta e uníssona.

A representação de atores sociais é uma categoria de análise crítico-explanatória relacionada a visões particulares sobre os envolvidos nas práticas sociais e no discurso, é figurada por escolhas sócio-semânticas que podem ter implicações ideológicas (Vieira; Resende, 2016). Almeida (2005) argumenta que as identidades, no contexto urbano, as identidades que são construídas e reconstruídas por significações e vinculações dos atores sociais têm grande influência da dimensão territorial, numa visão não dicotômica da realidade, na qual indivíduos e espaços são componentes de uma mesma totalidade e se relacionam/interagem.

Quadro 16 – Dados referentes à macrocategoria de representação do espaço (significados)

Triste fim da área que fora projetada para ser uma réplica sólida da **Veneza italiana**. Por ironia, quando chove os becos se transformam em vastos canais aquáticos, que transportam uma lama grossa e podre. E o complemento desse quadro são constantes assaltos e brigas.

Nele há setores bem cuidados, outros que são autênticos pardieiros. Há áreas que já se notabilizaram pela violência, pelas frequentes confusões, arruaças, brigas e agressões de toda ordem, principalmente na faixa do subsolo do Edifício Acropol, zona denominada **Cais do Porto** de Brasília e chamada **Vietnam** por alguns em função do clima de belicosidade que ali reina.

O Setor de Diversões Sul é inclusive conhecido como **Cais do Porto de Brasília** e “Ambiente da Pesada”. Em um dos seus becos, onde sucedem brigas, é a **Boca do lixo**. Beco Internacional e outras denominações ainda mais deprimentes.

Fonte: o autor, com base em Correio Braziliense (13 dez. 1978, 28 mar. 1979).

Em comparação aos registros jornalísticos publicados na década de 1960, nos quais o SDS, como em seu plano-diretor, era comparado a referências cosmopolitas, tais como Piccadilly Circus, Times Square, Champs Elysées, Cinelândia e Copacabana, com o início da sua estigmatização, mudam-se as bases comparativas e os motivos de comparação.

No primeiro trecho, o uso da **metáfora** “Veneza italiana” evoca novamente a grandeza dos grandes centros urbanos, comparando o SDS à Veneza, localizada na Itália e conhecida mundialmente pela sua arquitetura e pelo uso dos canais como vias de trânsito. Exemplo disso é o trajeto dos gondoleiros, associado ao romance simbólico da cidade, aqui substituído pelo movimento da “lama grossa e podre”, decorrentes das chuvas. Imagem já não associada à atmosfera romântica disseminada pelas artes, mas à sujeira, à criminalidade e à violência, próprias do SDS.

Identifica-se, a partir do fim da década de 1970 em diante, não mais equivalências com fins propagandistas, mas de desqualificação do espaço, outrora investido de expectativa. A descrição da **funcionalidade** desta área é continuada, no segundo trecho, **com associações a simbolismos** de decadência social e moral, próprios das “zonas”, áreas designadas para a prática da prostituição.

Os subsolos do SDS passam a ser conhecidos como “Cais do Porto de Brasília”, em rememoração às instalações portuárias e sua associação à prostituição, que se originou de representações históricas e literárias, bem como da realidade vivida em algumas áreas portuárias ao longo da história. A expectativa de fluxo cosmopolita intenso, como acontecia em outros espaços conhecidos como espíritos de suas respectivas metrópoles, é substituída pela realidade de frequência das zonas portuárias, com o aparecimento de clubes noturnos e

boates pouco sofisticadas, frequentadas por funcionários públicos, hóspedes dos hotéis das proximidades, trabalhadores, homossexuais, travestis e prostitutas.

Parte do SDS passa a ser chamada pelos moradores da cidade de “Boca do Lixo”, o *Correio Braziliense*, inclusive, publica reportagem com o título “A nossa Boca do Lixo” (*Correio Braziliense*, 10 out. 1982) reiterando tal nomenclatura. O termo historicamente se referia à região da cidade de São Paulo que concentrava cinemas, estúdios e escritórios relacionados à indústria cinematográfica, que tornou-se uma área urbana degradada. Embora se refira a uma área específica de São Paulo, ele também é usado para se referir a áreas de frequência considerada marginal, como o SDS.

Por fim, além da associação a práticas reconhecidas como imorais, os subsolos do centro comercial passam a ser designados por “Vietnam”, país à época que remetia, em sentido popular, à agressividade, “ambiente da pesada” ao que está envolvido frequentemente em brigas e conflitos, pela Guerra do Vietnã. De acordo com Martins (2016), sob olhar das agências de notícias internacionais e das capas dos jornais brasileiros, “os vietcongues apareciam como inimigos que estavam fazendo o número de soldados estadunidenses crescer exponencialmente no território vietnamita”. Este modo de representação dos subsolos define uma alteridade, a diferença entre “nós” (os insiders, os que identificam) e os “outros” (os outsiders, os que são identificados).

Quadro 17 – Dados referentes à macrocategoria de representação do espaço (enquadramento)

O Setor de Diversões Sul continua com uma situação higiênica precária, conforme a opinião de comerciantes e profissionais liberais ali estabelecidos. O problema é mais grave **na área adjacente ao Edifício Acropol, nas imediações do Venâncio VI e do Conjunto Baracat.**

Mas como se não fizesse parte de Brasília, o Conjunto Venâncio, situado no Setor de Diversões Sul, não tem como suas aquelas características. Paisagens inacabadas, poças d'água, grande quantidade de lixo acumulado e espalhado pelo conjunto à mostra dos transeuntes são as características do **Setor de Diversões Sul.**

O som de boleros e sambas, tocados no último volume, denuncia **a zona boêmia e perigosa do centro de Brasília.**

Nele há setores bem cuidados, outros que são autênticos pardieiros. Há áreas que já se notabilizaram pela violência, pelas frequentes confusões, arruaças, brigas e agressões de toda ordem, **principalmente na faixa do subsolo do Edifício Acropol, zona denominada Cais do Porto de Brasília e chamada Vietnam** por alguns em função do clima de belicosidade que ali reina.

O relato sobre a precariedade da situação física do centro comercial se acentua, nos textos, em áreas específicas: na área adjacente ao Edifício Acropol, no Conjunto Venâncio e nas imediações do Venâncio VI e do Conjunto Baracat. Nos trechos em destaque, são utilizados os recursos discursivos de **posições** e **descrições** (van Leeuwen, 2008), eles fornecem, de modo geral, uma representação explícita do arranjo espacial de uma determinada prática social e são realizadas linguisticamente por circunstâncias de localização.

Tanto as **posições**, como as **descrições**, podem ser detalhadas por **enquadramento**, isto é, a recontextualização pode relacionar uma ação/evento social a um espaço adjacente ou ao todo do qual faz parte (van Leeuwen, 2008). Nos textos, **enquadramento** é realizado por duplas circunstâncias de localização ou por processos de ancoragem espacial. Nos trechos acima, o modo de recontextualização segmenta um espaço maior em espaços menores, associando-os a práticas particulares e eximindo o todo desta associação.

No segundo trecho, por exemplo, faz-se distinção do Conjunto Venâncio, do SDS e de Brasília. Ainda que ele seja parte do SDS, que é, por sua vez, parte de Brasília, não compartilha das mesmas características da cidade e de seu centro. Tal materialização linguístico-discursiva rememora as constatações de Nunes (2009), já discutidas neste trabalho, sobre a influência da dimensão cultural e das diferentes modalidades da existência social na indução de ambientes heterogêneos, ainda que eles tenham sido idealizados para aparência, uso e frequência homogêneos. A hegemonia da cidade-Estado não garantiu a inexistência de “tipos urbanos peculiares da grande cidade” (Nunes, 2009, p. 30) no SDS, o que justifica a escolha de desassociação dele dos demais espaços do Plano Piloto no texto.

Inicia-se com a repartição do SDS em partes menores, como os seus subsolos, onde concentravam-se atividades de entretenimento adulto, como bares, boates e prostíbulos e, portanto, considerados os pontos mais críticos do centro comercial. Este **enquadramento**, no entanto, logo é minado linguisticamente quando os arranjos espaciais de precariedade, “paisagens inacabadas, poças d’água, grandes quantidade de lixo acumulado e espalhado pelo conjunto à mostra dos transeuntes”, são empregados como atributos do ator social “Setor de Diversões Sul”, recontextualizando e tecendo críticas não mais às suas dependências, mas ao todo.

No terceiro trecho, a ação social é semiotizada e, diferentemente da ação material, a sua realização ocupa uma posição intermediária entre ações e reações, entre processos materiais e mentais, estando relacionada a processos verbais (van Leeuwen, 2008). O **enquadramento** é feito por meio da ligação da **ação semiótica** “denunciar” ao local onde se toca boleros e sambas “no último volume”: a zona boêmia e perigosa do centro de Brasília. O

processo não “anuncia”, mas “denuncia”, estabelecendo uma relação de alvo com o espaço. O que é dito/indicado passa à condição de alvo, discriminada do todo, que não é boêmio e perigoso na sua totalidade.

No último trecho, o processo existencial “há” marca circunstancialmente, dentro do SDS, a existência de setores bem cuidados e outros que são “autênticos pardieiros”, precários, em péssimo estado. A descrição do espaço indica onde as práticas sociais acontecem, sua funcionalidade, e, principalmente, com o uso de atributos “carregados” de valor, aciona conceitos morais que possam legitimar ou deslegitimar tais práticas e esse espaço-território (van Leeuwen, 2008). De acordo com van Leeuwen (2008), “nossos entendimentos sobre o espaço são sempre construídos em relação e com base nos **enquadramentos espaciais** das práticas sociais, portanto também na maneira como os corpos são posicionados no espaço” (Oliveira; Almeida, 2020).

No próximo capítulo, que encerra este trabalho, sintetizo os resultados da análise crítico-explanatória e teço reflexões críticas sobre esta investigação do espaço urbano a partir de sua dimensão discursiva (e o discurso a partir de sua dimensão urbana) para o entendimento do mundo social e das relações de poder, dominação e subordinação.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo geral investigar aspectos das ações e relações em textos do jornal *Correio Braziliense* que representam discursivamente o Setor de Diversões Sul nas décadas de 1960 e 1970, conforme o propósito de discutir o aspecto semiótico-discursivo do histórico de ocupação deste espaço social. O SDS, idealizado por Lúcio Costa (1957), foi investigado como um espaço instigante ao imaginário brasiliense e desqualificado socialmente por não corresponder às intenções de ocupação manifestadas no seu projeto (Nunes, 2009; Rezende, 2014).

As reflexões sobre a incorporação do plano-diretor do SDS, elaborado por Lúcio Costa (1957) na vida da capital federal, são tecidas ao longo da dissertação, bem como sobre os processos de ocupação reiteram a importância que o centro comercial tinha para a implementação da capital federal e a expectativa de apropriação hegemônica que circundava a recontextualização do projeto urbanístico e dos artigos jornalísticos que o recontextualizava.

A partir da ADC, focamos nas materializações discursivas sobre a ocupação deste espaço que explicitam a relação entre os textos, eventos, práticas e estruturas sociais hegemônicas. No contexto investigado, os gêneros jornalísticos recontextualizam e transformam elementos de outros domínios discursivos, tais como os discursos urbanístico e imobiliário, que, por sua vez, são recontextualizados em interações de diferentes níveis, especialmente, da vida cotidiana, onde contribuem para moldar como nós vivemos e como significamos a cidade.

Ademais, segundo Fairclough (2003), representações particulares podem ser disseminadas em gêneros e internalizadas em estilos e tais gêneros e estilos pressupõem representações particulares, as quais se baseiam em discursos particulares. Podemos observar, então, que determinadas perspectivas de mundo, ligadas a projetos particulares, das elites, facilmente são disseminadas pelos jornais de monopólio local como universais e dão uma compreensão do social pelo consenso, o hegemônico, e implicam diretamente na representação dos espaços, das práticas e das identidades sociais no contexto urbano.

No intuito de responder às questões que guiaram esta pesquisa, apresento, a seguir, uma síntese dos resultados da análise crítico-explanatória dos dados:

Quadro 18 – Síntese dos resultados da análise crítico-explanatória

(continua)

<p>Como a articulação do projeto urbanístico do SDS no discurso midiático contribui para a representação discursiva desse território?</p>	<p>Uso de intertextualidade para incorporar, sem atribuição de voz, a seção correspondente ao projeto do SDS no Relatório do Plano Piloto de Lúcio Costa (1957), de forma a sumarizar as diretrizes sobre a disposição do espaço e seus usos.</p> <p>Recontextualização no contexto jornalístico da comparação feita por Costa (1957), por meio de comparação, “Piccadilly Circus”, “Times Square” e “Champs Elysées” e reformulação dos termos em “Cinelândia” e “Copacabana”. Transferência de sentidos de locais de prestígio para o centro comercial em construção.</p> <p>Reformulação por paráfrase das funcionalidades do espaço para fins de publicização</p> <p>Alargamento da relevância social do espaço com o emprego das metáforas “alma” e “coração” [da cidade], em reformulação de “centro de diversões da cidade”. Reprodução dos sentidos do texto de Costa com novo repertório semântico e experiencial.</p> <p>Publicização de elementos que orientam funcionalidades e significações hegemônicas do espaço a longo prazo.</p>
<p>Como o espaço-tempo, as práticas e os atores sociais que compõem o SDS são representados no discurso midiático?</p>	<p>Exclusão das entidades responsáveis pela conservação e pelo término da urbanização do SDS e recontextualização do espaço por espacialização como ator incumbido e motivador de sua própria situação física.</p> <p>Reforço do movimento de espacialização com o uso de representação por reação, recontextualizando o espaço como capaz de desempenhar processos mentais humanos.</p> <p>Representação do espaço ora como circunstância de localização de práticas estigmatizadas e ora como participante. Quando o espaço é recontextualizado como circunstância de localização, a agência da ação material é dada para o ator social “assaltantes”, equivalente hierarquicamente ao espaço em questão.</p> <p>Descritivização de parte do espaço como participante de processo relacional, por atributos e simbolismos associados à marginalidade e à prostituição.</p> <p>Uso de elementos avaliativos que apresentam juízos de valor e enfatizam hierarquia social.</p> <p>Representação de atores sociais que ocupam o espaço por impersonalização e por abstração, materializações sociodiscursivas nas quais os indivíduos são representados por meios não humanos e por meio de uma qualidade que lhes é atribuída, respectivamente, tais como “mariposas” e “marginais”.</p> <p>Movimento retórico de intercalação de grupos associado à diferença sociocultural por abstração, representação por qualidade, e por funcionalização: o “comércio legal” e os “hippies”, os “funcionários de escritórios” e a “grande marginalidade”.</p> <p>Reformulação das bases comparativas em relação à década anterior e dos motivos de comparação com outros espaços, por meio do uso das metáforas “Cais do Porto”, “Vietnam” e “Boca do Lixo”. Associação a simbolismos de violência e de decadência social e moral. [...]</p> <p>Enquadramento do SDS em desassociação dos demais espaços do Plano Piloto.</p>

Quadro 18 – Síntese dos resultados da análise crítico-explanatória

(conclusão)

<p>Quais as relações causais de poder-ação implicadas nos textos jornalísticos?</p>	<p>Priorização de cobertura de notícias sobre a área central da cidade, o Plano Piloto, em comparação às “cidades-satelites”, onde se concentrava o volume populacional do DF.</p> <p>Fusão de características elementos características de outros gêneros discursivos aos gêneros jornalísticos por intergenericidade.</p> <p>Influência de outros domínios discursivos, em particular, os associados ao discurso urbanístico, incorporando elementos linguístico-discursivos sobre planejamento e desenvolvimento urbano.</p> <p>Aspectos do discurso imobiliário, tais como técnicas de persuasão e promoção de vendas de propriedades e imóveis.</p> <p>Incorporação de dramatizações com propósitos de sedução de potenciais compradores e frequentadores para o centro comercial e de identificação de um morador ideal para a cidade.</p> <p>Movimentos retóricos característicos à diferenciação, pelos quais indivíduos e grupos que constituem obstáculo ao poder hegemônico são representados como inimigos que devem ser combatidos.</p> <p>Também são identificáveis os movimentos por tropo, uso figurado da linguagem voltado para ocultar relações assimétricas de poder.</p> <p>Organização textual flexível e heterogênea, que visa persuadir os leitores com objetividade e credibilidade.</p> <p>Concentração de informações contextuais e de especulações sobre o centro comercial na abertura das matérias, extrapolando as convenções formais do <i>lead</i> jornalístico.</p> <p>Legitimação da permanência de determinados atores e práticas sociais no espaço.</p>
---	---

Fonte: o autor.

Assimilada e difundida pela mídia, a diretriz física e simbólica do SDS, além de ter ditado suas bases arquitetônicas - a previsão morfológica dos prédios e da organização do centro comercial -, possui elementos discursivos que orientaram as funcionalidades e as significações ideais para esse espaço. Desta forma, a recontextualização do projeto urbanístico é produzida nos textos jornalísticos de forma a legitimar práticas sociais e modos específicos de ocupação nos espaços da nova capital, que dotadas de objetividade e credibilidade, se instalaram no lugar do consenso sociocultural (Pardo Abril, 2016).

Os textos jornalísticos, como práticas discursivas institucionalizadas, ocorrem em contextos específicos de produção, distribuição e consumo e a construção do discurso está relacionada, inevitavelmente, a essas circunstâncias. Na conjuntura social investigada, o

Correio Braziliense figurava como o principal meio de comunicação local e tinha a sua atenção reforçada para a fixação da capital e para os assuntos do Plano Piloto. Como demonstrado nos resultados, as matérias jornalísticas, que, a princípio, tinham a finalidade de informar, abrigavam também propósito mais estratégico: ressoar referências hegemônicas sobre a funcionalidade e o simbolismo deste espaço e o sujeito hegemônico padrão/ideal/socialmente desejado com as condições materiais necessárias para ocupá-lo.

Relacionando a análise discursiva às discussões propostas no âmbito de constituição das cidades (Almeida, 2005; Haesbaert, 2007; Nunes, 2009), tratamos do potencial constitutivo do discurso midiático na composição das territorialidades, das práticas e das identidades urbanas. O território, ou o espaço social, imbricado de múltiplas relações de poder que o constitui, é constantemente invadido e refeito em relação à sua funcionalidade, que não advém do espaço vivido pela maioria, mas de suas constantes refeituas identitárias e discursivas, produzidas, em sua maioria, por interesses e para atores hegemônicos.

Assim sendo, analisei os modos pelos quais se (re)constrói o discurso no espaço (van Leeuwen, 2008) e suas relações de causa-efeito na composição urbana, do ponto de vista de lutas hegemônicas e relações de dominação. Nesse sentido, as vozes que incorporam e incorporarão o jornalismo desempenham papel crucial na (re)validação de corpos, presenças, identidades, espaços, práticas, fluxos que compõem a cidade e nas perspectivas, vivências, territorialidades, valores, crenças e relações que se desenvolverão a partir dela.

Embora o discurso midiático tenha, em grande parte, associado a concretização e a ocupação do SDS ao insucesso, à marginalidade e ao estigma, “percebe-se a configuração, não de um espaço idealizado, mas de um espaço ‘real’, fruto da apropriação legítima da população” (Rezende, 2014), um centro comercial que assumiu funções em simbiose a capital em formação, “em cada momento funcionando de forma integrada à vida da cidade” (Nunes, 2009). Este conjunto comercial, em pleno funcionamento, foi descrito como *punk*, maldito, transgressor, mas também como acolhedor, diverso e democrático por seus frequentadores, justamente por abrigar atividades e expressões culturais diversas.

REFERÊNCIAS

- ALLUM, N. C.; BAUER, M. W.; GASKELL, G. Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento: evitando confusões. *In*: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 17-36.
- ALMEIDA, M. C. **Identidade territorial**: geografia das construções e dissoluções culturais urbanas. 2005. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.
- ANDRADE, S. B. **Discurso, espaço e tempo**: trabalho e luta de rodoviários no Distrito Federal. 2017. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2017.
- BRETAS, P. F. F.; SARAIVA, L. A. S. Práticas de controle e territorialidades na cidade: um estudo sobre lavadores e flanelinhas. **GESTÃO.Org**, [s. l.], v. 11, n. 2, p. 247-270, 2013.
- CAMPÊLO, S. R. S. **Do discurso midiático ao discurso de adolescentes**: Ceilândia desde uma perspectiva crítica. 2020. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2020.
- CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.
- COSTA, L. Relatório 1957. *In*: GDF. **Relatório do Plano Piloto de Brasília**. Brasília, DF: Governo do Distrito Federal, 1991. p. 18-34.
- FAIRCLOUGH, N. **Analysing discourse**: textual analysis for social research. London: Routledge, 2003.
- FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília, DF: Editora da UnB, 2001.
- FIDELIX NUNES, F.; VAN LEEUWEN, T.; BEZERRA LEITÃO, A.; FERRAZ, J. de A.; PINTO, L. N. Multimodalidade e identidade: entrevista com Theo van Leeuwen. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, [s. l.], v. 23, n. 1, p. 174-182, 2022.
- FUCHS, C. A paráfrase linguística: equivalência, sinonímia ou reformulação. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, [s. l.], v. 8, p. 129-134, 2012.
- FUZER, C.; CABRAL, S. R. S. **Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa**. Campinas: Mercado de Letras, 2014.
- GONÇALVES, J. S.; RIBEIRO, J. O. S. **Colonialidade de gênero**: O feminismo decolonial de Maria Lugones. *In*: VII Seminário corpo, gênero e sexualidade, III Seminário Internacional corpo, gênero e sexualidade, III Luso-brasileiro Educação em sexualidade, gênero e Saúde, v.7, 2018, Rio Grande-RS: Ed. FURG, 2018.

- HAESBAERT, R. Território e multiterritorialidade: um debate. **GEOgraphia**, [s. l.], v. 9, n. 17, p. 19-46, 2007.
- HALLIDAY, M. A. K. Context of situation. *In*: HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. **Language, context and text: aspects of language in a social-semiotic perspective**. Oxford: Oxford University Press, 1989. p. 3-14.
- HOLSTON, J. **A cidade modernista: uma crítica de Brasília e sua utopia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- ILARI, R. **Introdução à semântica: brincando com a gramática**. São Paulo: Contexto, 2009.
- ILARI, R.; GERALDI, J. W. **Semântica**. São Paulo: Ática, 1990.
- IMACULADA, O. M.; SILVA, J. B. LEEUWEN, Theo van. Multimodality and Identity. New York: Routledge, 2022. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, [s. l.], v. 23, n. 2, p. 333-339, 2022.
- KIZAM DA SILVA, J. R. S.; SILVA, F. C. O. Setor de Diversões, uma tristeza: o papel construtivo da mídia no processo de marginalização e decadência do Setor de Diversões Sul. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, Brasília, DF, v. 23, n. 1, p. 107-125, 2022.
- LAFETÁ, J. L. **A dimensão da noite**. São Paulo: Editora 34, 2004.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metáforas da vida cotidiana**. São Paulo: Mercado de Letras, 2002.
- LINS, M.; MELO, C. Modos de ser, formas de habitar: práticas discursivas da publicidade imobiliária no Recife. **RUA**, [s. l.], v. 26, n. 21, p. 679-698, 2020.
- MARTINS, L. **Parcialidade assumida na narrativa jornalística: análise das reportagens de Antônio Callado sobre a Guerra do Vietnã**. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO (SBPJor), 14., 2016, Palhoça. **Anais [...]**. Palhoça: Unisul, 2016.
- MORAES, D. Notas sobre imaginário social e hegemonia cultural. **Contracampo**, [s. l.], v. 9, n. 1, 1997.
- MORELLI, A. L. F. **Correio Braziliense 40 anos: do pioneirismo à consolidação**. 2002. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2002.
- NUNES, B. F. Elementos para uma sociologia dos espaços edificados em cidades: o “Conic” no Plano Piloto de Brasília. **Cadernos Metrópole**, [s. l.], n. 21, p. 13-32, 2009.
- OLIVEIRA, D. M.; ALMEIDA, D. B. L. Recursos semióticos de enquadramento e a ressignificação espacial/interacional em tempos de pandemia da covid-19 no contexto educacional. **Revista Investigações**, [s. l.], v. 33, n. 2, p. 1-20, 2020.
- ORLANDI, E. P. **Cidade dos sentidos**. Campinas: Pontes, 2004.

- PARDO ABRIL, N. G. La emocionalidad en las narrativas mediáticas del despojo en Colombia: estudio multimodal. **DeSignis**, [s. l.], n. 24, p. 175-195, 2016.
- PARDO, M. L. La categoría de lugar: de la gramática al discurso. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, [s. l.], v. 16, n. 1, p. 36-47, 2015.
- PARK, R. E. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. *In*: VELHO, O. G. **O fenômeno urbano**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1976. p. 26-67.
- PERLONGHER, N. **O negócio do michê**: prostituição viril em São Paulo. 1986. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Departamento de Ciências Sociais, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1986.
- RAPOSO, T. J. N.; SENHORAS, E. M. Uma leitura clássica do “Espaço do Cidadão” na democracia. **Revista Equador**, [s. l.], v. 4, n. 4, p.1-5, 2015.
- RESENDE, V. M. Deslocamento forçado e permanência vigiada, território e fronteira: metáforas de espaço na representação da situação de rua na Folha de S. Paulo. **Rev Estud Ling**, [s. l.], v. 28, n. 1, p. 565-596, 2020.
- REZENDE, R. **Centro de Brasília**: projeto e reconfiguração: o caso do Setor de Diversões Sul – Conic. 2014. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2014.
- RICHARDSON, J. E. **Analysing newspapers**: an approach from critical discourse analysis. New York: Palgrave Macmillan, 2007.
- SANTOS, M. **O Espaço do Cidadão**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.
- SILVA, F. C. O. **A construção social de identidades étnico-raciais**: uma análise discursiva do racismo no Brasil. 2009. Tese (Doutorado em Linguística) – Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2009.
- SOUZA, G. A. M. **Setor de Diversões Sul – “Conic”**: recuperação e integração com o centro urbano de Brasília. 1993. Projeto de Diplomação (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 1993.
- SOUZA, M. L. O território: sobre o espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. *In*: CASTRO, I. *et al.* (org.). **Geografia**: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p. 77-116.
- TATAGIBA, A. B.; SILVA, D. E. G. Discursos da exclusão na geografia de Brasília-DF. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, [s. l.], n. 14, p. 128-146, 2013.

TAVARES, R. C. L.; RESENDE, V. M. Da necessária coerência entre ontologia, epistemologia e metodologia. **Revista DisSoL: Discurso, Sociedade e Linguagem**, [s. l.], n. 13, p. 82-95, 2021.

VAN LEEUWEN, T. **Discourse and practice: new tools for critical discourse analysis**. New York: Oxford University Press, 2008.

VIEIRA, V. Material de aula compilado de V Viviane. Corpos e (con)vivências em pesquisas críticas. *In*: ALMEIDA, M. M. T.; RESENDE, V. M. (org.). **Estudos do discurso: abordagens em ciência crítica**. Campinas: Pontes, 2022. p. 137-163.

VIEIRA, V. Perspectivas decoloniais feministas do discurso na pesquisa sobre educação e gênero-sexualidade. *In*: RESENDE, V. M. (org.). **Decolonizar os estudos críticos do discurso**. Campinas: Pontes, 2019. p. 83-116.

VIEIRA, V.; RESENDE, V. M. **Análise de discurso (para a) crítica: o texto como material de pesquisa**. Campinas: Pontes, 2016.

ANEXO A – Planta do Setor de Diversões Sul

PLANTA DO SETOR DE DIVERSÕES SUL

Através da Divisão de Urbanismo, a Assessoria de Planejamento encaminhou ao Diretor Executivo da Novacap as plantas do Setor de Diversão Sul, que fica situado próximo à Plataforma Monumental.

O tráfego é apenas local (mistura em termos adequados de Piccadilly Circus, Times Square e Champs Elysées). O acesso tanto se faz pelo próprio setor de diversões como pelo setor cultural contíguo, em plano inferior.

Na face fronteira foram concentrados os cinemas e teatros, cujo gabarito se fez baixo e uniforme, constituindo assim o conjunto deles um corpo arquitetônico contínuo, com galerias, amplas calçadas, terraços e cafés, servindo as respectivas fachadas em toda a altura de campo livre para a instalação de painéis luminosos de reclame.

As várias casas de espetá-

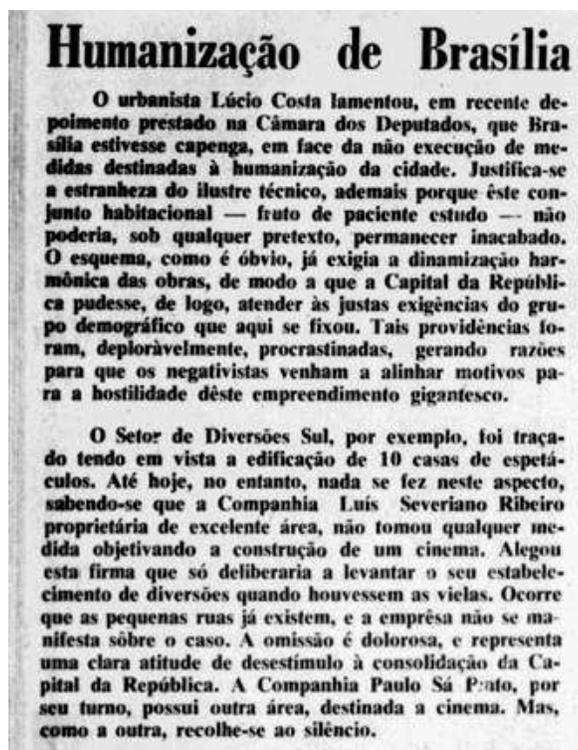
culo estarão ligadas entre si por travessas no gênero tradicional da rua Ouvidor, articuladas a pequenos pátios com bares e cafés, e galerias na parte dos fundos com vista para o parque, tudo no propósito de propiciar ambiente adequado ao convívio e à expansão.

Embaixador Inglês Esperado

O embaixador inglês, Sr. George Wallinger, está sendo esperado em Brasília na próxima terça-feira. Vem tratar de assuntos diplomáticos atinentes à sua missão. Possivelmente, na oportunidade, avistar-se-á com algumas altas autoridades do Itamarati nesta Capital.

Através da Divisão de Urbanismo, a Assessoria de Planejamento encaminhou ao Diretor Executivo da Novacap as plantas do Setor de Diversão Sul, que fica situado próximo à Plataforma Monumental. O tráfego é apenas local (mistura em termos adequados de Piccadilly Circus, Square e Champs Elysées). O acesso tanto se faz pelo próprio setor de diversões como pelo setor cultural contíguo em plano inferior. Na face fronteira foram concentrados os cinemas e teatros, cujo gabarito e fez baixo e uniforme, constituindo assim o conjunto deles um corpo arquitetônico contínuo, com galerias, amplas calçadas, terraços e cafés, servindo as respectivas fachadas em toda a altura de campo livre para a instalação de painéis luminosos de reclame. As várias casas de espetáculo estarão ligadas entre si por travessas no gênero tradicional da rua Ouvidor, articuladas a pequenos pátios com bares e cafés, e galerias na parte dos fundos com vista para o parque, tudo no propósito de propiciar ambiente adequado ao convívio e à expansão.

ANEXO B – Humanização de Brasília



O urbanista Lúcio Costa lamentou, em recente depoimento prestado na Câmara dos Deputados, que Brasília estivesse capenga, em face da não execução de medidas destinadas à humanização da cidade. Justifica-se a estranheza do ilustre técnico, ademais porque este conjunto habitacional - fruto de paciente estudo - poderia, sob qualquer pretexto, permanecer inacabado. O esquema, como é óbvio, já exigia a dinamização harmônica das obras, de modo a que a Capital da República pudesse, de logo, atender às justas exigências do grupo demográfico que aqui se fixou. Tais providências foram, deploravelmente, procrastinadas, gerando razões para que os negativistas venham a alinhar motivos para a hostilidade deste empreendimento gigantesco.

O Setor de Diversões Sul, por exemplo, foi traçado tendo em vista a edificação de 10 casas de espetáculos. Até hoje, no entanto, nada se fez neste aspecto, sabendo-se que a Companhia Luis Severiano Ribeiro proprietária de excelente área, não tomou qualquer medida objetivando a construção de um cinema. Alegou esta firma que só deliberaria a levantar o seu estabelecimento de diversões quando houvessem as vielas. Ocorre que as pequenas ruas já existem, e a empresa não se manifesta sobre o caso. A omissão é dolorosa, e representa uma clara atitude de desestímulo à consolidação da Capital da República. A Companhia Paulo Sá Prato, por seu turno, possui outra área destinada ao cinema. Mas, como a outra, recolhe-se ao silêncio.

ANEXO C – Brasília

BRASÍLIA

Adirson Vasconcelos

Existe um setor, em Brasília - o de diversões - para o qual os administradores da nova Capital brasileira não dispensaram, ainda, o devido cuidado e a necessária atenção.

O Setor de Diversões concentrará, segundo o propósito do urbanista Lúcio Costa, os cinemas e teatros, constituindo um corpo arquitetônico contínuo com gabarito baixo e uniforme.

As várias casas de espetáculo - de acordo ainda com o urbanista - estarão ligadas entre si por venesianas ou galerias cobertas (arcadas) e articuladas a pequenos pátios com bares e cafés e "loggias" na parte dos fundos com vista para o parque. Não faltarão ainda galerias, amplas calçadas e terraços.

Lúcio Costa previu, assim, um centro, em Brasília, que seria uma "mistura de Piccadilly Circus, Times Square e Champs Elysées". Um local para encontros, um papo, uma "conversa fiada", enfim, o ponto ideal para o devaneio, o convívio, a especulação.

Todavia, nada disso pode ocorrer. Isto porque não se leva à frente esta obra.

O Setor de Diversões situa-se lateralmente à Estação Rodoviária nas partes Sul e Norte. Das denominações do Setor de Diversões-Sul e Diversões-Norte.

Ambas as partes estão paralisadas, tanto ao Sul como ao Norte. Apenas no Setor Sul, existe, inacabado, um cinema - o "Cine Atlântida"

Norte	Sul
Leste	Oeste

o qual não entrou em funcionamento, de vez que as obras de acabamento não foram concluídas e, estranhamente, estão paralisadas.

As projeções deste Setor, o Sul e o Norte, já foram vendidas. No setor Sul, por exemplo, a venda foi feita há mais de seis anos. E nada se fez até agora.

Enquanto isso, a população brasiliense sofre a deficiência de diversões, quando existe a previsão de um Setor para tal fim. As reclamações contra tal fato se sucedem a cada conversa.

O mais estranho, todavia, é que as autoridades responsáveis pelo destino desta cidade, e consequentemente de sua população, até agora não se definiram nem tomaram uma posição rígida no sentido de obrigar aqueles que adquiriram terrenos nesse Setor - tanto particulares quanto órgãos oficiais - a que executem as obras.

Como se sabe, para todos os terrenos adquiridos, em Brasília, o contrato fixa prazo para início e fim da edificação. Resta, apenas, um pouco de energia dos administradores para dar à cidade um dos setores que mais necessita. Nem mesmo os nomes dos adquirentes de lotes no Setor de Diversões Sul podem ser denunciados, pois existe uma proibição nos órgãos imobiliários da Nova-cap no sentido de não revelar tais nomes.

Enquanto não se levar a sério o Setor de Diversões,

não se estará realizando nenhuma obra de consolidação de Brasília. Consolidar uma cidade não é só dotá-la de obras de infra-estrutura material (esgotos, estradas, edifícios públicos), mas é principalmente daquelas realidades que a tornam agradável de se viver, isto é, condições de bem-estar, de convívio do aglomerado que a integra e, por igual, de ambiente próprio à especulação intelectual e ao devaneio.

A Carteira de Comércio Exterior do Banco do Brasil, esortando a todos para o incremento das nossas exportações, afirma que "o exportador potencial brasileiro precisa atentar para esta realidade: o Brasil precisa exportar, cada vez mais. O exportador potencial está em condições de promover não só a riqueza do Brasil como a sua própria, porque exportar é um bom negócio. Exportando, ele também pode beneficiar-se de uma série de vantagens de ordem financeira através da rede bancária - bancos oficiais e bancos do setor privado - nas principais cidades do País".

Afirma, ainda, a CACEX, que "já se considera um imperativo, do ponto de vista patriótico, para todo aquele que está em condições de fazê-lo, colocar nossas mercadorias exportáveis em todos os países, pois, somente através dessa política comercial poderá o Brasil firmar sua posição de nação econômica e financeiramente forte, consagrada não só

ANUNCIE
NO
CORREIO
BRAZILIENSE



FONES
29666
28699
24822

Existe um setor, em Brasília, o de diversões - para qual os administradores da nova Capital brasileira não dispensaram, ainda, o devido cuidado e a necessária atenção. O Setor de Diversões concentrará, segundo o propósito do urbanista Lúcio Costa, os cinemas e teatros, constituindo um corpo arquitetônico contínuo com gabarito baixo e uniforme.

As várias casas de espetáculo de acordo ainda com o urbanista estarão ligadas entre si por venesianas ou galerias cobertas (arcadas) e articuladas a pequenos pátios com bares e cafés e "loggias" na parte dos fundos com vista para o parque. Não faltarão ainda galerias, amplas calçadas e terraços.

Lúcio Costa previu, assim, um centro, em Brasília, que seria uma "mistura de Piccadilly Circus, Times Square e Champs Elysées". Um local para encontros, um papo, uma "conversa fiada", enfim, o ponto ideal para o devaneio, o convívio, a especulação". Todavia, nada disso pode ocorrer. Isto porque não se leva à frente esta obra.

ANEXO D – Visto, lido e ouvido

visto, lido e ouvido
- verdade? ... então diga-a!

ARI CUNHA

A CACEX PODERIA AJUDAR MUITO O DISTRITO FEDERAL. - Desde 1950, quando o Banco do Brasil abriu no Núcleo Bandeirante a primeira agência, tem-se falado muito na sua mudança para o Distrito Federal, mas nada de concreto se fez até agora. Mas enquanto não muda, o Banco do Brasil poderá prestar grandes serviços à cidade. Em 1964, não ainda não tínhamos aqui nenhuma representação da Carteira de Câmbio. Veio um funcionário, e hoje são vários, todos em grande atividade. Agora, é a vez da Cacex. Muitas importações são feitas através de Belo Horizonte, Rio ou São Paulo, porque a Cacex não tem representação em Brasília. Alegam alguns que ela não tem porque o movimento local não justificaria, mas o bom senso diz que não há cliente porque não há a carteira. Enquanto isto, continuam as dificuldades para qualquer pessoa de Brasília que deseje comerciar com o exterior. É uma sugestão que apresentamos ao Banco do Brasil.

O único ministro que não tem gabinete em Brasília é o do Interior. Isto, pelo menos, é o que se deduz lendo a lista telefônica de fechamento mas as internações ainda continuam suspensas, e nada foi alterado da decisão inicial.

O HJKO vai fechar mesmo. O Ministro fez a visita, sustou a ordem de fechamento, mas as internações ainda continuam suspensas, e nada foi alterado da decisão inicial.

Com o reinício das aulas do curso ginásial, ontem, aumentou a afluência de carros oficiais nas portas dos colégios. Os motoristas levaram seus filhos também. Se o chefe acha que a lei não deve ser respeitada, seja obediente, você que é motorista do serviço público: concorde com o chefe.

Esta é para o Jedi: Já era tempo de a Varig pensar em novo equipamento para as linhas do Ceará. "Curtiss Comander" e "DC-3" são aviões que já deviam estar em museu. Outra coisa seria aumentar a frequência. É a única linha que precisa fazer reserva com um mês de antecedência.

-0-

-0-

O ideal do Dr. Lúcio Costa é ver o Setor de Diversões Sul funcionando, mas suas obras são infelizes. O construtor Otto Meinberg iniciou um prédio e morreu antes de terminar. O Cine Atlântica continua paralisado. Agora há sangue novo no Setor. Dentro de 16 meses o sr. Antônio Venâncio entregará um prédio de dez andares, com 120 salas e 24 lojas grandes para dar a partida para o "Picadilly" de Brasília.

-0-

O ideal do Dr. Lúcio Costa é ver o Setor de Diversões Sul, mas suas obras são infelizes. O construtor Otto Meinberg iniciou um prédio e morreu antes de terminar. O Cine Atlântica continua paralisado. Agora há sangue novo no Setor. Dentro de 16 meses o sr. Antônio Venâncio entregará um prédio de dez andares, com 120 salas e 24 lojas grandes para dar a partida para o "Picadilly" de Brasília.

ANEXO E – Mais cinemas



Estranha um deputado, através de requerimento de informações, as razões que estão procrastinando a construção de um Cinema: o Alvorada, no setor de Diversões Sul. Há muito que os residentes desta Capital comentam os avanços e recuos, inexplicáveis, dos empresários que, gozando da vantagem de explorar uma sala oficial, adiam, indiscriminadamente, a conclusão da obra que viria a completar a humanização da Capital.

É também estranhável que o local, que deveria ser a futura Cinelândia de Brasília, dotada de lojas etc. esteja há quatro anos reduzida a um amontoado de esqueletos de estruturas de cimento armado.

Não seria o caso das autoridades municipais estimularem outros empresários, criando facilidades para que o local viesse a ser rapidamente edificado, dentro de suas finalidades, conforme o Plano Diretor da Cidade?

ANEXO F – O Setor de Diversão Sul vem aí



O setor de diversão Sul vem aí

GUIDO HELENO

Brasília, dentro de seu plano inicial, conta além de setores residenciais, bancários comerciais etc., com o Setor de Diversão. Assim é que o Setor de Diversões Sul, próximo à Rodoviária, está em fase de conclusão, sendo que uma parte está com inauguração marcada para breve. Terá então o brasiliense ideia do que será, quando totalmente concluído, o Setor de Diversões Sul da cidade e desde já terá bons lugares para ir e levar os amigos.

Uma das grandes vantagens do Setor de Diversões Sul é a sua localização central, bem próximo aos demais setores importantes de Brasília, como o bancário, o hoteleiro e o rodoviário.

CINEMAS E TEATROS

Uma das exigências para se construir no Setor de Diversões é de que o prédio tenha ou um cinema ou um teatro, podendo em último caso ser ambos, sempre construídos lado a lado e com lojas, bares etc. A área de Diversões Sul é assim e na mesma são previstos outros edifícios, quase todos já em andamento ou em fase de conclusão. Estes edifícios deverão ser de dois tipos, sendo oito de um andar e os outros de seis andares. Além do cinema ou teatro, lojas grandes e pequenas, galerias etc. formam o conjunto de diversões.

O Cinema Teatro Vestibulo Junior, que também será inaugurado em breve, vai ser um exemplo do tipo moderno e iluminado de lugares de diversões que o brasiliense contará em um futuro bem próximo. Este cinema terá uma lotação de 470 lugares e sua decoração luxuosa merecerá a atenção de todos.

BRASÍLIA TERÁ SEU "CANECAO"

Além do cinema, dotado de sistema automático contra incêndio, além de exposição a ser requisitado, no mesmo prédio encontram-se um "foyer" e o "barraço." O "barraço" será uma espécie de "caneção" para Brasília, pois contará com choveria, pista de dança, sistema de som dos mais modernos e com uma capacidade prevista de 170 pessoas. No mesmo prédio do Cine Teatro Vestibulo Junior haverá 48 lojas onde serão instalados vários ramos de comércio em geral.

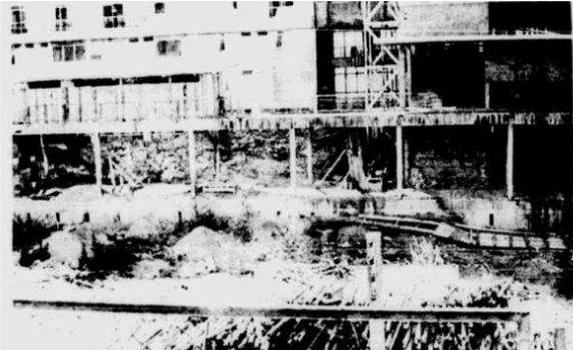
RESTAURANTES E BOATES

Ainda este mês o brasiliense terá oportunidade de ver Brasília de um novo ângulo. Trata-se do restaurante e da boate panorâmicas instaladas no alto do edifício Vestibulo IV. Separadas apenas por alguns metros, muito terá de diversões e o restaurante de boate. Embora ambos dotados de deslumbrante pista de dança, lojas em tamanhos diversos, o panorâmico primará em seu revestimento para o moderno. Muitas inovações serão o alicerce nestes dois recintos que em breve formarão tradicionais para os brasilienses: música salão mas literária de pequena mural, dando a impressão que a mesma vem do chão e também o moderno sistema de iluminação.

Brasília, dentro de seu plano inicial, conta além de setores residenciais, bancários, comerciais, etc., com o Setor de Diversão. Assim é que o Setor de Diversões Sul, próximo à Rodoviária, está em fase de conclusão, sendo que uma parte está com inauguração marcada para breve. Terá então o brasiliense ideia do que será, quando totalmente concluído, o Setor de Diversões Sul da cidade e desde já terá bons lugares para ir e levar os amigos. Uma das grandes vantagens do Setor de Diversões Sul é a sua localização central, bem próximo aos demais setores importantes de Brasília, como o bancário, o hoteleiro e o rodoviário.

Um dos chavões que os inimigos de Brasília sempre usam e de que a mesma não possuía uma alma de cidade, um coração. Muitos são os lugares para se ir em Brasília. Agora, com o Setor de Diversões Sul, muitos outros lugares surgirão e em lugar geograficamente perto. Hotéis, bancos, casas comerciais e a rodoviária ladeiam o Setor de Diversões e este Setor dará mais vida àqueles outros estabelecimentos. O Setor de Diversões terá internamente três pequenas praças. Será interligado por imensas galerias e passagens de concreto, em traçados modernos. Este Setor será para Brasília o que é atualmente Copacabana para a Guanabara. Ali o brasiliense e os turistas se misturam em meio a bares, restaurantes de vários tipos, cinemas, teatros, boates, lojas etc. O turista que se queixava das distâncias de algumas casas de diversões e a falta de condução, com alguns passos estará em uma pequena cidade onde de se encontra de tudo. O Setor de Diversões Sul é um coração que começará a bater muito breve e quando o fizer será para uma existência longa, semieterna.

ANEXO G – Obras intermináveis e assaltos ainda marcam o Setor de Diversões Sul



Próximo ao CONIC um quadro meio tumultuado

Obras intermináveis e assaltos Ainda marcam o Setor de Diversões Sul

O Setor de Diversões Sul, apesar de ser o mais antigo da cidade, ainda espera o término de sua urbanização e tem mais: calçadas esburacadas que ficam empoçadas d'água quando chove; assaltantes encontram boa guarida nas suas vielas escuras e não concluídas; alguns de seus recantos, verdadeiros bas-fond, constituem o paraíso de "mariposas" e marginais.

Comerciantes estabelecidos ali, gerentes de cinemas, de papelarias, de boutiques têm reclamado, "mas as definições não chegam", diz José Gomes, radicado no edifício Acropol que fica dentro do SDS.

A complementação de obras na área próxima à futura Escola de Teatro, também nas imediações do Conjunto CONIC igualmente não foi concretizada, não se sabendo em que pé se encontram os trabalhos para a sua efetivação.

Enquanto as obras não se finalizam, um amontoado de tábuas, de restos de materiais de construção fornecem uma visão não muito convincente ao turista e mesmo ao visitante do DF. Até uma roça já existe ali, o que segundo o advogado José Maria Vieira "não representa um desperdício de todo".



Luciano Barreira: no SDS os ratos fazem alegria

penham atividades e não sensibiliza o grande público pelos aspectos negativos que estão à vista de qualquer um".

CORRIDAS DE RATOS

Luciano Barreira diz que "o grande divertimento noturno do Setor de Diversões são as corridas de ratos".

Sesi distribui carteiras

O Departamento Regional de Saúde do Distrito Federal em credenciado a expedir Carteira de Saúde aos trabalhadores de empresas filiadas ao Sindicato das Indústrias de Panificação, Confeitaria e de Massas Alimentícias e Biscoitos de Brasília. A autorização foi concedida no último sexta-feira pelo Secretário de Saúde do Distrito Federal, Newton Muijbert, em visita feita ao Departamento Regional de Saúde.

O Secretário foi recebido pelo superintendente do Sesi DF, Sérgio Leopoldo Correia Amado pelo vice-presidente da Federação das Indústrias de Brasília, Nabor César Soares além de dirigentes do Sindicato de Panificação e vários assessores da FBRB e do Sesi DF.

Segundo Newton Muijbert, Secretário de Saúde do DF afirma, desta forma, a uma simples reivindicação de entidade de

O Setor de Diversões Sul, apesar de ser o mais antigo da cidade, ainda espera o término de sua urbanização e tem mais: calçadas esburacadas que ficam empoçadas d'água quando I chove: assaltantes encontram boa guarida nas suas vielas escuras e não concluídas: algumas de seus recantos, verdadeiros bas fond, constituem o paraíso de “mariposas” e marginais.

Comerciantes estabelecidos ali, gerentes de cinemas, de papelarias, de boutiques têm reclamado. “Mas as definições não chegam”, diz José Gomes, radicado no edifício Acropol que fica dentro do SDS.

A complementação de obras na área próxima à futura Escola de Teatro, também nas imediações do Conjunto CONIC igualmente não foi concretizada, não se sabendo em que pé se encontram os trabalhos para a sua efetivação.

Enquanto as obras não se finalizam, um amontoado de tábuas, de restos de materiais de construção fornecem uma visão não muito convincente ao turista e mesmo ao visitante do DF. Até uma roça já existe ali, o que segundo o advogado José Maria Vieira “não representa um desperdício de todo”.

ANEXO H – Ratos invadem Setor de Diversões Sul

Ratos invadem Setor de Diversões Sul

supermercado
*** SARKIS ***

Spina Comércio e Indústria Ltda. inaugurou em Taguatinga mais um novo Supermercado Sarkis, na praça do DI. Anote os preços do novo Supermercado Sarkis:

Carne de 1a.....	19,00
Feijão Roxo "Paraná".....	13,00
Ervilha "Etti".....	4,20
Macarrão Madremassas.....	6,70
Arroz "Canoeiro" pcte. 5 kg.....	25,00
Batata "Bolinha" grávida pcte 2kg.....	8,00
Whisky Drury's - litro.....	54,80
Rom Montilla - litro.....	27,00
Batida de péssgo - litro.....	12,00

São precisinhos realmente caramadas. Supermercado Sarkis deseja a todas as mãães de Brasília muita paz, alegria e felicidade.

Supermercado SARKIS
O real amigo

Av. do Sandú e Praça do DI.

Empréstimo da CEF é inviável

A concessão de empréstimos a trabalhadores sindicalizados com o aval da entidade classista é medida praticamente inviável, conforme diz o presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Distrito Federal, Arnaldo Ramos. Acha que a questão de empréstimos aos sindicalizados pressupõe uma regulamentação.

Esclareceu Arnaldo Ramos que o Sindicato dos Jornalistas há algum tempo chegou a conceder empréstimos a associados e os resultados por diversos motivos, não foram satisfatórios.

CONDICÕES

Acha mesmo que os Sindicatos de assalariados não dispõem de condições para se responsabilizarem pelos empréstimos de seus integrantes e no seu entender, melhor seria uma vinculação com os próprios seja feita em folha.

Explica: "Caso venha a sair da empresa o empregado para onde for trabalhar levará a transferência de seu empréstimo, a fim de saldar o compromisso e possa se candidatar a futuros financiamentos da Caixa Econômica".

Assim acrescenta mediante entendimento, o empregado pode se transferir de firma, sem que o problema do empréstimo saia solução de continuidade. Mas é difícil, quase impossível para o Sindicato ser o fiador



No subsolo, lixo e entulhos que podem provocar incêndios

CEIUR faz

O Setor de Diversões Sul continua com uma situação higiênica precária, conforme a opinião de comerciantes e profissionais liberais ali estabelecidos. O problema é mais grave na área adjacente ao Edifício Acropol, nas imediações do Venâncio VI e do Conjunto Baracat.

A parte do subsolo, ainda não urbanizada, é local propício à proliferação de ratos que invadem as lojas causando prejuízos aos seus proprietários. O local, muito escuro, impede que eles sejam exterminados.

..No subsolo do Acropol onde existem há até pouco tempo três boates, conta agora somente com uma, a Aquarius. As boates Brasinha e Chicago cerraram as suas portas forçadas pela falta de público.

A CIBE

Jônio Melo da Topo8 Serviços Gerais, localizada no subsolo do Edifício Acropol disse que pretende se mudar para outro local, reclamando não apenas do ruído mas da baderna, principalmente à noite, inclusive de grupos que bebem em boates e depois fazem uma série de arruaças.

Ana Gontijo de Araújo acredita que os vidros da discoteca onde trabalho já foram quebrados pelos badernistas noturnos e nos fins de semana até teme percorrer alguns pontos do Setor de Diversões Sul.

Por sua vez, José Alves Pinto do Salão Unisex afirma que seu do subsolo, muito isolado para o Mércio do Venâncio VI e tudo vem melhorando.

Mauro Nogueira, do Cine Foto Close, localizada no subsolo do Acropol, também cogita de transferência para uma outra quadra, pois muitos peixos têm recuo de desistem, aqui se em consequência as frequentes se dirigem para outros setores da cidade.

O advogado José Maria Vieira acha que o Setor de Diversões Sul, principalmente depois da inauguração do praça com fontes luminosas necessita de um melhor tratamento no plano interno.

CONFIANÇA

Karim Nabut disse que tem confiança de que o Governo de Ilma Serejo Faras irá resolver o problema do SDS e a recente medida adotada pelo TIB RACAP para licitação visando construir um restaurante é indício do começo de trabalhos que objetivam colocar o Setor de Diversões Sul numa outra situação, bem melhor.

ENTULHOS

Maurício Pessin do SDO Paulo Minas considera deprimido o quadro que se verifica em pontos do SDS, principalmente a lixo, os entulhos que se formam e Jônio Melo afirma que já houve cinco principais de incêndios no local, felizmente sem maiores consequências.

POLICIAMENTO

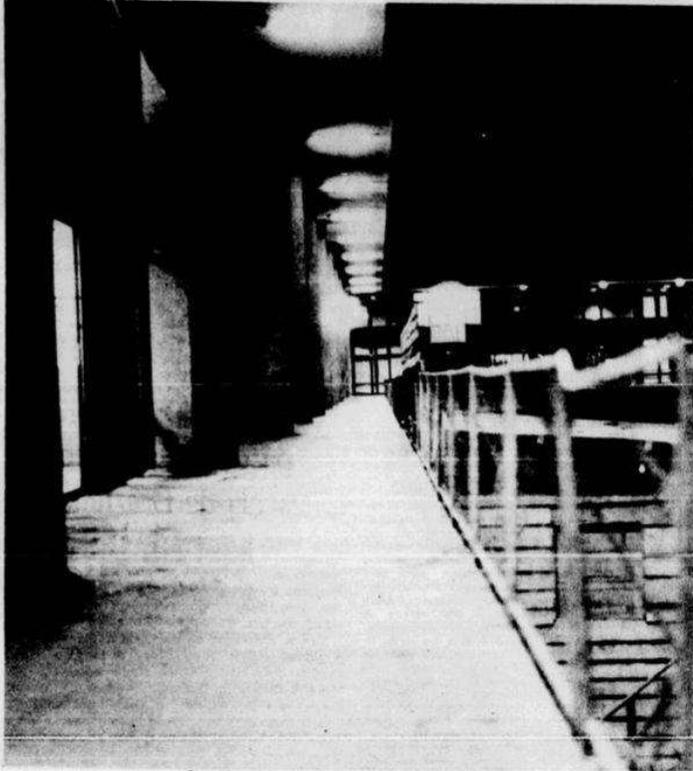
De um modo geral os que estão estabelecidos naquele local querem, como muitos, mais imediatas, um melhor policiamento para proteção e também ao público e uma ampla limpeza nos subsolos, pois pelo menos diminuir o número de ratos.

O Setor de Diversões Sul continua com uma situação higiênica precária, conforme a opinião de comerciantes e profissionais liberais ali estabelecidos. O problema é mais grave na área adjacente ao Edifício Acropol, nas imediações do Venâncio VI e do Conjunto Baracat.

A parte do subsolo, ainda não urbanizada, é local propício à proliferação de ratos que invadem as lojas causando prejuízos aos seus proprietários. O local, muito escuro, impede que eles sejam exterminados.

No subsolo do Acropol onde existiam há até pouco tempo três boates, conta agora somente com uma, a Aquarius. As boates Brasinha e Chicago cerraram as suas portas forçadas pela falta de público.

ANEXO I - Setor de Diversões continua enfrentando diversos problemas



Setor de diversões continua enfrentando múltiplos problemas

O Setor de Diversões Sul, continua a apresentar vários pontos negativos e conta com muitas lojas ainda fechadas. Os comerciantes lá estabelecidos acham que alguns melhoramentos podem ser realizados com maior brevidade, principalmente nas áreas de piso e de policiamento.

O SDS, composto de conjuntos de edifícios, apresenta, segundo os seus ocupantes, "altos e baixos", sendo as reclamações mais frequentes sobre os passeios, pois quando chove a água fica acumulada.

Para o comerciante Angelo Cianci, "inúmeros corredores estão abandonados, alguns provocando até riscos, depois de 22 horas, com os pontos esperando inquilinos". Deplora também a escuridão, "um fator que é contrário a uma mais intensa movimentação no Setor de Diversões Sul".

Já Sílvio Afonso, do Big Bar, que está funcionando há pouco tempo no subsolo do Edifício Acropol acha que "precisamos de policiamento para evitar desordens, notadamente à noite".

OS JARDINS

Angelo Cianci, de São Paulo, residindo há algum tempo em Brasília considera "de importância fundamental para o setor a urbanização da área que fica entre o Conic, e os Venâncio II, III e IV, onde de acordo com o projeto, haverá inclusive jardins o que lhe dará um colorido todo especial".

A SUJEIRA E NOSSA

Raimunda de Souza, que trabalha no subsolo do Acropol diz "que a sujeira é nossa, embora recentemente a situação tenha melhorado um pouco". Ela deplora também a quantidade de ratos existentes no SDS que "precisam ser combatidos com persistência".

Por sua vez, Alex de Oliveira, do Pink, afirma que "falta segurança no SDS, elemento primordial para uma boa circulação de pública e consequente para o progresso do Setor".

Quando chove, água e lama tomam conta de tudo

O Setor de Diversões Sul continua a apresentar vários pontos negativos e conta com muitas lojas ainda fechadas. Os comerciantes lá estabelecidos acham que alguns melhoramentos podem ser realizados com maior brevidade, principalmente nas áreas de piso e de policiamento.

O SDS, composto de conjuntos de edifícios, apresenta, segundo os seus ocupantes, "altos e baixos", sendo as reclamações mais frequentes sobre os passeios, pois quando chove a água fica acumulada.

Para o comerciante Angelo Cianci, "inúmeros corredores estão abandonados, alguns provocando até riscos, depois de 22 horas, com os pontos esperando inquilinos". Deplora também escuridão, "um fator que é contrário a uma mais intensa movimentação no Setor de Diversões Sul".

Já Sílvio Afonso, do Big Bar, que está funcionando há pouco tempo no subsolo do Edifício Acropol acha que "precisamos de policiamento para evitar desordens, notadamente à noite".

ANEXO J – SDS: imagem feia de Brasília

SDS: imagem feia de Brasília

Brasília é uma cidade que enche os olhos do visitante. Pela sua beleza arquitetônica, pelos amplos espaços, que dão a quem chega uma grande sensação de liberdade, pelas enormes áreas verdes e jardins bem cuidados, pela sua luminosidade e principalmente, pela sua limpeza.

Mas como se não fizesse parte de Brasília, o Conjunto Venâncio, situado no Setor de Diversões Sul, não tem como suas aquelas características. Paisagens inacabadas, poças d'água, grandes quantidades de lixo acumulado e espalhado pelo conjunto à mostra dos transeuntes são as características do Setor de Diversões Sul.

A impressão causada a quem vai ali fazer compras, ou simplesmente passear é péssima. O impacto visual provocado pela sujeira tem o seu efeito aumentado pelo mau cheiro, que sobe das lixeiras improvisadas e da água empossada nos corredores.

Outro problema apresentado pelos que ali trabalham é a grande afluência ao local, de pivetes, mendigos e prostitutas. Sendo assim, o que poderia ser um agradável local de lazer e um agradável centro comercial tem as suas funções prejudicadas pela falta de higiene e pela má fiscalização. Os consumidores então procuram outros locais onde comprar e se divertir, e os comerciantes têm as suas vendas reduzidas.



No Setor de Diversões Sul, lixo abandonado nas passagens é imagem comum

Raimundo Brito, da 'Casa do Livro', por sinal uma boa livraria, é quem diz: 'O piso aqui em frente não foi terminado. Quando chove, mal se pode andar. Já houve até casos de fratura. O aspecto, quando chove, é tétrico. Até os filmes são colocados de acordo com o ambiente... Kung - Fu etc. O comércio poderia ser melhor se houvesse maior limpeza. Outro grande problema são os pivetes e malandras. Outro dia um cara foi assaltado aqui embaixo'.

Lívio Correa, da loja 18 gráfica: 'Eu só sei que a sujeira atrapalha. Se fizessem uma limpeza aqui seria ótimo. Isso parece uma favela'.

Ana Gontijo de Araújo, da Pop Discos: 'Está precisando de limpeza geral e iluminação total. De manhã a porta da minha loja está cheia de lixo. Quando chove isso aqui fica horrível, mas se reclamação adiantasse eles já teriam feito alguma coisa'.

Gançalo Maurão e Melo, dono da Belmudas: 'Tanto a sujeira como o mau cheiro atrapalham o comércio. Outra coisa que atrapalha são os pivetes, que até dormem no conjunto'.

RESTAURANTE POPULAR

Será entregue à população, em abril, dia 21, o Restaurante Popular que está sendo construído no Conjunto Venâncio, Setor de Diversões Sul.

O restaurante contará com banca de revista, lanchonete, jardins com espelho d'água e bancos de descanso para os seus usuários.

Brasília é uma cidade que enche os olhos do visitante. Pela sua beleza arquitetônica, pelos amplos espaços que dão a quem chega uma grande sensação de liberdade pelas enormes áreas verdes e jardins bem cuidados pela sua luminosidade e principalmente pela sua limpeza.

Mas como se não fizesse parte Brasília, o Conjunto Venâncio, situado no Setor de Diversões Sul, não tem como suas aquelas características. Paisagens inacabadas, poças d'água, grandes quantidades de lixo acumulado e espalhado pelo conjunto à mostra dos transeuntes são as características do Setor de Diversões Sul.

A impressão causada a quem vai ali fazer compras, ou simplesmente passear é péssima. O impacto visual provocado pela sujeira tem o seu efeito aumentado pelo mau cheiro, que sobe das lixeiras improvisadas e da água empossada nos corredores.

Outro problema apresentado pelos que ali trabalham é a grande afluência ao local, de pivetes, mendigos e prostitutas. Sendo assim, o que poderia ser um agradável local de lazer e um agradável centro comercial tem as suas funções prejudicadas pela falta de higiene e pela má fiscalização. Os consumidores então procuram outros locais onde comprar e se divertir, e os comerciantes têm as suas vendas reduzidas.

ANEXO K – As noites alegres (e sujas)

1 O som de boleros e sambas, tocados no último volume, denuncia a zona boêmia e perigosa do centro de Brasília. É o Setor de Diversões Sul, onde têm convivência forçada o comércio legal e os "hippies", os funcionários de escritórios e a grande marginalidade.



2 Triste fim da área que fora projetada para ser uma réplica sólida da Veneza italiana. Por ironia, quando chove os becos se transformam em vastos canais aquáticos, que transportam uma lama grossa e podre. E o complemento desse quadro são constantes assaltos e brigas.

As noites alegres (e sujas)

Assaltos, brigas, prostituição (masculina e feminina) e sujeira no SDS

**TEIXEIRA CRUZ
FEVERIDO LEITÃO**

Um disco, Bolero, fornece a característica musical e é iniciada mais uma função noturna nas suas galerias do subsolo do Setor de Diversões Sul de Brasília, localizado num ponto definido como o coração da cidade entre o Setor Comercial Sul e a Estação Rodoviária. Ao contrário de outras áreas da capital que têm experimentado um constante progresso o SDS chegou mesmo a involuir.

Adormecido numa série de problemas enfrentando a presença incômoda de desordeiros contumazes. O Setor de Diversões Sul é inclusive conhecido como Cais do Porto de Brasília e Ambiente da Pesada. É um dos seus becos, onde sucedem brigas e a Boca do Lixo. Beco Internacional e outras denominações ainda mais deprimentes.

Até na Boca do Lixo se tornaram comuns as arruaças, brigas, assaltos ou simplesmente os batucadas em grupos a que obriga a adoção de medidas de rigoroso policiamento preventivo, já que os transeuntes passaram a se sentir ameaçados.

Depois das 20 horas, o setor aqui vira caos do pólo e quem vem, irá se arriscar a levar umas batucadas ou até mesmo coisa pior, relata Antonio Rodrigues de Souza que trabalha na galeria, mas que já se prepara para voltar, sem o perigo é quase permanente e a gente não pode produzir bem em clima de sobressalto de brigas e de confusão.

"TERRITÓRIO LIVRE"

Explica que assim a noite, nas imediações do edifício Arapaj e do Venâncio VI, o ambiente fica tenso com milhares de vida alegre correndo e fazendo badernas, os desocupados de sempre bebendo aguardente. Os bares vendem bebidas até altas horas de qualquer hora do dia e da noite, em uma verdadeira caça.

É provável que "De dia o quadro é um mau a noite é um espanto. O visitante que por acaso faça as suas compras durante o dia e não sepa de Brasília não pode imaginar o que acontece a noite, notadamente nos finais de semana."



A sujeira do subsolo: aqui dormem pessoas emgroças e em pânico.

CENSURA 16 ANOS
MILHÃO A POVO QUE O TEMPO ESQUECEU

O filme de Lima parece retratar a situação do centro comercial.

A própria imagem do SDS no cinema.

Triste fim da área que fora projetada para ser uma réplica sólida da Veneza italiana. Por ironia, quando chove os becos se transformam em vastos canais aquáticos, que transportam uma lama grossa e podre. E o complemento desse quadro são constantes assaltos e brigas.

O som de boleros e sambas, tocados no último volume, denuncia a zona boêmia e perigosa do centro de Brasília. É o Setor de Diversões Sul, onde têm convivência forçada o comércio legal e os "hippies", os funcionários de escritórios e a grande marginalidade.

Um disco boêmio fornece a característica musical e é iniciada mais uma função noturna nas sujas galerias do subsolo do Setor de Diversões Sul de Brasília, localizado num ponto definido como o coração da cidade entre o Setor Comercial Sul e a Estação Rodoviária. Ao contrário de outras áreas da capital que têm experimentado um constante progresso, o SDS chegou mesmo a involuir.

Adormecido numa série de problemas enfrentando a presença incômoda de desordeiros contumazes. O Setor de Diversões Sul é inclusive conhecido como Cais do Porto de Brasília e "Ambiente da Pesada". Em um dos seus becos, onde sucedem brigas, é a Boca do lixo. Beco Internacional e outras denominações ainda mais deprimentes.

ANEXO L – Crise no Setor de Diversões

Crise no Setor de Diversões

Donos de boates querem que a polícia dê segurança ao público

Há os setores bem cuidados, outros que são autênticos pardieiros. Há áreas que já se notabilizaram pela violência, pelas frequentes confusões, arruaças, brigas e agressões de toda ordem, principalmente na faixa do subsolo do Edifício Acropol, zona denominada Cais do Porto de Brasília e chamada de Vietnam por alguns em função do clima de belicosidade que ali reina.

No último final de semana foram registradas mais de seis brigas naquele local, correrias, uma balbúrdia impressionante que afetou áreas pedonais que se dirigem para o cinema. A pancadaria aliá, foi a típica do último fim de semana, o que geralmente ocorre com uma total regularidade.

Para os que se arriscam a ir ao SDB, após as 22 horas, somente um policiamento preventivo e ostensivo, ainda poderá protegê-los dos burlões e marginais que transformam aquele setor em praça de guerra. Eles insultam as pessoas e praticam vários atos chocantes.

A crise do SDB remonta a seu início no ano de 1977, quando grupos organizados, promoviam jogos, jogos, jogos diariamente. Eles também praticam, mesmo durante o dia, nos corredores do subsolo, notadamente nas imediações do Acropol e do edifício Vietnam e Jantar. A maioria dos desocupados andava armada, e que tornava o ambiente ainda mais desagradável para as pessoas que ali estavam.

Atualmente ainda de violência constante para todos, o Setor de Diversões Sul, bem mais recente, tem encontrado nos seus subsolos, bares esconderijos, locais que alguns chegam a residir por lá, em condições subumanas. Há SDB em função da violência há áreas classificadas de zonas perigosas, onde é temerário passar em algumas horas da noite, pois existe o risco de um assalto ou de uma agressão, o que evidentemente cria uma atmosfera de consternamento.

O Setor de Diversões Norte (Conjunto Nacional Brasília) e o Setor de Diversões Sul (Estação Rodoviária) tem mais de dez anos de existência e, ainda, não alcançaram o seu verdadeiro objetivo: proporcionar entretenimento amplo e sadio ao brasileiro. Também não vêm cumprindo a finalidade de representar um dos "cartões de visita" da Capital.

A culpa dessa situação, para alguns, cabe à polícia que não reprime, como se faz necessário, as centenas de marginais, prostitutas e outros desocupados que frequentam, diariamente, os bares dos dois setores. E, assim, as brigas, agressões e assaltos são fatos do cotidiano.

Até parece uma área pantanosa.

Até parece uma área pantanosa.

O Setor de Diversões Norte (Conjunto Nacional Brasília) e o Setor de Diversões Sul (Estação Rodoviária) tem mais de dez anos de existência e, ainda, não alcançaram o seu verdadeiro objetivo: proporcionar entretenimento amplo e sadio ao brasileiro. Também não vêm cumprindo a finalidade de representar um dos “cartões de visita” da Capital.

A culpa dessa situação, para alguns, cabe à polícia que não reprime, como se faz necessário, as centenas de marginais, prostitutas e outros desocupados que frequentam diariamente os bares dos dois setores. E, assim, as brigas, agressões e assaltos são fatos do cotidiano.

Nele há setores bem cuidados, outros que são autênticos pardieiros. Há áreas que já se notabilizaram pela violência, pelas frequentes confusões, arruaças, brigas e agressões de toda ordem, principalmente na faixa do subsolo do Edifício Acropol, zona denominada Cais do Porto de Brasília e chamada Vietnam por alguns em função do clima de belicosidade que ali reina.